









LIMA BARRETO

Historias

— e —

Sonhos

CONTOS



“Amplius ! Amplius !”
Sim ; sempre mais longe!

LIVRARIA EDITORA
→ de →
GIANLORENZO SCETTINO
RUA SACHET, 18
RIO DE JANEIRO

HISTORIAS E SONHOS

LIMA BARRETO

Historias e Sonhos

CONTOS

**«Amplius! Amplius!»
Sim; sempre mais longe!**



GIANLORENZO SCETTINO
LIVRARIA EDITORA
18, RUA SACHET, 18
RIO DE JANEIRO

A

PRUDENCIO MILANEZ



Amplius!

Como me parecesse necessario um prefacio para essa collectanea de contos e phantasias de varias epochas e cousas de minha vida, julguei-me no direito de republicar, á testa della, as linhas que se seguem, com o titulo acima, editadas, poucos mezes depois do apparecimento do meu livro *Triste fim de Polycarpo Quaresma*.

Appareceram em um jornal de grande circulação da cidade do Rio de Janeiro, *A Epoca*, e eu tive com ellas o intuito de esclarecer o que poderia haver de obscuro em certas passagens dos meus humildes trabalhos. Trata-se agora de contos e cousas parecidas, mais do que nunca ellas me parecem necessarias, á bôa intelligencia de que a minha mão inhabil quer dizer e não soube; e eu as transcrevo aqui, na supposição de que não são demais.

Eil-as como saíram em Setembro de 1916 :

«Tendo publicado, ha poucos mezes um livro, poderá parecer a alguns leitores que estas linhas se destinam a responder criticas feitas á minha humilde obra. Não ha tal. Já não sou mais menino, e desde que me metti nessas coisas de letras, foi com toda a decisão, sinceridade e firme desejo de ir até ao fim.

Quem, como eu, logo ao nascer está exposto á critica facil de toda a gente, entra logo na vida, se quer viver, disposto a não se incommodar com ella.

A unica critica que me aborrece é a do silencio, mas esta é determinada pelos inveiosos impotentes que foram chamados a coisas de letras, para enriquecerem e imperarem. Deus os perdõe, pois affirma Carlyle que «Men of Lettre are a perpetual Priesthood...»

De resto, todos os criticos só tiveram gabos para a minha modesta novella; e, si não fôra alguns me serem quasi desconhecidos, temeria que fossem inimigos disfarçados que conspirassem para me matar de vaidade.

A razão destas linhas é outra, muito outra, e eu explico já.

A emoção do recebimento de uma carta anonyma só me foi dado experimentar ultimamente. Muitas dessas coisas banaes da vida têm-me chegado assim tardiamente e algumas, pouco corriqueiras, antes do tempo normal aos outros.

A carta era anonyma, mas absolutamente não era injuriosa. Vinha escripta em linda letra e eu tenho pena em não acreditar-a feminina, pois si fosse metteria uma inveja doida aos galantes dos cinemas e maxixes da moda, linda gente feita de pedacinhos de mulheres feias.

Não tive portanto a emoção completa da carta anonyma, pois a missiva era cortez, fazendo sobre o meu «Polycarpo», reparos sagazes e originaes.

Sympathisei tanto com o escripto que não pude furtar-me ao desejo de responder, de qualquer fôrma que pudesse ao desconhecido autor.

E' o que pretendo fazer aqui.

Apesar de toda a intelligencia que reçuma das palavras que a epistola contém, não me parece que o autor estivesse em certos quarteirões, muito fôra dos modas de ver da nossa retórica usual.

Percebi que tem de estylo a noção corrente entre leigos e... literatos, isto é, uma fôrma excepcional de escrever, rica de vocabulos, cheia de emphase e arrebiques, e não como se o deve entender com o unico criterio justo e seguro: uma maneira permanente de dizer, de se exprimir a escriptor, de accordo com o que quer communicar e transmittir.

Como não tocasse de frente em tal questão, deixo de parte semelhante ponto e reservo uma resposta mais ampla, detalhada para qualquer critico ulterior. Veremos, então se Descartes tem ou não estylo; e se Bossuet é ou não um estylo.

O que, porém, me faz contestar o meu amavel correspondente anonymo, é a sua insistencia em me fallar na Grecia, na Hellade sagrada, etc. etc.

Implico solemnemente com a Grecia, ou melhor: implico solemnemente com os nossos chloroticos gregos da Barra do Córda e pançudos hellenos da praia do Flamengo. (Vide banhos de mar).

Sainte Beuve disse algures que, de cincoenta em cincoenta annos, faziamos da Grecia uma idéa nova. Tinha razão.

Ainda ha bem pouco o sr. Theodoro Reinach, que deve entender bem dessas coisas de Grecia, vinha dizer que Sapho não era nada disso que nós della pensamos; que era assim como mme. Sevigné. Devia-se interpretar a sua linguagem misturada de fogo, no dizer de Plutarcho, como uma pura exaltação da mulher. A poesia saphica seria, em relação á mulher, o que o dialogo de Platão é em relação ao homem. Houve escandalo.

Não é este o unico detalhe, entre muitos, para mostrar de que maneira pôdem variar as nossas idéas sobre a velha Grecia.

Creio que, pela mesma época em que o sr. T. Reinach lia na sessão das cinco Academias reunidas, o resultado das suas investigações sobre Sapho, se representou na Opera, de Paris, um drama lyrico de Saint-Saens — «Djanira». Sabem os leitores como vinham vestidos os personagens? Sabem? Com o que nós chamamos nas casas das nossas familias pobres — colchas de retalhos. Li isto em um folhetim do sr. P. Lalo, no «Temps».

Esta modificação no trajar tradicional dos heroes gregos, pois se tratava delles no drama, obedecia a injuncções das ultimas descobertas archeologicas. O meu sympathico missivista pôde ver por ahi como a sua Grecia é, para nós, instavel.

Em materia de esculptura grega, podia eu, com o muito pouco que sei sobre ella, epilogar bastamente. E' sufficiente lembrar que era regra admittida pelos artistas da Renascença que, de accordo com os preceitos gregos, as obras esculpturaes, não podiam ser pintadas.

E' que elles tinham visto os marmores gregos lavados pelas chuvas; entretanto, hoje, segundo Max Collignon, está admittido que as frisas do Parthenon eram coloridas.

A nossa Grecia varia muito e o que nos resta della são ossos descarnados, insufficientes talvez para recompol-a como foi em vida, e totalmente incapazes para nos mostrar ella viva, a sua alma, as idéas que a animavam, os sonhos que queria ver realisados na Terra, segundo os seus pensamentos religiosos.

Atermo-nos a elles, assim variavel e fugidia, é impedir que realisemos o nosso ideal, aquelle que está na nossa consciencia, vivo no fundo de nós mesmos, para procurar a belleza em uma carcassa cujos ossos já se fazem pó.

Ella não nos pode mais fallar, talvez nem mesmo balbuciar, e o que nos tinha a dar, já nos deu e vive em nós inconscientemente.

Como se vê, o meu correspondente está preso a idéas mortas; e, em materia de novella, por certas notações que faz, á minha, si não está jungida a um pensamento morto, deixou-se prender por uma generalisação que a experiencia do genero não legitima.

Estranha o meu inesperado correspondente que o meu modesto livro fuja á questão de amor; não seja ella o eixo do livro. Mas, caro senhor, essa questão nunca foi primordial no romance.

Nem nos antigos, nem nos modernos. Nem nos francezes, nem nos hespanhoes. Se o senhor me cita «Dafnis e Cloé», eu cito o «Satyricon»; se o sr. me cita a «Princesse de Clèves», eu lhe apresento «Lazarillo de Tormes».

Nos grandes mestres modernos, Balzac, Tolstoi, Turguineff, Dostoiewski, quasi sempre o amor é levado para o segundo plano; e essa sua generalisação de que o primordial do romance, e seu caracteristico, por assim dizer, é tratar de uma aventura de amor, é tão verdadeira e necessaria como aquella regra das tres unidades, em materia de drama e tragedia, de que os criticos antigos faziam tanta questão, citando Aristoteles, que nunca a tinha estabelecido.

Parece-me que o nosso dever de escriptores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos generos e aproveitar de cada um delles o que puder e procurar, conforme a inspiração propria, para tentar reformar certas usanças, suggerir duvidas, levantar julgamentos adormecidos, diffundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do soffrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuaes e de que ellas têm de commum e dependente entre si.

A literatura do nosso tempo vem sendo isso nas suas maiores manifestações e possa ella realisar, pela virtude da forma, não mais a tal belleza perfeita da fallecida Grecia, que já foi realisada; não mais a exaltação do amor que nunca esteve a perecer; mas a communhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo que todos se compreendam, na infinita dôr de serem homens, e se entendam sob o açoitado da vida, para maior gloria e perfeição da humanidade.

E' ideal dos nossos dias que é ainda belleza a palpar nas suas mais altas manifestações espirituaes; e não, como o meu correspondente pensa, o resurgimento de concepções desaparecidas, de que só conhecemos poucas e raras manifestações exteriores, que só podem entorpecer a marcha da nossa triste humanidade para uma exacta e mais perfeita comprehensão della mesma.

Não desejamos mais uma literatura contemplativa, o que raramente ella foi; não é mais uma literatura plastica que queremos, a encontrar belleza em déuses para sempre mortos, manequins actualmente, pois a alma que os animava, já se evolou com a morte dos que os adoravam.

Não é isso que os nossos dias pedem; mas uma literatura militante para maior gloria da nossa especie na terra e mesmo no Céu.

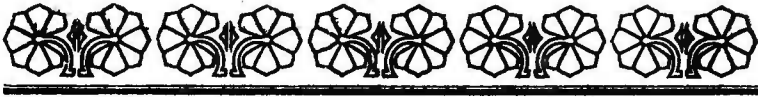
O meu correspondente accusa-me tambem de empregar processos do jornalismo nos meus romances, principalmente no primeiro.

Poderia responder-lhe que, em geral, os chamados processos do jornalismo vieram do romance; mas mesmo que, nos meus, se dê o contrario, não lhes vejo mal algum, desde que elles contribuam por menos que seja para communicar o que observo; desde que possam concorrer para diminuir os motivos de desintelligencia entre os homens que me cercam.

Se conseguirem isso, por pouco que seja, dou-me por satisfeito, pois todos os meios são bons quando o fim é alto; e já Brunetièrre me disse que o era, ao sonhar em esforçar-me, na medida das minhas forças, para fazer entrar no patrimonio commum do espirito dos meus contemporaneos, consolidando pela virtude da fórma tudo o que interessa o uso da vida, a direcção da conducta e o problema do nosso destino

E, como elle queria, assim como querem todos os mestres, eu tento tambem executar esse ideal em uma lingua intelligivel a todos, para que todos possam chegar facilmente á comprehensão daquillo a que cheguei através de tantas angustias. No mundo, não ha certezas, nem mesmo em geometria; e, se alguma ha, é aquella que está nos evangelhos: amae-vos uns aos outros.

Para attingir tão alto escopo, tudo serve; e, como S. Francisco Xavier, todos nós, que andamos em missão entre hindús, separados em castas hostis, entre malaios ferozes e perfidos, entre japonezes que se guerreiam feudalmente; todos nós, dizia eu, só devemos ter a divisa do Santo: «Amplius!» «Amplius!» Sim; sempre mais longe!



O Moleque

A Arnaldo Damasceno Vieira

Reclus, na sua *Geographia Universal*, tratando do Brasil, notava a necessidade de conservarmos os nomes tupys dos logares de uma terra. Têm elles, diz o grande geographo, a vantagem de possuir quasi todos um sentido claro, muito claro, nas suas palavras, exprimindo algum facto da natureza, a côr das aguas correntes, a altura, a forma ou o aspecto dos rochedos, a vegetação ou a aridez da região. No Rio de Janeiro, ha de facto nomes tupys tão eloquentes, para traduzir a forma ou o encanto dos logares que ficamos pasmos, quando lhes sabemos a significação, com o poder poeticô, com a força de emoção superior de que eram capazes os primitivos cannibae habitantes desta região, diante dos aspectos da natureza tão bella e singular que é a que cerca e limita a nossa cidade. Bastam os nomes da bahia. Como não traduz bem a sua seducção, o seu recato, a sua fascinação, o nome: Guanabara — seio do mar? E se o mar abriu aqui um seio foi para nelle esconder as suas aguas — Niteroy — agua escondida.

Esses nomes tupys, nos accidentes naturaes das cercanias da cidade, são os documentos mais antigos que ella possui das vidas que aqui floresceram e morreram. Edificada em um terreno que é o mais antigo do globo, nos depositos sedimentares das velhas regiões, até hoje não se encontram vestigios quaesquer da vida prehistorica. A terra é velha, mas as vidas que viveram nella, não deixaram, ao que parece, nenhum traço directo ou indirecto de sua passagem. Os mais antigos testemunhos das existencias anteriores ás nossas, que por aqui passaram, são esses nomes em linguagem dos indios que habitavam estes logares; e são assim bem recentes, relativamente.

Ha, parece, na fatalidade destas terras, uma necessidade de não conservar impressões das successivas camadas de vida que ellas deviam ter presenciado o desenvolvimento e o desaparecimento. Estes nomes tupaicos mesmo tendem a desaparecer e todos sabem, que, quando uma turma de trabalhadores, em excavações de qualquer natureza, encontra uma igaçaba, logo se apressam em partil-a, em destruil-a como cousa demoniaca ou indigna de ficar entre os de hoje. A pobre talha mortuaria dos tamoyos é sacrificada impiedosamente.

Frageis eram os artefactos dos indios e todas as suas outras obras; frageis são também as nossas de hoje, tanto assim que os mais antigos monumentos do Rio são de seculo e meio; e a cidade vae já para o caninho dos quatrocentos annos.

O nosso granito vetusto, tão velho quanto á terra, sobre o qual repousa a cidade, capricha em querer o fragir, o pouco duradouro. A sua grandeza e a sua antiguidade não admittem rivaes.

Ainda hoje esse espirito do logar domina a construcção dos nossos edificios publicos e particulares, que estão a rachar e a desabar, a todo o instante. É' como se a terra não deseje que fiquem nella, outras creações, outras vidas, senão as florestas que ellas gera, e os animaes que nestas vivem.

Ella as faz brotar, apezar de tudo, para sustentar e osten-

tar um instante, vidas que devem desaparecer sem deixar vestígios. Extranho capricho. . .

Quer ser um recolhimento, um lugar de repouso, de parada, para o turbilhão que arrasta a criação a constantes mudanças nos seres vivos; mas só isto, continuando ella firme, inabalavel, gerando e recebendo vidas; mas, de tal modo que as novas que viérem, não possam saber quaes foram as que lhes antecederam.

Desde que as suas rochas surgiram, quantas formas de vida ella já viu? Innumeradas, milhares; mas de nenhuma quiz guardar uma lembrança, uma religião, para que a Vida não acreditasse que podia rivalizar com a sua eternidade.

Mesmo os nomes indios, como já foi observado, se apagam, vão se apagando, para dar lugar a nomes banaes de figurões ainda mais banaes, de fórma que essa pequena antiguidade de quatro seculos desaparecerá em breve, e as novas denominações talvez não durem tanto.

Nenhum testemunho, dentro em pouco, haverá das almas que elles representam, dessas consciencias tamoyas que tentaram, com taes appellidos macular a virgindade da incalculavel duração da terra. Sapopemba, é já um general qualquer, e tantos outros logares do Rio de Janeiro, vão perdendo insensivelmente os seus nomes tupys.

Inhaúma é ainda dos poucos logares da cidade que conserva o seu primitivo nome caboclo, zombando dos esforços dos nossos edis para apagal-o.

E' um suburbio de gente pobre, e o bonde que lá leva, atravessa umas ruas de largura desigual, que não se sabe, porque, ora são muito estreitas, ora muito largas, bordadas de casas e casitas sem que nellas se depare um jardiminho mais tratado ou se lobrigue, aos fundos, uma horta mais viçosa. Ha, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam coutra aquelle abandono da terra. Fogem para lá, sobretudo para os seus morros e escuros arredores, aquelles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o logar das macumbas, das praticas de feitiçaria com que a theologia da policia implica, pois

não póde admittir nas nossas almas depositos de crenças ancestraes. O espiritismo se mistura a elles e a sua diffusão é pasmosa. A igreja catholica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. E' quasi abstracta para elle, theorica. Da divindade, não dá, apezar das imagens, de agua benta e outros objectos do seu culto, nenhum signal palpavel, tangivel, de que ella está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ella; mas o medium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus trancos, recebem, entretanto, almas e espiritos que, por já não serem mais da Terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e immensa sabedoria.

Os mediuns que curam, merecem mais respeito a veneração que os mais famosos medicos da moda. Os seus milagres são contados de bocca em bocca, e a gente de todas as condições e matizes de raça a elles recorre nos seus desesperos de perder a saude e ir ao encontro da Morte. O curioso — o que era preciso estudar mais de vagar — é o amalgame de tantas crenças desconhecidas a que preside a igreja catholica com os seus santos e beatos. A feitiçaria, o espiritismo, a cartomancia e a agiologia catholica se baralham naquellas praticas, de modo que faz parecer que de tal baralhamento de sentimentos religiosos possa a vir nascer uma grande religião, como nasceram de semelhantes misturas as maiores religiões historicas.

Na confusão do seu pensamento religioso, nas necessidades presentes de sua pobreza, nos seus embates moraes e dos familiares, cada uma dessas crenças attende a uma solicitação de cada uma daquellas almas, e a cada instante de suas necessidades.

A gravidade de pensamento que todo esse espectáculo provoca e as lembranças historicas que acodem, fazem perguntar se a terra que não tem querido guardar na sua grandeza traços das vidas e das almas que por ellas têm passado, ainda desta vez não consentirá que fiquem vestígios, pegadas, impressões das actuaes que, nella, hoje sofrem e mergulham, a seu modo, no Mystério que nos

cerca, para esquecel-a soturnamente e a luz do sol, alegre, clara, forte e alta, que recorta no céu azul as montanhas que se alongam para tocal-o, como se vê nesse lugar de Inhaúma, antiga aldeia de índios, a serra dos Orgãos, solemne, soberba...

Numa das ruas desse humilde arrabalde, antes trilho que mesmo rua, em que as aguas cavaram sulcos caprichosos, todo elle bordado de manacás que, quando floriam, tocavam-no de flocos brancos, morava em um barracão D. Felismina.

O *barracão* é uma especie architectonica muito curiosa e muito especial áquellas paragens da cidade. Não é a nossa conhecida choupana de sapê e de paredes *a sapapos*. É menos e é mais. É menos, porque em geral, é menor, com muito menos accomodações; é mais, porque a cobertura é mais civilisada; é de zinco ou de telhas. Ha duas especies. Em uma, as paredes são feitas de taboas; ás vezes, verdadeiramente taboas; em outras, de pedaços de caixões. A especie, mais aparentada com o nosso *rancho roceiro*, possui as paredes como este: são de taipa. Estes ultimos são mais baixos e a vegetação das bordas das ruas e caminhos os dissimula, aos olhos dos transeuntes; mas aquelles têm mais porte e não se envergonham de ser vistos. Ha alguns com dois aposentos; mas quasi sempre, tanto os de uma como de outra especie, só possui um. A cozinha é feita fóra, sob um telheiro tosco, um puxado no telhado da edificação, para aproveitar o abrigo de uma das paredes da barraca; e tudo cercado do mais desolador abandono. Se o morador cria gallinhas, ellas vivem soltas, dormem nas arvores, misturam-se com as dos visinhos e, por isso, provocam rixas violentas entre as mulheres e maridos, quando disputam a posse dos ovos.

Por vézes, no fundo, na frente ou aos lados delles, ha uma arvore de mais vulto: um cajueiro, um mamoeiro, uma pitangueira, uma jaqueira, uma laranjeira; mas nenhum signal de amanho do terreno, de tentativa de cultura, a não ser um canteirozinho com uns pés de mange-

ricão ou alecrim. Isto ás vezes; e, ás vezes tambem, uma touceira de bananeira.

A guaxima cresce, e o capim, e a vassourinha, e o carricho e outros arbustos sylvestres e tenazes.

O barracão de D. Felismina era de um só aposento, mas o da visinha, D. Emerenciana, tinha dous. Eram ambos da primeira especie. D. Emerenciana era casada com o Sr. Romualdo, servente ou cousa que o valha em uma dependencia da grande officina do Trajano. Era preta como D. Felismina e honesta como ella. Defronte ficava a residencia da Antonia, uma rapariga branca, com dous filhos pequenos, sempre sujos e rôtos. A sua residencia era mais modesta: as paredes do seu barracão eram de taipa.

A visinhança, ao mesmo tempo que falava della, tinha-lhe piedade :

— Coitada ! Uma desgraçada ! Uma perdida !

Era bem nova ella, mas fanada pelo soffrimento e pela miseria. Com os seus vinte e poucos annos de idade, de boas feições, mesmo delicadãs, a sua historia devia ser a triste historia de todas essas raparigas por ahi . . .

Mal tomando, ella e os filhos; mal tendo com que se cobrir, todas as manhãs, quando sahia a comprar um pouco de café e assucar, na venda do Antunes, e, na padaria do Camargo, um pão — que lhe teria custado quem sabe! que profunda provocação no seu pudor de mulher, para ganhá-lo — não se esquecia nunca de colher pelo caminho uns *boas-noites*, umas flôres de melão de S. Caetano, de pinhão, de quaresma, de manacás, de maricás — o que encontrasse — para enfeitar-se ou trazel-as nas mãos, em ramilhete.

Todos da rua dos Maricás — era este o nome daquelle trilho de Inhaúma — conheciam-lhe a vida, mas como a piedade e compaixão proprias á ternura do coração do povo humilde pela desgraça, tratavam-na como outra fosse ella e a soccorriam nas suas horas de maiores afflicções. Só e Antunes, o da venda, com o seu empedernido.

coração de futuro grande burguez, é que dizia, se lhe perguntavam quem era :

— Uma vagabunda.

D. Felismina gozava de toda a consideração nas cercanias e até do credito, tanto no Antunes, como no Camargo da padaria. Além de lavar para fóra, tinha uma pequena pensão que lhe deixara o marido, guarda-freios da Central, morto em um desastre. Era uma preta de meia idade, mas já sem attractivo algum. Tudo nella era dependurado e todas as suas carnes flacidas. Lavava todo o dia e todo dia vivia preocupada com o seu humilde mister. Ninguem lhe sabia uma falta, um desgarró qualquer e todos a respeitavam pela sua honra e virtude. Era das pessoas mais estimadas da ruella e todos depositavam na humilde creoula a maior confiança. Só a Bahiana tinha-a mais. Esta, porém, era «rica». Morava em uma das poucas casas de tijolo da rua dos Espinhos, casa que era della. Vendedora de angú, em outros tempos, conseguira juntar alguma cousa e adquirira aquella casita, a mais bem tratada da rua. Tinha “homem” em quanto lhe servia ; e, quando elle vinha aborreeel-a mandava-o embora, mesmo a cabo de vassoura. Muito energica e animosa, possuía uma piedade contida que se revelou perfeitamente numa aventura curiosa de sua vida. Uma manhã, havia cinco ou seis annos, sahindo com o seu taboleiro de angú, encontrou em uma calçada um embrulho um tanto grande. Arriou o taboleiro e foi ver o que era. Era uma creança, branca — uma menina. Deu os passos necessarios e criava a criança, que, nas immediações, era conhecida por “bahianinha”. E, ao ir ás compras na venda, o caixeiro lhe dizia por brincadeira :

— *Bahianinha*, tua mãe é negra.

A pequena arrufava-se e respondia com indignação :

— Negra é tu, *seu burro* !

A Bahiana, porém, era *rica*, estava mais distante. D. Felismina, porém, ficava mais proximo da vida de toda aquella gente da rua. Os seus conselhos eram ouvidos e procurados, e os seus remedios eram acceitos como se patissem

HISTORIAS E SONHOS

da prescripção de um doutor. Ninguem como ella sabia dar um chá conveniente, nem aconselhar em casos de dissidias domesticas. Detestava a feitiçaria, os bruxedos, os macumbeiros, com as suas orgias e barulhadas; mas, inclinava-se para o espiritismo, frequentando as sessões do *seu* Frederico, um antigo collega do seu marido, mas branco, que morava adiante, um pouco acima. Além da medicina de chás e tizanas, ella aconselhava áquella gente os medicamentos homoeopathicos. A belladona, oaconito, a brionia, o sulfur, eram os seus remedios preferidos e quasi sempre os tinha em casa, para o seu uso e dos outros.

Certa vez salvou um dos filhos da Antonia de uma convulsão e esta lhe ficou tão grata que chegou a prometter que se emendaria.

D. Felismina morava com o seu filho José, o Zêca, um pretinho de pelle de velludo, macia de acariciar o olhar, com a carapinha sempre aparada pelos cuidados da mão de sua mãe, e tambem com as roupas sempre limpas, graças tambem aos cuidados della.

Tinha todos os traços de sua raça, os bons e os máos; e muita doçura e tristeza vaga nos pequenos olhos que quasi ficavam no mesmo plano da testa estreita.

Era-lhe este seu filho, o seu braço direito, o seu unico esteio, o arrimo de sua vida com os seus nove ou dez annos de idade. Doce, resignado, e obediente, não havia ordem de sua mãe que elle não cumprisse religiosamente. De manhã, o seu encargo era levar e trazer a roupa dos freguezes; e elle carregava os taboleiros de roupa e trazia as trouxas, sem o mais pequeno desvio de caminho. Se ia á casa do *seu* Carvalho, ia até lá, entregava ou recebia a roupa e voltava sem fazer a menor traquinada, a menor escapada de criança por aquellas ruas que são mais estradas que ruas mesmo. Almoçava e a mãe quasi sempre precisava.:

— Zêca, vai á venda e traz dous tostões de sabão «regador».

Na venda, entre todo aquelle pessoal tão especial e curioso das vendas suburbanas: carroceiros, verdureiros,

carvoeiros, de passagens; *habitués* do paraty, como os ha na cidade de *chopps*; conversadores da vizinhança, gente sem ter que fazer que não se sabe como vivem, mas que vivem honestamente; um ou outro degradado da sua condição anterior ou nascimento — entre toda essa gente, Zéca era mais imperioso e gritava:

— Caixeiro, *mi* serve já. Dous tostões de sabão “regador”.

Se o caixeiro estava attendendo á D. Anninha, mulher do servente dos Telegraphos, Fortes, e não vinha attendel-o logo, Zéca insistia, fingindo-se irritado:

— *Mi despache*, caixeiro! Dous tostões de sabão “regador”.

Seu Eduardo, o caixeiro, que era bom e habituado a supportar a insolencia dos pequenos que vão ás compras, fazia docemente:

— Espere, menino. Você não vê que estou servindo, aqui, a D. Anninhas!

A mãe tinha vontade de pôl-o no collegio; ella sentia a necessidade disso todas as vezes que era obrigada a sommar os rões. Não sabendo lêr, escrever e contar, tinha que pedir a *seu* Frederico, aquelle *branco* que fôra collega do seu marido. Mas, pondo-o no collegio, quem havia de levar-lhe e trazer-lhe a roupa? Quem havia de fazer-lhe as compras?

A’ tarde, Zéca descansava, brincava com as crianças do lugar um pouco; mas, ao anoitecer, já estava perto da mãe que remendava a roupa dos freguezes, á luz do lampeão de kerozene, cuja fumaça ennegrecia o zinco do tecto do barracão.

Se bem fosse com a mãe todos os mezes receber a modica pensão que o pai deixara, na Caixa dos Guarda-Freios, o seu sonho não era viver no centro da cidade, nas suas ruas brilhantes, cheias de bondes, automoveis, carroças e gente. Zéca desprezava aquillo tudo. O seu sonho era o Engenho de Dentro e o seu cinema. Ter dinheiro, para ir sempre a elle, vêr-lhe instantemente as *fitas* que os grandes cartazes annunciavam e o tympano a soar continuamente

insistia no convite de vê-las. Quando sua mãe permitia, aos domingos, com outra criança ajuizada da vizinhança, ia até á estação, até lá, derronte do fascinante cinema. Encostava-se, então, á grade da estrada de ferro e ficava a olhar, no alto, minutos a fio, aquelles grandes paineis, cheios de grandes figuras, deslumbrantes na sua cercadura de lampadas electricas, como se tudo aquillo fosse uma promessa de felicidade. Como attingiria aquillo? O céo talvez não fosse mais bello... Em cima dos seus tamancos domingueiros, com o terno de casemira que a caridade do Coronel Castro lhe déra, e a tesoura de sua mãe adaptara a seu corpo, elle, fascinado, não pensava senão naquelle cinema brilhante de luzes e apinhado de povo. Nem o apito dos trens o distrahia e só a passagem dos bondes electricos aborreciam-n'ò um pouco, por lhe tirar a vista do divertimento. Não tinha inveja dos que entravam; o que elle queria, era entrar tambem.

Como havia de ser uma *fita*? As moças se moviam sob luzes? Como faziam-n'as grandes, parecidas? Como apreciavam os homens tal e qual? As arvores e as ruas? E sem fallar, como é que tudo aquillo fallava?

Podia ter dinheiro para ir, pois, em geral, sempre os freguezes de sua mãe lhe davam um nickel ou outro; mas, mal os apanhava, levava-os á mãe que sempre andava necessitada delles, para a compra do trincal, do polvilho, do sabão e mesmo para a comida que comiam. Distrahil-os com o cinema seria feio e ingratição, para com a sua mãe. Um dia havia de ir ao Cinema, sem sacrificial-a, sem enganar-a, como máo filho. Elle não o era como o Carlos que até furtava os do proprio pae...

Zéca, por seu procedimento, pela sua dedicação á mãe, era muito estimado de todos e todos lhe davam gratificações, gorgetas, balas, fructas, quando ia entregar ou buscar a roupa.

Muitos se interessavam com a mãe, para pôl-o em um recolhimento, em um Asylo; ella, porém, embora quizesse vêl-o sabendo lêr, sempre objectava, e com razão, a necessidade que tinha dos seus serviços, pois era este seu unico

filho o braço direito della, seu unico auxilio, o seu unico *homem*.

Uma vez quasi cedeu. O *seu* Castro, o Coronel, empregado aposentado da Alfândega, conhecido em Inhaúma pelo seu genio bemfazejo e o seu infortunio com os filhos e filhas, viera-lhe até á sua propria casa, até áquelle barracão, naquella modesta rua, bordada de um lado e outro de sébes de maricás e de *pinhão*, e expoz-lhe a que vinha. D. Felismina respondeu-lhe com lagrimas nos olhos :

— Não posso, *seu* Coronel ; não posso . . . Como hei de viver sem elle ? E' elle quem me ajuda . . . Sei bem que é preciso aprender, saber, mas . . .

— Você vae lá para casa, Felismina; e não precisa estar matando-se.

Titubeou a rapariga e o velho funcionario comprehendeu, pois desde ha muito já tinha comprehendido, na gente de côr, especialmente nas negras, esse amor, esse apego á casa propria, á sua choupana, ao seu rancho, ao seu barracão — uma especie de protesto de posse contra a dependencia da escravidão que soffreram durante seculos. Apesar da recusa, o Coronel Castro, em quem a idade e as desgraças domesticas, tinham mais enchido de bondade o seu coração naturalmente bom, nunca deixou de interessar-se pela criança que o penalisava excessivamente. A sua meiguice, a sua resignação, aquelle arduo trabalho diario para a sua idade eram motivos para que o velho e triste-nho aposentado sempre a olhasse com a mais extremada sympathia. Quando o pretinho ia á sua casa levar-lhe a sua ou a roupa das filhas, dava-lhe sempre qualquer cousa, puxava-lhe a lingua, perguntava-lhe pelas suas necessidades.

Certo dia, em começo do anno, o pequenô Zéca chegou-lhe em casa com a physionomia um tanto transtornada. Parecia ter chorado e muito. O Coronel, homem para quem, como disse um sabio, não havia nada insignificante e desprezível que pudesse causar dôr ou prazer á mais humilde creatura, que não merecesse a attenção do philosopho—o Coronel interrogou-o sobre o motivo de sua magua.

— Foi tua mãe ?

— Não, seu Coronel.

— Que foi, então, Zéca ?

O pequeno não quiz dizer e não cessava de olhar o chão, de encaral-o, de craval-o, de caval-o, de enterrar toda a sua vida nelle. Zéca estava na varanda de uma velha casa de fazenda, como ainda as ha muitas por lá, varanda em para-peito e columnas, no classico estylo dessas velhas habitações; o Coronel nella tambem estava lendo os jornaes, na cadeira de balanço, e só deixára a leitura, quando avisitou o pequeno que subia a ladeira com o taboleiro de roupa á cabeça.

A attitude do pequeno, a sua recusa em confessar o motivo do seu chôro e o seu todo de desalento fizeram que o velho funcionario, já por ternura natural, já por bordosa curiosidade, procurasse a causa da dôr que feria tão profundamente aquella criança tão pobre, tão humilde, tão desgraçada, quasi miseravel.

— Diz, Zéca. Dize que eu te darei uma vestimenta de *diabinho* no Carnaval que está ahi.

O pretinho levantou a cabeça e olhou com um grande e brusco olhar de agradecimento, de commovido agradecimento áquelle velho de tão bellos cabellos brancos.

Confessou; e Castro nada disse a ninguem da humilde e ingenua confissão do pretinho Zéca.

Approximou-se o Carnaval; e, quando foi sabbado, vespera delle, D. Felismina retirou mais cedo dos arames a roupa branca que estivera a seccar.

Atarefada com esse serviço, ella não viu que o seu filho entrara-lhe pelo barracão a dentro, sobraçando um embrulho guizalhante e um outro, com rasgões no papel, por onde sahiam recurvados chifres e uma formidavel lingua vermelha. Era uma horriavel mascara de *diabo*.

D. Felismina veio para o interior do barracão; e poz-se a arrumar a roupa secca ou côrada. Zéca, distrahido, no outro extremo do aposento, não a viu entrar e, julgando-a lá fóra, desembrulhou os apetrechos carnavalescos. Sobre a humilde e tosca mesa de pinho, estendeu uma rubra vesti-

menta de ganga rala e uma mascara apavorante de olhos esbugalhados, lingua retorcida e chifres aggressivos, appareceu tão amedrontadora que se o proprio diabo a visse teria medo.

A mãe, ao barulho dos guizos, virou-se e, vendo aquillo, ficou subitamente cheia de más suspeitas :

— Zéca, que é isso ?

Uma visão dolorosa lhe chegou aos olhos, da casa de Detenção, das suas grades, dos seus muros altos... Ah ! meu Deus ! Antes uma boa morte !... E repetiu ainda mais severamente :

— Que é isso, Zéca ? Onde você arranjou isso ?

— Não... mamãe... não...

— Você roubou, meu filho ?... Zéca, meu filho ! Pobre, sim; mas, ladrão, não ! Ah ! meu Deus !... Onde você arranjou isso, Zéca ?

A pobre mulher quasi chorava e o pequeno, transido de medo e com a commoção diante da dôr da mãe, balbuciava titubeava e as palavras não lhe vinham. Afinal, disse :

— Mas... mamãe... não foi assim...

— Como foi ? Diz !

— Foi *seu* Castro quem me deu. Eu não pedi...

D. Felismina socegou e o pequeno tambem. Passados instantes, ella perguntou com outra voz :

— Mas para que, você quer isso ? Antes tivessem dado a você umas camisas... Para que essas bobagens ? Isto é para gente rica, que póde. Emfim...

— Mas, mamãe, eu acceitei, porque precisava.

— Disto ! ninguem precisa disto ! Precisa-se de roupa e comida... Isto são tolices !

— Eu precisava, sim senhora.

— Como, você precisava ?

— Não lhe contei que ha mezes, diversas vezes, quando passava, para ir á casa de D. Ludovina, diante do portão do Capitão Albuquerque, os meninos g...avam oh ! moleque ! — oh ! moleque ! — oh ! negro ! — oh g...ibi ! Não lhe contei ?

— Contou-me; e dahi ?

— Por isso quando o Coronel me prometeu a phantasia, eu acceitei.

— Que tem uma cousa com a outra ?

— Queria amanhã passar por lá e metter medo aos meninos que me vaiaram.



SUA EXCELLENCIA

O ministro saiu do baile da Embaixada, embarcando logo no carro. Desde duas horas estivera a sonhar com aquelle momento. Anciava estar só, só com o seu pensamento, pesando bem as palavras que proferira, relembrando as attitudes e os pasmos olhares dos circumstantes. Por isso entrára no “coupé” depressa, soffrego, sem mesmo reparar si, de facto, era o seu. Vinha cégamente, tangido por sentimentos complexos: orgulho, força, valor, vaidade.

Todo elle era um poço de certeza. Estava certo do seu valor intrinseco; estava certo das suas qualidades extraordinarias e excepcionaes. A respeitosa attitude de todos e a deferencia universal que o cercava eram nada mais, nada menos que o signal da convicção geral de ser elle o resumo do paiz, a incarnação dos seus anseios. Nelle viviam os doridos queixumes dos humildes e os espectaculosos desejos dos ricos. As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até alli, e mais alto leval-o-iam, visto que só elle, elle só e unicamente, seria capaz de fazer o paiz chegar aos destinos que os antecedentes delle impunham...

E elle sorriu, quando essa phrase lhe passou pelos olhos, totalmente escripta em caracteres de imprensa, em um livro ou em um jornal qualquer. Lembrou-se do seu curso de ainda agora.

«Na vida das sociedades, como na dos individuos...»

Que maravilha! Tinha algo de philosophico, de transcendente. E o successo daquelle trecho? Recordou-se delle por inteiro:

«Aristoteles, Bacon, Descartes, Spinoza e Spencer, como Solon, Justiniano, Portalis e Ihering, todos os philosophos, todos os juristas affirmam que as leis devem se basear nos costumes. . . .»

O olhar, muito brilhante, cheio de admiração — o olhar do “leader” da opposição — foi o mais seguro penhor do effeito da phrase. . .

E quando terminou ! Oh !

«Senhor, o nosso tempo é de grandes reformas; estejamos com elle : reformemos !»

A cerimonia mal conteve, nos circumstantes, o enthusiasmo com que esse final foi recebido.

O auditorio delirou. As palmas estrugiram; e, dentro do grande salão illuminado, pareceu-lhe que recebia as palmas da Terra toda.

O carro continuava a voar. As luzes da rua extensa appareciam como um só traço de fogo; depois sumiram-se.

O vehiculo agora corria vertiginosamente dentro de uma nevoa phosphorescente. Era em vão que seus augustos olhos se abriam desmedidamente ; não havia contornos, fórmas, onde elles pousassem.

Consultou o relógio. Estava parado ? Não; mas marcava a mesma hora e o mesmo minuto da saída da festa.

— Cocheiro, onde vamos ?

Quiz arriar as vidraças. Não pôde; queimavam.

Redobrou os esforços, conseguindo arriar as da frente. Gritou ao cocheiro :

— Onde vamos ? Miseravel, onde me levas ?

Apesar de ter o carro algumas vidraças arriadas, no seu interior fazia um calor de forja. Quando lhe veiu esta imagem, apalpou bem, no peito, as grã-cruzes magnificas. Graças a Deus, ainda não se haviam derretido. O Leão da Birmania, o dragão da China, o lingam da India estavam ali, entre todas as outras, intactas.

— Cocheiro, onde me levas ?

Não era o mesmo cocheiro, não era o seu. Aquelle homem de nariz adunco, queixo longo com uma barbicha, não era o seu fiel Manoel.

— Canalha, pára, pára, senão caro me pagarás !
O carro voava e o ministro continuava a vociferar :
— Miseravel ! Traidor ! Pára ! Pára !

Em uma dessas vezes voltou-se o cocheiro; mas a escuridão que se ia, aos poucos fazendo quasi perfeita, só lhe permittiu ver os olhos do guia da carruagem, a brilhar de um brilho brejeiro, metalico e cortante. Pareceu-lhe que estava a rir-se.

O calor augmentava. Pelos cantos o carro chispava. Não podendo supportar o calor, despiu-se. Tirou a agaloada casaca, depois o espadim, o collete, as calças. . .

Suffocado, estonteado, parecia-lhe que continuava com vida, mas que suas pernas e seus braços, seu tronco e sua cabeça dançavam, separados.

Desmaiou; e, ao recuperar os sentidos, viu-se vestido com uma réles “libré” e uma grotesca cartola, cochilando á porta do palacio em que estivera ainda ha pouco e de onde, saira triumphalmente, não havia minutos.

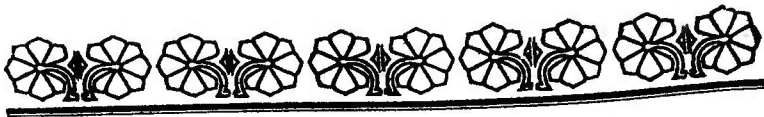
Nas proximidades um “coupé” estacionava.

Quiz verificar bem as coisas circumdantes; mas não houve tempo.

Pelas escadas de marmore, gravemente, solememente, um homem (pareceu-lhe isso) descia os degrãos, envolvido no fardão que despira, tendo no peito as mesmas magnificas grã-cruzes.

Logo que o personagem pisou na soleira, de um só impeto approximou-se e, abjectamente, como se até ali não tivesse feito outra coisa, indagou :

— V. Ex. quer o carro ?



HARAKASHY E AS ESCOLAS DE JAVA

«Tudo o que este mundo encerra é propriedade do Brahmane, porque elle, por seu nascimento eminente, tem direito a tudo o que existe».

(Codigo de Manu)

Na minha peregrinação sentimental por este mundo, fui ter, não sei como, á cidade de Batavia, na ilha de Java.

E' fama que os francezes ignoram sobremodo a geographia; mas, estou certo de que, entre nós, pouca gente tem noticias seguras dessa ilha e da capital das indias Neerlandezas.

E' pena, pois é da Terra um dos recantos mais originaes e cheio de surprehendentes mysterios que se vão aos poucos desvendando aos olhos attonitos da nossa pobre humanidade.

Lá, Dubois achou partes do esqueleto do *Pithecanthropus erectus*; e o doido do Nietszche tinha admiração por certas trepadeiras dessa curiosa ilha, porque, dizia elle, amorosas do sol, se enrodilhavam pelos carvalhos e, apoiadas nelles, elevavam-se acima dos mais altos galhos dessas arvores veneraveis, banhavam-se na luz e davam a sua gloria em espectaculo.

Os restos do afastado ancestral do homem que Dubois encontrou, não os vi quando lá estive.

Trepadeiras e cipós vi muitos, mas carvalho não vi nenhum. Nietzsche, que lá não esteve, certamente julgou que Java tinha algumas semelhanças com Saxe ou com a Suíça.

Não eram precisos os carvalhos nem as taes trepadeiras muito vulgarmente, como todas as plantas, amorosas da luz, para tornar Java interessante, porque só o aspecto mesclado de sua população, a confusão do seu pensamento religioso, as suas antiguidades buddhicas e os seus vulcões descommunes seduzem e prendem a attenção do peregrino desgostoso ou do sabio esquadrinhador.

Por mezes e mezes, o tedio mais principesco desfaz-se naquellas terras de sol candente e orgia vegetal que, talvez, com a India e os grande lagos da Africa, sejam os unicos lugares da terra que não foram ainda banalizados inteiramente.

Creio que não será assim por muito tempo. Lá estão os hollandezes; e edificaram até na cidade de Batavia, um bairro europeu, chamado na lingua delles, Weltevreden (paz do mundo), cujas damas se vestem e têm todos os tics periodicos das moças de Hong-Kong ou de Petropolis.

Nos olhos das mulheres do bairro europeu, não ha senão a mui terrena ancia da fortuna; mas, nos olhares negros, luminosos, magneticos das javanezas ha coisas, do Além, o fundo do mar, o céu estrellado, o indecifrável mysterio da sempre mysteriosa Asia. Também ha volupia e ha morte.

A massa de indús, de chinezes, de annamitas, de malaio^s e javanezes, porém, esmaga a banalidade pretenciosa daquellas hollandezas rechonchudas que estão pedindo a sua immediata volta ás monotonas campinas da patria, com as suas vaccas nedianas, os seus classicos moinhos de vento e a ligeira nevoa que parece sempre cobril-as, para readquirirem o necessario relevo das suas pessoas.

Não falando no famoso Jardim Botânico dos arredores, Batavia, como S. Paulo ou Cuyabá, possui estabelecimentos e sociedades de sciencia e de arte dignas de attenção.

A sua Academia de Lettras é muito conhecida na rua

principal da cidade, e os litteratos da ilha brigam e guerreiam-se cruamente, para occuparem um lugar nella. A pensão que recebem, é modica, cerca de cinco patacas, por mez, na nossa moeda; elles, porém, disputam o *fauteuil* academico por todos os processos imaginaveis. Um destes é o empenho, o nosso *pistolão*, que procuram obter de quaesquer mãos, sejam estas de amigos, de parentes, das mulheres, dos credores ou, mesmo, das amantes dos academicos que devem escolher o novo confrade.

Ha de parecer que, por tão pouco, não valia a pena disputar acirradamente, como fazem, taes posições. E' um engano. O sujeito que é academico, tem felicidade em arranjar bons empregos na diplomacia, na alta administração; e a grande burguezia da terra, burguezia de accumuladores de empregos, de politicos de honestidade suspeita, de leguléos afreguezados, de medicos milagrosos ou de ricos desavergonhados, cujas riquezas foram feitas á sombra de iniquas e aladroadas leis—essa burguezia, continuando, tem em grande conta o titulo de membro da Academia, como todo outro qualquer, e o academico póde bem arranjar um casamento rico ou cousa equivalente.

Lá, a litteratura não é uma actividade intellectual imposta ao individuo, determinada nelle, por uma maneira muito sua e propria do seu feito mental; para os javanezes, é, nada mais, nada menos, que um jogo de prendas, uma sorte de sala, podendo esta ser cara ou barata.

Os medicos que, em Java, têm outra denominação, como veremos mais tarde, são os mais constantes freguezes da Academia. Estão sempre a bater-lhe na porta, apezar de não ter a medicina nada que ver com a litteratura.

Pertencendo á Academia de Lettras—é o que imagino—como que elles ganham maior confiança dos clientes e mais segurança no emprego dos remedios. Assim, talvez, pensem elles e tambem o povo, tanto que a clinica lhes augmenta logo que entram para a illustre companhia javaneza.

E' bem possivel que as suas letras e a sua fascinação pela Academia visem sómente tal resultado, porquanto, entre

elles, a rivalidade na clinica é terrivel e mais ainda quando se trata de competir com collegas estrangeiros. Usam contra estes das mais desleaes armas.

Um houve, natural de um pequeno paiz da Europa e de extracção camponia, que só as poude manter á distancia, usando de armas e processos grosseiramente saloios. Estava sempre de varapão em punho e foi o meio mais efficaz que encontrou, para não lhe calumniarem e lhe prejudicarem a clinica.

A litteratura desses doutores e cirurgiões é das mais estimadas naquellas terras; e isto, por dous motivos : porque é feita por doutores e porque ninguem a lê e entende.

O criterio litterario e artistico dos medicos de Java não é o de Hegel, de Schopenhauer, de Taine, de Brunétiere ou de Guyau. Elles não perdem tempo com semelhante gente. Não admittem que a obra litteraria tenha por fim manifestar um certo character saliente ou essencial do assumpto que se tem em vista, mais completamente do que o fazem os factos reaes. Litteratura não é fazer entrar no patrimonio do espirito humano, com auxilio dos processos e methodos artisticos, tudo o que interessa o uso da vida, a direcção da conducta e o problema do destino. Não, absolutamente não.

Os doutores javanezes de curar não entendem litteratura assim. Para elles, é bôa litteratura a que é constituida por vastas compilacões de cousas de sua profissão, escriptas laboriosamente em um jargão enfadonho com fingimentos de lingua archaica.

Curioso é que a primeira qualidade exigida em um livro de estudo, é a sua perfeita, completa clareza, que só pôde ser obtida com a maxima simplicidade de escrever, além de um encadeiamento naturalmente logico de suas partes, evitando-se tudo o que distraia a attenção do leitor daquillo que se quer ensinar.

Vou explicar-me melhor e os leitores verão como os sabios javanezes prendem a attenção, poupam o esforço mental dos seus discipulos, empregando termos obsoletos e locuções que desde muito estão em desuso.

Supponhamos que um medico nosso patricio se propo- nha a escrever um tratado qualquer de pathologia e em- pregue a linguagem de João de Barros mesclada com a do Padre Vieira, sem esquecer a de Alexandre Herculano. Eis ahi em que consiste a litteratura succulenta dos douto- res javanezes; e todos de lá lhes admiram as obras escriptas em tal patuá inintelligivel. Darei um exemp'lo, servindo- me do nosso idioma.

Antes, porém, de dar essa mostra do modo de escrever dos esculapios de lá, dar-lhes-ei o de falar, com uma anedocta que me contaram lá mesmo — porque lá ha tambem irre- verentes e observadores. Uma familia media, tendo o chefe doente e vendo que a molestia não dava volta com o mo- desto medico assistente, resolveu chamar uma das celebri- dades da medicina javaneza. A mulher do doente era quem mais queria isto, porque, embora possam ser excel- lentes, com todos os bons predicados, nenhuma mulher perde de todo a vaidade; e a visita de uma notabilidade hypocratica fazia falar a vizinhança. Foi chamado o ho- mem, o Dr. Lhovehy, uma celebridade retumbante, pro- fessor, membro de varias Academias, inclusive a de Letras e a de Historia e Geographia.

Elle foi de carro, com a visita paga adiantadamente: 150 florins. Em chegando junto ao doente, com trejeitos de meio actor foi falando assim :

— Até agora quem no ha tratado ?

— O dr. Nepuchalyth.

— Mister é que tendes sempre atilamento com esses physicos incautos. Elles são homens que não curam senão por experiencia e costume; e é tão bom de enganar os nescios não affeitos ao bom proceder dos physicos de valia que dão côr a facilmente serem enganados por elles e o peor é que alguns scientes physicos ou por contentar todos os do povo e não querer trabalhar ou especular as curas, vão-se com o parecer delles; e porque ser aprazivel ao povo faz ao physico ganhar mais moedas, usam logo em principio as suas mezinhas delles.

Depois de ter pronunciado esse exordio com toda a

solemnidade theatral e doutoral, o Garcia de Orta não annuciado, da sublime escola de Java, examinou o doente e receitou em grego. Quasi ao sair, a mulher perguntou-lhe :

— Doutor, qual a dieta ?

— Polho cozido ou caldo delle.

A mulher voltou para junto do marido, sem ter comprehendido a dieta, pois temeu mostrar-se ignorante em em face do sabio, indagando o que era polho.

Logo que a viu, o marido ralhou-a com doçura :

— Filha, eu não dizia a você que esses medicos famosos não servem para nada. . . Este que você trouxe, fala que ninguem o entende, como se a gente falasse para isso. . . Receita umas mixordias mysteriosas. . . Sabe você de uma cousa ? Continuo com o dr. Nepuchalyth, ali da esquina.

Este ao menos tem juizo e não inventou um modo de falar para elle só entender.

O exemplo de que falei acima, é o que se encontra em olhos de um famoso doutor lá de Java. Cito um unico, mas poderia citar muitos. O javanez, doutor de curas, queria dizer :

«Sou de opinião que a febre deve ser combatida na sua causa».

Julgou isto vulgar, indigno do seu titulo e das suas prerogativas consuetudinarias, e escreve provocando a maxima admiração dos seus leitores, da seguinte fórma:

«Erro, quere perescer-me, é não se attentar donde provem tal febre com incendimento e modorra, para só tratál-a ás rebatinhas, tão de prompto como se mesmo fôra ella a doença, senão consequencia muita vez de vitaes desarranjos imigos da sã vida e onde o physico de recado achará a fonte ou as fontes do mal que deixa assi o corpo sem os bons e sãos aspeitos de sua habitual composição».

Depois de uma belleza destas, a sua entrada na Academia foi certa e inevitavel, pois é nessa especie de *pot-pourri* de estylos de tempos desconstrados, com o emprego de um vocabulario senil, tirado á sorte; de salada de feitos de

linguagem de epochas differentes, de modismos de seculos afastados uns dos outros, que a gente intelligente de Java encontra a mais alta expressão da sua ôca literatura. Ha excepções, devo confessar. Continuo, sem me deter nellas.

A sciencia javaneza está muito adeantada. Nunca se fez lá a mais insignificante descoberta; nunca um sabio javanez edificou uma theoria qualquer.

Penso que tal se dá por não haver precisão disso; os da estranja supprem as necessidades da mentalidade javaneza.

O sabio da Batavia é o contrario de todos os outros sabios do mundo. Não é um modesto professor que vive com seus livros, seus algarismos, suas retortas ou *éprouvettes*. O sabio de Java, ao contrario, é sempre um ricaço que foge dos laboratorios, dos livros, das retortas, dos cadinhos, das epuras, dos microscopios, das equatoriaes, dos telescopios, das cobayas, tem cinco ou seis empregos, cada qual mais afanoso, e não falta ás festas mundanas.

A presumpção de cientista, entretanto, não ha quem lá não a tome. Basta que um sujeito tenha aprendido um pouco de algebra ou folheado um compendio de anatomia, para se julgar cientista e se encher de um profundo desdem por toda a gente, sobretudo pelos literatos ou poetas. Comtudo todos desse genero querem sel-o e, em geral, são pessimos.

Vou lhes contar um caso que se passou com o Dr. Karitschá Lânhi, quando foi nomeado director do Cambio do Banco Central de Java. Esse doutor era professor da Escola de Sapadores, da qual mais adeante falarei, e por isso se julgou no direito de pleitear o lugar do Banco. No dia seguinte de sua nomeação, o seu subalterno immediato foi perguntar-lhe qual a taxa de cambio que devia ser affixada.

— Sempre para a alta. Qual foi a taxa de hontem ?

O empregado retrucou :

— 18 5|17, doutor.

O sabio pensou um pouco e determinou :

— Affixe : 18 5|21, senhor Hatati.

O homem reprimiu o espanto e todo o banco riu-se de

tão seguro financeiro que lhe caia do céu, por descuido. Não houve remedio senão demittir-se elle uma semana depois de nomeado.

São assim os graves sabios de Java.

Não nos afastemos, porém, do nosso estudo.

Das grandes artes technicas, a mais avançada, como era de esperar, é a medicina. O tratamento geralmente empregado é o do vestuario medico. Consiste elle em usar o doutor certo traje para curar certa molestia. Para sarar bexigas, o medico vae em ceroulas; para congestão de figado, sobre-casaca e cartola; para tuberculose, tanga e chapéo de palha de côco; anthraz, de casaca, etc., etc.

Este curioso methodo foi descoberto recentemente em um paiz proximo que o repudiou, mas veio revolucionar a medicina da grande ilha. Os physicos locais adoptaram-no immediatamente e augmentaram o preço das visitas e redobram a caça aos empregos, para attender ás despesas com a indumentaria e os aviamentos.

Estava a ponto de esquecer-me de falar no ensino da celebre ilha do archipelago de Sonda, pois tanto me alonguei no estudo dos seus medicos, que vou ter a elle com pressa.

Existe uma universidade com tres faculdades superiores; a de «Sapadores», a de «Cortadores» e a de «Physicos». Os cursos destas faculdades duram cerca de cinco annos, mas cada uma dellas tem um sub-curso menor, de dois ou tres annos. A de «Sapadores» tem o de «concertadores de picaretas»; a de «Cortadores» o de «embrulhadores»; e a de «Physicos», o de «cobradores».

Nas margens do Jakatra, rio que banha Batavia, quem não tem um titulo dado por uma dessas faculdades, não pôde ser nada, porquanto, aos poucos, os legisladores da terra e a estupidez do povo foram exigindo para exercer os grandes e pequenos cargos do Estado, quer os politicos, quer os administrativos, um qualquer documento universitario de sabedoria.

Todos, por isso, tratam de obtel-o e é a mais dura vicissitude da vida, ser reprovado no curso. É raro, mas acon-

tece. Os jovens javanezes empregam toda a especie de meios para não serem reprovados, menos estudar. Essa contingencia pueril da *bomba*, na sociedade javaneza, leva ás almas dos moços daquellas paragens, um travo tão amargo de desconforto que toda a felicidade que lhes chegar posteriormente não o attenuará, e muito menos será capaz de dissolvê-lo.

E mesmo que elle se acredite por sua propria iniciativa, mais valiosa e mais segura que os papeis officiaes; por mais aptidões que demonstre sem titulo—tem que vegetar em lugares subalternos e dar o que tem de melhor aos outros titulados, para que figurem estes como capazes. Elle escreverá as cartas de amor; mas os beijos não serão nelle.

Por um curioso phenomeno sociologico, as idéas brahmanicas de casta se enxertaram nas caducas concepções universitarias do medievo europeu e foram dar nas ilhas de Sonda, sob o pretexto de ensino, nessa extranha e original concepção do doutor javanez. Aproveito a occasião para avisar os leitores que essa concepção religioso-universitaria tambem existe na Republica de Bruzundanga.

Creio, porém, que ella é originaria da grande ilha da Malasia donde foi ter áquella Republica, por caminho que não descobri.

Como todo moço que tem legitimas ambições naquelle recanto do nosso palacete, Harakashy, um javanez que foi muito meu amigo mais tarde, conseguiu entrar para a Escola dos Sapadores, afim de acreditar-se na sociedade em que vivia, e ter o seu lugar sob o sól, com o titulo que a Faculdade dava. Era malaio com muitas gottas de sangue hollandez nas veias, mas sem fortuna nem familia. No começo, as cousas foram indo, elle passou; mas, em breve, Harakashy desandou e foi reprovado umas dez vezes, na Universidade.

Em absoluto não houve injustiça. O meu amigo nada sabia, porque ingenuamente deduzira dos factos que a principal condição para ser approvado, nos exames de Java, é não saber. Enganava-se, porém, suppondo que tal homenagem fosse prestada a todos. Recebem-na os filhos dos

grandes dignatarios da colonia, dos ricos, dos homens de negocios que sabem levantar capitaes; mas escolares que não tem tal ascendencia, como o meu amigo, estão talhados para engrossar a estatistica dos reprovados, afim de comprovar o rigôr que ha nos estudos da Universidade de Batavia.

Dá-se isto, não por culpa total dos professores; mas pelas solicitações de toda a sociedade batavense que quer seus lentes universitarios, homens de salão, de theatros caros, de bailes de alto bordo; e elles, para augmentar as suas rendas, que custeiem esse luxo, têm que viver ajoujados aos ministros que dão empregos, ou aos *brasseurs d'affaires* que lhes pedem emprestado os nomes para apadrinhar empresas honestas, semi-honestas e mesmo deshonestas, em troco de boas gorgetas.

Quem meu filho beija, minha bocca adoça—diz o nosso povo.

Em uma sociedade que se modelou assim, não era possível que o meu Harakashy fosse lá das pernas.

Entretanto, eu o conheci e o senti muito intelligente, culto, amigo dos livros e todo elle saturado de anceios espirituaes. Gostava muito de philosophia, de letras e, sobretudo, de historia. Leu-me ensaios e eu achei muito bem escriptos, revelando uma grande cultura e um grande poder de evocar.

Mas, Java é muito estúpida e não admite intelligencia senão nos «sapadores», nos «physicos» e nos «cortadores».

Ainda não lhes disse o que são os taes «cortadores», São estes assim como os nossos advogados e o seu emblema é uma tesoura, devido a ser, senão de regra, mas de praxe, de tradição que toda a defeza ou accusação judiciaria tenha o maior numero de citações possíveis e taes peças são mais estimadas quando as referencias aos autores consultados vêm nellas colladas com os proprios retalhos dos livros alludidos. A thesoura é instrumento proprio para isto e, dessa maneira, enriquece os «cortadores,» pois os arazoados dessa natureza são muito bem pagos, embora lhes estraguem as

bibliothecas que alcançam muito baixas lecitações quando vão a leilão.

Attribui o desastre da vida escolar do meu amigo ao facto de elle não ter nenhum geito para qualquer das grandes profissões liberaes que a Batavia offerece aos seus filhos.

Se Harakashy nascesse em França ou em outro paiz civilizado, naturalmente a sua propria vocação encaminhal-o-ia para uma applicação mental, de accordo com a sua feição de espirito; mas, em Java, tinha que ser uma daquellas tres cousas, se quizesse figurar como intelligente. Não achando campo para a sua actividade cerebral, muito pouco attraído para o estudo das «Picaretas automaticas», muito orgulhoso para bajular os professores e aceitar approvações por commiseração, o meu amigo ficou naquella exuberante terra sem norte, sem rumo, absolutamente sem saber o que fazer.

Ensinava para vestir-es e comer. E todos que o conheciam desde menino, admiravam-se que, ao infante galhardo dos seus primeiros annos, se houvesse substituído nelle, um rapaz macambuzio, isolado, amargo e cruel nas suas conversas camararias, reçumando sempre uma profunda tristeza.

Aos profundos, parecerá vão; aos superficiaes parecerá tolo—tão grandes consequencias para tão fracas causas.

Não me animo a discutir, mas lembro que o amor tem qualquer cousa de parecido. . .

Visitei-o sempre. Amei-o na sua desordem de espirito, immensa e ambiciosa de fazer o Grande e o Novo. Em uma das minhas visitas, encontrei-o no seu modesto quarto, deitado em uma especie de enxerga, fumando e tendo um gordo livro ao lado. Eu entrava sem me annunciar. Trocamos algumas palavras e elle me disse logo após:

— Fizeram muito bem em não me deixar ir adeante.

— E essa !

— Não te admires. Continuo a estudar historia e estou convencido,

Como ?

— Lê este manuscripto.

Passou-me então um codice fortemente encadernado em couro. Era o livro que tinha ao lado. Pude ler o titulo :

«Historia da Universidade de Batavia com a biographia dos seus mais distinctos alumnos, por Degni-Hatdy.—1878»

— Quem é este Degni-Hatdy ? perguntei :

— Foi um genio, meu caro. Um genio de escola... Recebeu medalhas, diplomas, premios... Vive ainda, mas ninguem o conhece mais.

— E' de interesse, a memoria ?

— E', e bastante, pois traz a lista dos alumnos illustres da Universidade.

— Quaes foram ?

— Newton, Huyghens, Descartes, Kant, Pasteur, Claude Bernard, Darwin, Lagrange...

— Chega.

— Ainda : Dante e Aristoteles.

— Uff !

— Gente de primeira, como vês; e, quando soube, tive orgulho de ter sido de alguma forma collega delles; mas...

Por ahi accendeu um cigarro, tirou duas longas fumaças com a languidez javanez e continuou com a pachorra batava :

— Mas, como te dizia, bem cedo tive vergonha de ter um dia passado pela minha mente que eu era capaz de emparelhar-me com taes genios. E' verdade que não sabia terem elles frequentado a Universidade... Vou esconder-me em qualquer buraco, para me resgatar de tamanha pretenção.

Sahi. Ainda o vi durante alguns dias; mas, bem depressa, desappareceu dos meus olhos. Pobre rapaz ! Onde estará ?



CONGRESSO PAN-PLANETARIO

Urubú pellado não se mette no meio
dos coroados

(Dictado popular)

De tal fôrma se haviam multiplicado os Congressos, que foi preciso ser original. Dentro de cada um dos oito Planetas, desde o mais bronco, que me parece ser Venus, até o mais intelligente, que naturalmente deve ser Neptuno, não era possível reunir um que não fosse a millesima repartição dos outros anteriores. Congressos nunca foram coisas de primeira necessidade; mas a necessidade do espectáculo tem em todos nós tão fortes exigencias como desvios convenientes.

Demais, Jupiter estava em tal estado de adeantamento que precisava mostrar-se ao systema todo. Produzia por anno 200.000\$000 de toneladas de aperfeiçoadas farpas de bambús (especifico contra as dores de dentes); e os seus philosophos e escriptores, graças ás modernas machinas electricas de escrever, abarrotavam os armazens das estradas de ferro com bilhões de toneladas de papel impresso. Houve um que, narrando todas as suas conversas e actos do anno, dia por dia, hora por hora, minuto por minuto, segundo por segundo, escreveu uma obra de 68.922 volumes, com 20.677.711 paginas, das quaes 3.000.000 alvas e limpas—as melhores! — significavam as horas de seu somno sem sonhos.

O autor não omittiu nellas nem as ordens aos criados, nem tampouco as phrases vulgares que trocamos ao cumprimentar. Tudo registrou porque, dizia elle, isso augmentava o peso da obra, e, portanto, o seu valor.

Era unicamente Jupiter que estava assim: o resto dos satellites do Sol vivia soffrivelmente. . . Como, porém, houvessem descoberto que todos elles estavam ligados por uma força occulta que, embora influindo mutuamente sobre todos elles pezava mediocrementemente sobre os destinos particulares de cada um; e, como tambem fosse preciso ser original nos Congressos — Jupiter propôz, e todos os planetas restantes acceitaram, a reunião de um Congresso Pan-planetario. Era preciso, diziam os embaixadores de Jupiter, formar um espirito planetario, em contraposição ao espirito estellar. Com isso, elles escondiam o secreto desejo de vender aos outros planetas farpas aperfeiçoadas, remedios para callos, toneladas de um literario papel de embrulhos e outros productos similares de sua actividade sem limites, não esquecendo o fito de conquistar alguns destes ultimos ou parte delles.

Todos os outros não viram bem esse proposito de Jupiter; mas este lhes venceu a resistencia convencendo-os de que deviam ser originaes e chamar a attenção do Universo. . . O mundo estellar não nos debocha? Altair não está sempre a rir-se sarcasticamente de nós? Aldebaran não nos ameaça com seu rubor? Sirios não nos desdenha? Havemos de lh'o mostrar.

A reunião—ficou decidido—teria logar na Terra. Não porque a Terra fosse muito poderosa, mas porque, nos ultimos annos, ella installára nos seus polos uma immensa buzina que gritava para as estrellas: —*sou o primeiro planeta do orbe, tenho estradas de milhões de metros: sou o paraiso do Universo, etc., etc.*

A buzina era indispensavel, visto que os caminhos, palacios, jardins e theatros, etc. se destinavam aos extra-terrestres e tinham por fim attrahil-os, no pensamento de que os extranhos viessem trazer a segura prosperidade della — a Terra.

O seu povo, todos conhecem-n'o : é uma gente cheia de uma nerventa poesia, terna, loquaz, um tanto indolente, mas liberal, por ser relaxada, e generosa, por ser liberal.

São defeitos e são qualidades, mesmo porque, para os povos, não ha defeitos nem qualidades; ha características, e mais nada.

Os de Jupiter não são assim; são rigidos, duros e frios; e têm dous sentimentos dominadores: o do enorme, que é o seu criterio de belleza, e o do dourado.

Um habitante do grande planeta, uma vez na Terra, ao ver pelo crepusculo o céu banhado de ouro liquefeito, esperniou de tal modo e de tal modo subiu ás montanhas para colhel-o que nos antipodas houve um terremoto.

Em vendo a côr do ouro, elles saem bufando, com o olhar injectado, em estado de furia; e saem matando, estripando a indifferentes, a amigos, a parentes e até aos paes; e — curioso — só querem ouro para construir caixões de seis leguas de altura e seis pollegadas quadradas de base. Eis como sentem a belleza... A isso juntam um horror pelos gatos, um odio idiota e hysterico; no entanto, os «gatos» são bons; se velhos, têm a candura de criança; se crianças, uma gracil espontaneidade de encantar. Mesmo, se não são melhores do que os seus companheiros de Planeta, são perfeitamente iguaes a elles. Comtudo, são doridos e auditivos, o que lhes dá a faculdade de crear uma poesia e uma musica proprias, das quaes os de Jupiter se aproveitam, á mingua de poder elles mesmos crear essas manifestações artisticas, pois a sua insensibilidade não o permitte.

Mas, os jupiterianos não os toleram, porque podem os «gatos» votar, embora fossem os proprios algozes destes que lhes tivessem dado esse direito.

Por qualquer dá cá aquella palha, os estupidos jupiterianos se reúnem na praça publica e matam a pauladas, a fogo, á fouce, sem forma de processo alguma, sob o pretexto de que o «gato» queria casar ou namorava uma filha delles. Lá se chama banditismo e é cousa parecida com o lynchamento *yankee*.

Um viajante, entretanto, que lá esteve, achou esses «gatos» excepcionalmente tímidos e doces, admirando-se que lá não houvesse mais crimes, provocados pelos soffrimentos e humilhações que elles soffrem.

Perseguem-nos de um modo barbaro e covarde. Chamam-nos de poltrões, mas, quando querem guerrear, socorrem-se delles e os «gatos» se portam bem. Vem a paz, opprimem-nos, encurralam-nos; mas, assim mesmo, elles crescem e multiplicam-se . . . Fraca raça !

Jupiter, como ia dizendo, acudiu ao grito da buzina e reuniu o Congresso na Terra.

Na primeira sessão, logo os jupiterianos falaram na fraternidade de todos os animaes do Universo: homens e gatos, burros e Jupiterianos, marcianos e raposos. Um principal de Jupiter até, a esse respeito, fez um discurso muito bonito.

E' muito sedição a manobra de Jupiter falar sempre em liberdade, fraternidade, etc. Certa vez, elle declarou guerra a Saturno, para libertar-lhe os povos. Logo, porém, que o venceu, restabeleceu a escravatura que já estava absolvida. Tal e qual a America do Norte fez com o Texas, provincia do Mexico, em 1837.

Como todos esperavam, os trabalhos do Congresso proseguiram com grande actividade.

Além de tratar do estabelecimento de pontes pensis que ligassem todos os planetas entre si, o Congresso votou as seguintes conclusões sobre a perfeita fraternidade animal, estabelecido nos seguintes pontos :

- a) Não se deveria mais comer qualquer animal (boi, carneiro, porco) ;
- b) As gaiolas dos passaros deveriam ser augmentadas do dobro, no minimo ;
- c) Na caça, uma espingarda não poderia ser carregada com mais de seis grãos de chumbo ;
- d) Generalisar os jogos de bóla na sociedade dos cabritos.

O programma era vasto e piedoso; e até um principal de Jupiter, a esse respeito, orou e citou largamente a Biblia,

tanto o Antigo como o Novo Testamento, fazendo pena não haver ali muitas beatas que pudessem chorar com tal homem, tão digno de vir a substituir S. Vicente de Paula, porque não é proprio citar Çakia-Muni.

O povo da Terra—boa gente!— exultou e encheu-se de orgulho por poder mandar ás estrellas este grito : *não comemos mais bois !! Nada temos com as estrellas !*

Houve festas: banquetes e bailes para alguns; luminarias para quem quizesse ver e fantasmagorias surprehendedentes nos órgãos de publicidade.

No Céu, porém Sirius sorriu e Altair mais amarella se fez. Da Pleiade, duas estrellas empallideceram de espanto, e Aldébaran quiz avisar aos nescios, mas não poude.

Jupiter vendeu a todos os seus irmãos toneladas de farpas, de remedios para callos, de papel literario ; e isto com alguma violencia, que me eximo de contar. De passagem, digo-lhes que elle occupou um pedaço Mercurio...

Se taes productos não estavam completamente envenenados, foram, no entanto, deleterios. A terra banalisou-se; Marte perdeu a intelligencia ; Venus, o amor desinteressado ; Neptuno, a bravura generosa; os «gatos» de todos os planetas, comtudo, vieram a gozar dos beneficios das instituições jupiterianas, isto é, foram expulsos da commu-nhão dos patricios.

Sob os bons auspicios de Jupiter, foi assim que se fez a fraternidade animal em todo o systema planetario.

Sirius nunca mais cessou de sorrir.



CLO

A Alexandre Valentim Magalhães

Devia ser já a terceira pessoa que lhe sentava á meza. Não lhe era agradável aquella sociedade com desconhecidos; mas que fazer naquella segunda-feira de Carnaval, quando as confeitarias têm todas as mezas occupadas e as cerimoniaes dos outros dias desfazem-se, dissolvem-se?

Se as duas primeiras pessoas eram desageitados sujeitos sem attractivos, o terceiro conviva resgatava todo o desgosto causado pelos outros. Uma mulher formosa e bem tratada é sempre bom ter-se á vista, embora sendo desconhecida, ou, talvez, por isso mesmo. . .

Estava ali o velho Maximiliano esquecido, só moendo scismas, bebendo cerveja, obediente ao seu velho habito. Se fosse um dia commum, estaria cercado de amigos; mas, os homens populares, como elle, nunca o são nas festas populares. São populares a seu geito, para os frequentadores das ruas celebres, cafés e confeitarias, nos dias communs; mas nunca para a multidão que desce dos arrabaldes, dos suburbios, das provincias visinhas, abafa aquelles e como que os afugenta. Comtudo não se sentia deslocado. . .

A quinta garrafa já se esvasiara e a sala continuava a encher-se e a esvasiar-se, a esvasiar-se e a encher-se. Lá fóra, o falsete dos mascarados em tróte, as longas cantillenas dos cordões, os risos e as musicas lascivas enchem a

rua de sons e ruidos desencontrados e, della, vinha á sala uma satisfação de viver, um fremito de vida e de luxuria que convidava o velho professor a ficar durante mais tempo, bebendo, afastando o momento de entrar em casa.

E esse fremito de vida e luxuria que faz estremecer a cidade nos tres dias de sua festa classica, naquelle momento, diminuia-lhe muito as grandes maguas de sempre e, sobretudo, aquella teimosa e pequenina de hoje. Ella o puzera assim macambuzio e isolado, embora mergulhado no turbilhão de riso, de alegria, derumôr, de embriaguez e luxuria dos outros, em segunda-feira gorda.

O «jacaré» não dera e muito menos a centena. Esse capricho da sorte tirava-lhe a esperança de um conto e pouco—doce esperança que se esvaia amargosamente naquelle crepusculo de galhofa e prazer.

E que trabalho não tivera elle, Dr. Maximiliano, para fazel-a brotar no seu peito, logo nas primeiras horas do dia! Que chusmas de interpretações, de palpites, de exames cabalisticos! Elle bem parecia um augure romano que vem dizer ao Consul se deve ou não offerecer batalha...

Logo que ella lhe assomou aos olhos, como não lhe pareceu certo aquelle navegar precavido dentro do nevoento mar do Mysterio, marcando rumo para aquelle ponto — o «jacaré»—onde encontraria socego, abrigo, durante alguns dias!

E agora, passado o nevoeiro, onde estava?... Estava ainda em mar alto, já sem provisões quasi, e com debeis energias para levar o barco a salvamento... Como havia de comprar bisnagas, «confetis», serpentinas, alugar automovel? E—o que era mais grave—como havia de pagar o vestido de que a filha andava precisada, para se mostrar, sabbado proximo, na rua do Ouvidor, em toda a plenitude de sua belleza, feita (e elle não sabia como) da rija carnadura de Italia e de uma forte e exotica exhalação sexual... Como havia de dar-lhe o vestido?

Com aquelle seu olhar calmo em que não havia mais nem espanto, nem reprovação, nem esperança, o velho professor olhou ainda a sala tão cheia, por aquellas horas,

tão povoada e animada de mocidade, de talento e de beleza. Elle viu alguns poetas conhecidos, quiz chamal-os, mas, pensando melhor, resolveu continuar só.

O velho Dr. Maximiliano não se cançou de observar, um por um, aquelles homens e aquellas mulheres, homens e mulheres cheios de vícios e aleijões moraes; e ficou um instante a pensar se a nossa vida total, geral, seria possível sem os vícios que a estimulavam, embora a degradem também.

Por esse tempo, então, notou elle a curiosidade e a inveja com que um grupo, de môdestas meninas dos arrabaldes examinava a *toilette* e os ademanos das mundanas presentes.

Na sua mesa, attrahindo-lhes os olhares, lá estava aquella formosa e famosa Eponina, a mais linda mulher publica da cidade, producto combinado das immigrações italiana e hespanhola, extraordinariamente estúpida, mas com um olhar de abysmo, cheio de attenções, de promessas e de volupia.

E o velho lente olhava tudo aquillo pausadamente, com a sua indulgencia de infeliz, quando lhe veio o pensar na casa, naquelle seu lar, onde o luxo era uma agrura, uma dôr, amaciada pela musica, pelo canto, pelo riso e pelo alcool.

Pensou, então, em sua filha, Clodia—a Cló, em familia—em cujo temperamento e feitio de espirito, havia estofo de um grande hetaira. Lembrou-se com casta admiração de sua carne velludosa e palpitante, do seu amor ás dansas lubricas, do seu culto á *toilette* e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gosto pelos licores fortes; e, de repente e por instantes, elle a viu coroada de héra, cobrindo mal a sua magnífica nudez, com uma pelle mosqueada, o ramo de tyrsó erguido, dansando, religiosamente bebêda, cheia de furia sagrada de bacchante: *Evohé! Baccho!*

E essa visão antiga lhe passou pelos olhos, quando a Eponina ergueu-se da mesa, tilintando as pulseiras e berloques caros, chamando muito a attenção de Mme. Rego da Silva que, em companhia do marido e da sua extremosa

amiga Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade, tomavam sorvetes, numa mesa ao longe.

O doutor Maximiliano, ao ver aquellas joias e aquelle vestido, voltou a lembrar-se de que o «jacaré» não dera; e reflectiu, talvez com profundidade, mas certo com muita amargura, sobre a má organização da nossa sociedade. Mas não foi adiante e procurou decifrar o problema da sua multiplicação em Cló, tão maravilhosa e tão rara. Como é que elle tinha posto no mundo um exemplar de mulher assaz vicioso e delicado como era a filha? De que mysteriosa cellula sua sahira aquella floração exuberante de femêa humana? Vinha d'elle ou da mulher? De ambos? Ou de sua mulher só, daquella sua carne apaixonada e sedenta que trepidava quando lhe recebia as lições de piano, na casa dos paes?

Não pôde, porém, resolver o caso. Approximava-se o doutor André, com o seu rosto de idolo peruano, duro, sem mobilidade alguma na physionomia, acobreada, onde o ouro do aro do *pince-nez* reluzia fortemente e illuminava a barba cerdosa.

Era um homem forte, de largos hombros, musculoso, thorax saliente, saltando; e, se bem tivesse as pernas arqueadas, era assim mesmo um bello exemplar da raça humana.

Lamentava-se que elle fosse um bacharel vulgar e um deputado obscuro. A sua falta de agilidade intellectual, de malleabilidade, de ductilidade, a sua fraca capacidade de abstracção e debil poder de associar idéas não pediam fosse elle deputado e bacharel. Elle seria rei, estaria no seu quadro natural, não na Camara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aquelles fortes arcos de iry que despejam frechas hervadas com curaro.

Era o seu ultimo amigo, entretanto o mais constante commensal de sua mesa lucullesca.

Deputado, como já ficou dito, e rico, representava, com muita galhardia e liberalidade uma feitoria mansa do Norte, as salas burguezas; e, apesar de casado, a filha do antigon

professor, a lasciva Cló, esperava casar-se com elle, pela religião do Sol, um novo culto recentemente fundado por um agrimensor illustrado e sem emprego.

O velho Maximiliano nada de definitivo pensava sobre taes projectos; não os approvava, nem os reprovava. Limitava-se a pequenas reprimendas sem convicção, para que o casamento não fosse effectuado sem a benção do sacerdote do Sol ou de outro qualquer.

E se isto fazia, era para não precipitar as cousas; elle gostava dos desdobramentos naturaes e encadeiados, das passagens suaves, das inflexões doces e detestava os saltos bruscos de um estado para o outro.

— Então, doutor, ainda por aqui ? fez o rico parlamentar sentando-se.

— E' verdade, respondeu-lhe o velho. Estou fazendo o meu sacrificio, rezando a minha missa... E' a quinta... que toma, doutor ?

— Um «madeira»... Que tal o Carnaval ?

— Como sempre.

E, depois, voltando-se para o caixeiro :

— Outra cerveja e um «madeira», aqui, para o doutor. Olha : leva a garrafa.

O caixeiro afastou-se, levando a garrafa vasia e o doutor André perguntou :

— D. Isabel não veiu ?

— Não. Minha mulher não gosta das segundas-feiras de Carnaval. Acha-as desenxabidas... Ficaram, ella e a Cló, em casa a se prepararem para o baile á fantasia na casa dos Silvas... Quer ir ?

— O sr. vai ?

Não, meu caro senhor; do Carnaval, eu só gosto dessa barulhada da rua, dessa musica selvagem e syncopada de recos-recos, de pandeiros, de bombos, desse estridulo de fanhosos instrumentos de metaes... Até do bombo gosto, mais nada! Essa barulhada faz me bem á alma. Não irei... Agora, se o doutor quer ir... Cló vai de preta mina.

— Deve-lhe ficar muito bem... Não posso ir; entre-

tanto, irei á sua casa para ver a sua senhora e a sua filha fantasiadas. O senhor devia tambem ir...

— Fantasiado ?

— Que tinha ?

— Ora, doutor ! eu ando sempre com a mascara no rosto.

E sorriu leve com amargura; o deputado pareceu não comprehender e observou :

— Mas, a sua physionomia não é tão decrepita assim...

Maximiliano ia objectar qualquer cousa quando o caixeiro chegou com as bebidas, ao tempo em que Mme. Rego da Silva e o marido levantaram-se com a pequena Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade em pezo.

O parlamento olhou-os bastante com o seu seguro ar de quem tudo póde. Ouviu que ao lado diziam, — á passagem dos tres : *ménage à trois*. A sua simplicidade provinciana não comprehendeu a maldade e logo dirigiu se ao velho professor :

— Jantam em casa ?

— Jantamos; e o doutor não quer jantar comnosco ?

— Obrigado. Não me é possível ir hoje... Tenho um compromisso sério... Mas, fique certo, que, antes de sahirem, lá irei tomar um wiskisinho... Se me permite ?

— Oh ! Doutor ! O senhor é o nosso melhor amigo. Não imagina como todos lá fallam no senhor. Isabel levanta-se a pensar no doutor André; Cló, essa, nem se falla ! Até o Caçula quando o vê, não late; faz-lhe festas, não é ?

— Como isso me cumula de...

— Ainda ha dias, Isabel me disse : Maximiliano, eu nunca bebi um Chambertin como esse que o doutor André nos mandou... O meu filho, o Fred, sabe até um dos seus discursos de cór; e, de tanto repetil-o, creio que sei de memoria varios trechos delle.

A face rigida do idolo, com grande esforço, abriu-se um pouco; e elle disse, ao geito de quem quer o contrario :

— Não vá agora recital-o.

— Certo que não. Seria inconveniente; mas não estuo

impedido de dizer, aqui, que o senhor tem muita imaginação, bellas imagens e uma fórma magnífica.

— Sou principiante ainda, por isso não me fica mal accetar o elogio e agradecer a animação.

Fez uma pausa, tomou um pouco de vinho e continuou em tom conveniente :

O senhor sabe perfeitamente que especie de força me prende aos seus... Um sentimento acima de mim, uma sollicitação, alguma cousa a mais que os senhores puzeram na minha vida...

-- Pois então, interrompeu cheio de commoção o Dr. Maximiliano : á nossa !

Ergueu o copo e ambos tocaram os seus, reatando o parlamentar a conversa desta maneira :

— Deu aula hoje ?

— Não. Desci para espairer e *cavar*. E' dura esta vida... *Cavar* ! Como é triste dizer-se isto! Mas que se ha de fazer ? Ganha-se uma miseria... Um professor com oitocentos mil réis o que é ? Tem-se a familia, representação... Uma miseria ! Ainda agora, com tantas difficuldades, é que Cló deu em tomar banhos de leite...

— Que idéa ! Onde aprendeu isso ?

— Sei lá ! Ella diz que tem não sei que propriedades, certas virtudes... O diabo é que tenho de pagar uma conta estupenda no leiteiro...

São banhos de ouro, é que são ! Jogo nos bichos... Hoje tinha tanta fé no «jacaré»...

O caixeiro passava e elle recommendou :

— Baldomero, outra cerveja. O doutor não toma mais um «madeira» ?

— Vá lá. Ganhou, doutor ?

— Qual ! E não imagina que falta me fez !

— Se quer ?...

— Por quem é, meu caro ; deixe-se disso ! Então ha de ser assim todo o dia ?

— Que tem !... Ora !... Nada de cerimoniaes ; é como se recebesse de um filho...

— Nada disso... Nada disso...

Fingindo que não entendia a recusa, o doutor André foi retirando da carteira uma bella nota, cujo valor nas algibeiras do dr. Maximiliano fez-lhe esquecer em muito a sua desdita no «jacaré».

O deputado ainda esteve um pouco; em breve, porém, se despediu, reiterando a promessa de que iria até á casa do professor, para ver as duas senhoras fantasiadas.

O doutor Maximiliano bebeu ainda uma garrafa e acabada que foi a cerveja, sahio vagarosamente um tanto tropego.

A noite já tinha cahido de ha muito. Era já noite fechada. Os cordões e os bandos carnavalescos continuavam a passar, rufando, batendo, gritando desesperadamente. Homens e mulheres de todas as côres—os alicerces do paiz—vestidos de meia, kanitares e enduapes de pennas multi-côres, fingindo indios, dansavam na frente, ao som de uma zabumbada africana, tangida com furia em instrumentos selvagens, roufenhos, uns, estridentes, outros. As dansas tinham luxuriosos requebros de quadris, uns caprichosos trocar de pernas, umas quédas imprevistas.

Aquelles fantasiados tinham guardado na memoria muscular velhos gestos dos avoengos, mas não mais sabiam coordenal-os nem a explicação delles. Eram restos de dansas guerreiras ou religiosas dos selvagens de onde a maioria delles provinha, que o tempo e outras influencias tinham transformado em palhaçadas carnavalescas. . .

Certamente, durante os seculos de escravidão, nas cidades, os seus antepassados só se podiam lembrar daquellas ceremonias de suas aringas ou tabas, pelo Carnaval. A tradição passou aos filhos, aos netos e estes estavam ali a observa-la com as inevitaveis deturpações.

Elle, o doutor Maximiliano, apaixonado amator de musica, antigo professor de piano, para poder viver e formar-se, deteve-se um pouco, para ouvir aquellas bizarras e barbaras cantorias, pensando na pobreza de invenção melódica daquella gente. A phrase, mal desenhada, era curta, logo cortada, interrompida, sacudida pelos rufos, pelo ranger, pelos guinchos de instrumentos selvagens e ingenuos.

Um instante, elle pensou em continuar uma daquellas cantigas, em completal-a; e a aria veio-lhe inteira, ao ouvido, provocando o antigo professor de musica a fazer parar o «Chuveiro de Ouro», afim de ensinar-lhe, aos cantores, o que a imaginação lhe havia trazido á cabeça naquelle momento.

Arrependeu-se que tivesse dito gostar daquella barulhada; porém, o amator de musica, vencia o homem desgostoso. Elle queria que aquella gente entoasse um hymno, uma cantiga, um canto com qualquer nome, mas que tivesse regra e belleza. Mas — logo imaginou — para que ? Corresponderia a musica mais ou menos artistica aos pensamentos intimos delles ? Seria mesmo a expansão dos seus sonhos, fantasias e dôres ?

E, devagar, se foi indo pela rua em fóra, cobrindo de sympathy toda a puerilidade apparente daquelles esgares e berros, que bem sentia profundos e proprios daquellas creaturas grosseiras e de raças tão varias, mas que encontravam naquelle vozeiro barbaro e ensurdecador meio de fazer porejar os seus soffrimentos de raça e de individuo e exprimir tambem as suas ancias de felicidade.

Encaminhou-se directo para a casa. Estava fechada; mas havia luzes na sala principal, onde tocavam e dansavam.

Atravessou o pequeno jardim, ouvindo o piano. Era sua mulher quem tocava; elle o advinhava pelo seu *velouté*, pela maneira de ferir as notas, muito docemente, sem deixar quasi perceber a impulsão que os dedos levavam. Como ella tocava aquelle tango ! Que paixão punha naquella musica inferior !

Lembrou-se então dos *cordões*, dos *ranchos*, das suas cantillenas ingenuas e barbaras, daquelle rythmo especial a ellas que tambem perturbava sua mulher e abrazava sua filha. Porque caminho lhes tinha chegado ao sangue e á carne aquelle gosto, aquelle pendôr por taes musicas ? Como havia correlação entre ellas e as almas daquellas duas mulheres ?

Não sabia ao certo ; mas viu em toda a sociedade complicados movimentos de trocas e influencias—trocas de idéas

e sentimentos, de influencias e paixões, de gostos e inclinações.

Quando entrou, o piano cessava e a filha descansava no sofá, a fadiga da dança lubrica que estivera ensaiando com o irmão. O velho ainda ouviu indulgentemente o filho dizer : é assim que se dança nos Democraticos.

Cló logo que o viu, correu a abraçá-lo e, abraçada ao pai, perguntou :

— André não vem ?

— Virá.

Mas, logo, em tom severo, accrescentou :

— Que tem você com André ?

— Nada, papae ; mas elle é tão bom . . .

Quiz Maximiliano ser severo; quiz apossar-se da sua respeitavel autoridade de pai de familia; quiz exercer o velho sacerdocio de sacrificador aos deuses Penates; mas era sceptico demais, duvidava, não acreditava mais nem no seu sacerdocio nem no fundamento de sua autoridade. Ralhou, entretanto, frouxamente :

— Você precisa ter mais compostura, Cló. Veja que o doutor André é casado e isto não fica bem.

A isto, todos entraram em explicações. O respeitavel professor foi vencido e convencido de que a affeição da filha pelo deputado era a cousa mais innocente e natural deste mundo. Foram jantar. A refeição foi tomada rapidamente. Fred, comtudo, poude dar algumas informações sobre os prestitos carnavalescos do dia seguinte. Os Fenianos perderiam na certa. Os Democraticos tinham gasto mais de sessenta contos e iriam pôr na rua uma cousa nunca vista. O carro do estandarte que era um templo japonéz, havia de fazer um *bruto successo*. Demais, as mulheres eram as mais lindas, as mais bonitas . . . Estariam a Alice, a Charlotte, a Lolita, a Carmen . . .

— Ainda toma muito chloral ? perguntou Cló.

— Ainda, retrucou o irmão; e emendou : vai ser um lindeza, um triumpho, á noite, com luz electrica, nas ruas largas . . .

E Cló, por instantes, mordeu os labios, suspendeu uma

pouco o corpo e viu-se ella tambem, no alto de um daquelles carros, illuminada pelos fogos de bēngala, recebida com palmas, pelos meninos, pelos rapazes, pelas moças, pelas burguezas e burguezes da cidade. Era o seu triumpho, a méta de sua vida; era a proliferação imponderavel de sua belleza em sonhos, em anceios, em idéas, em violentos desejos naquellas almas pequenas, sujeitas ao imperio da convenção, da regra e da moral. Tomou a cerveja, todo o copo de um hausto, limpou a espuma dos labios e o seu ligeiro buço surgiu lindo sobre os breves labios vermelhos. Em seguida, perguntou ao irmão :

—E essas mulheres ganham ?

— Qual! Você não vê que é uma honra, respondeu-lhe o irmão.

E o jantar acabou sério e familiar, embora a cerveja e o vinho não tivessem faltado aos devotos de cada uma das duas bebidas.

Logo que a refeição acabou, talvez uns vinte minutos após, o doutor André se fazia annunciar. Desculpou-se com as senhoras; não pudera vir jantar, questões politicas, uma conferencia. . . Pedia licença para offerecer aquellas pequenas lembranças de Carnaval. Deu uma pequena caixa a D. Izabel e uma maior á Cló. As joias sahiram dos es- crinios e faiscaram orgulhosamente para todos os presentes deslumbrados. Para a mãe, um anel; para a filha, um bracelete.

— Oh, doutor ! fez D. Izabel ! O senhor está a sacrificar-se e nós não podemos consentir nisto. . .

— Qual, D. Izabel ! São falsas, nada valem. . . Sabia que D. Clodia ia de *preta mina* e lembrei-me trazer-lhe esse enfeite. . .

Cló agradeceu sorridente a lembrança e a suave bocca quiz fixar demoradamente o longo sorriso de alegria e agradecimento. E voltaram a tocar. D. Isabel poz-se ao piano e, como tocasse depois da sobremesa, hora da melancolia e das discussões transcendentales, como já foi observado, executou alguma cousa triste.

Chegava a occasião de se prepararem para o baile á fan-

tasia que os Silvas davam. As senhoras retiraram-se e só ficaram, na sala, os homens, bebendo Wisky. André, impaciente e desattento; o velho lente, indifferente e compassivo, contando historias brejeiras, com vagar e cuidado; o filho, sempre a procurar caminho para exhibir o seu saber em cousas carnavalescas. A conversa ia cahindo, quando o velho disse para o deputado :

— Já ouviu a «Bamboula» de Gottschalk, doutor ?

— Não... Não conheço...

— Vou tocar-a.

Sentou-se ao piano, abriu o album onde estava a peça e começou a executar aquelles compassos de uma musica negra de Nova-Orleans que o famoso pianista tinha filtrado e civilisado.

A filha entrou, linda, fresca, veludosa, de panno da Costa ao hombro, trunfa, com o collo inteiramente nú, muito cheio e marmoreo, separado do pescoço modelado, por um collar de falsas turquezas. Os braceletes e as mis-sangas tilintavam no peito e nos braços, a bem dizer totalmente despidos; e os bicos de crivo da camisa de linho rendavam as raizes dos seios duros que mal supportavam a alvissima prisão onde estavam retidos.

Ainda poude requebrar, aos ultimos compassos da «Bamboula», sobre as chinellas que occupavam a metade dos pés; e toda risonha sentou-se por fim, esperando que aquelle Salomão de *pince-nez* de ouro lhe dissesse ao ouvido :

«Os teus labios são como uma fita de escarlate; e o teu fallar é doce. Assim como é o vermelho da romã partida, assim é o nacar das tuas faces; sem fallar no que está escondido dentro».

O doutor Maximiliano deixou o tamborete do piano e o deputado, bem perto de Clodia, se não fallava como o rei Salomão á rainha de Sabá, dilatava as narinas para sorver toda a exhalação acre daquella moça, que mais capitosa se fazia dentro daquelle vestuario de escrava desprezada.

A sala encheu-se de outros convidados e a sessão de musica veio a cair na canção e na modinha. Fred cantou e

Cló, instada pelo doutor André, cantou também. O automovel não tinha chegado; ella tinha tempo...

D. Isabel acompanhou; e a moça, pondo tudo que havia de seducção na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a «Canção da Preta Mina» :

Pimenta de cheiro, giló, quimbombó;
Eu vendo barato, mi compra yóyó!

Ao acabar, era com prazer especial, cheia de dengues nos olhos e na voz, com um longo gozo intimo que ella, sacudindo as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o dr. André e dizia vagamente :

Mi compra Yoyó!

E repetia com mais volupia, ainda uma vez :

Mi compra Yoyó!



HUSSEIN BEN ALI-AL-BALEK E MIQUÉAS HABACUC

**Ao Sr. Cincinato Braga
(Conto argelino)**

Antes da conquista franceza, havia na Argelia, uma familia composta de um velho pae doente e seis filhos varões. Desde muito que o pae, devido aos achaques da idade, não se entregava directamente aos trabalhos da sua lavoura ; mas, sempre que o seu estado de saude lhe permittia, tinha o cuidado de correr as suas terras com plantações, que eram de tamaras, alfa, oliveiras, laranjeiras, havendo sómente uma parte que era destinada á criação de ovelhas, cabras e bezerros. As plantações e a criação estavam entregues a cinco dos seus filhos, pois o mais velho, elle o tinha mandado ao Cairo, para estudar profundamente na respectiva Universidade, a lei do Propheta, e vir a ser um ulema digno e sabio no Corão.

Ali-Balek-al-Balek, era o nome desse filho do velho arabe e esteve de facto no Cairo; mas, bem depressa, abandonou o estudo das santas leis de Allah e do Propheta e procurou a sociedade dos infieis.

Foi ter nas suas aventuras á Grecia, onde se demorou muito tempo e adquiriu dos gregos muitos habitos, costumes e vicios. Não se pôde em confiança dizer que os actuaes sejam bem netos dos antigos; mas são aparentados.

A finura e sagacidade dos ultimos para abstracções philosophicas, para especulações scientificas, para a analyse dos sentimentos e paixões, do que dão provas as suas obras de philosophia, as suas creações scientificas e as suas grandes obras litterarias, empregam nos nossos dias os actuaes da mercancia, no trafico, no escambo, em que sempre procurou, com a maxima habilidade e sabedoria enganar não só os estrangeiros, como os seus proprios patricios.

No oriente, só ha um traficante que não seja enganado pelo grego: é o armenio. Diz-se mesmo lá: o judeu é enganado pelo grego, mas o armenio engana ambos.

Os turcos, de onde em onde, matam estes ultimos aos milheiros, não tanto por motivos religiosos, mas por odio do comprador cavalheiresco, do homem leal e credulo, que se vê enganado desponderadamente, e sente que não o outro que o ludibriou, nenhum principio de honra, de lealdade, de honestidade, que as relações entre os homens o exigem.

Ali Balek-al-Babek, apezar de ser musulmano, foi attraído para o meio dos gregos e, com elles, aprendeu as suas espertezas, maroscas e habilidades para enganar os outros.

E assim que elle andou annos fóra da casa paterna, fazendo o escambo dos mares do Levante, indo de Alexandria para Constantinopla, dahi para Jaffa, deste porto para Salonica, desta cidade para Corfú, perlustrando todos aquelles mares azues, cheios de historia, de lenda, de sangue e piratas, commerciando e mesmo pirateando quando a occasião se lhe offercia.

Ao saber da morte do pae, vendeu logo a feluca que possuia e correu a receber a herança. Coube-lhe uma grande data de terra, coberta de pés de tamaras, em quanto os irmãos tinham as suas cultivadas com alfa, com laranjeiras, oliveiras e um mesmo recebeu a sua parte em terrenos de pastagens magras, onde pasciam rebanhos enfesados de ovelhas e cabras.

Todos, porém, ficaram contentes com a partilha e iam vivendo.

Ali Balek-al-Babek trouxera como sua mulher uma israelita que renegara o Talmud pelo Corão, mas, apesar disso, tinha o maior desprezo pelos musulmanos, aos quaes considerava grosseiros, convencendo de tal cousa o marido a ponto d'elle não dar mais importancia aos seus proprios irmãos.

Logo ao voltar ainda os attendia e os visitava; mas a mulher lhe dizia sempre :

— Esses teus irmãos são uns brutos ! Parecem mochos ! Uns boches ! Que sandalias ! O panno das suas “chéchias” é barato e sempre está sujo ! Deixa-os lá !

Aos poucos, devido aos conselhos de sua mulher, Salira, da sua insistencia, elle deixou de procurar os irmãos, fez-lhes má cara, embora os filhos delles viessem, de quando em quando, á casa do tio, para ver o primo Hussein, que se ia creando mais perfido que o pae e mais orgulhoso que a mãe.

Em pouco, Ali ficou inteiramente convencido da sua immensa superioridade sobre os seus humildes e resignados irmãos.

Por ter na sua sala um tapete de Smyrna, serem as suas armas de aço de Damasco, taxeadas de ouro, julgava os seus manos, que se tinham habituado á simplicidade e á modestia, como inferiores, eguaes aos das tribus negras que viviam para além do deserto. Julgando os assim, esquecia-se que, em quanto elle viajava, em quanto elle aprendia aquellas cousas finas, os irmãos plantavam, ceifavam e colhiam, para elle aprender.

Além disso, Ali, como fallasse alguns patuás levantinos, julgava-se muito mais que todos os do “vilayet” e tambem por possuir joias de ouro e pedras caras, valendo muitas piastras, imaginava que tudo podia.

Por esse tempo, chegaram os francezes e o “caid” apellou para todos, afim de soccorrer o “bey” com homens e valores. Ali offereceu uma das joias do seu thesouro e quasi por isso foi empalado. O joalheiro do palacio veriñcou que a joia era inteiramente falsa e vindo o

«bey» a saber disso, tomou a cousa como affronta e mandou castigar severamente o doador.

Salira, sua mulher, ficou, ao conhecer a noticia, no mais completo desespero, não porque o marido estivesse em risco de vida, mas pelo facto que a fortuna representada por aquellas joias não era mais que fumaça.

Ali foi solto e jurou que havia de enriquecer de novo. Aceitou sem resistencia a dominação franceza e, com alegria, viu que essa dominação trazia uma grande alta para as tamaras que o seu terreno produzia prodigiosamente.

Seus irmãos, a seu exemplo, acceitaram os francos e continuaram na sua modestia, observando muito religiosamente as leis do Corão. Ali, já habituado, em pouco se misturou com os imbecis a quem vendia as tamaras por bom preço e gastava o grosso do rendimento que ia tendo, em bebidas, apesar da prohibição do Corão, em orgias com os officiaes e funcionarios francezes. Construiu um palacio que elle pretendia parecido com aquelle do grande califa Harun-al-Raschid, em Bagdad, conforme é descripto no livro de histórias da princeza Scherazade.

Vendo que as tamaras eram muito procuradas pelos francos que por ellas, pagavam bom dinheiro, por toda a parte começaram a plantar tamaras; os irmãos de Ali, porém, não quizeram fazer tal, pois sabiam por experiencia de seu pae, que, desde que houvesse muitas tamaras para vender e, não se precisando desse fructo para o nosso comer diario, não era possivel que muita gente as quizesse comprar tão caro. Abundando tinham que vendel-as mais barato, para attingir e provocar os compradores mais pobres.

Continuaram com a sua alfa, as suas laranjas, a pascer os seus rebanhos, sem nenhuma inveja do irmão que parecia rico e os desprezava.

Os seus sobrinhos, de quando em quando, iam ás terras do tio e elle, por ostentação, por vaidade e para mostrar riqueza, lhes dava uma libra turca e as crianças voltavam para a casa dos paes, dizendo :

— Tio Ali é que é gente ! Tem tudo ! Como elle é rico, por Allah !

Os seus paes respondiam :

Cada um se deve conformar com o que Allah lhe dá ! E' bom que prospere, pois tem familia . . . Deus é Deus e Mahomet é seu propheta.

Veiu a morrer Ali, quando as tamaras começaram a cair de preço. Herdou-lhe os bens, além da mulher, o seu unico filho Hussein ben Ali-al-Balek que tinha todos os defeitos do pae augmentados com os de sua mãe.

Era vaidoso, presumpçoso, avido, desprezando os parentes, para os quaes era sumitico e avaro, desprezando-os como se fossem animaes immundos e tidos em maldição pelas leis do Propheta. Com os francezes, entretanto, era mais prodigo do que o pae e fingia ter as suas maneiras e usos.

Nas gazetas que começaram a apparecer em Argél, Hussein ben Ali-al-Balek era gabado e, apesar das leis do Corão prohibirem a reproducção da figura humana, uma dellas lhe publicou o retrato. As tamaras começaram a descer; e, como Hussein tivesse noticias que, duas leguas proximas, um outro musulmano possuia uma grande plantação dellas, começou a pensar que era esta que fazia descer o preço das suas.

Em Argél, sobretudo no "vilayet" de Hussein, personificam-se sempre os phenomenos e a subtiliza de um plantador de tamaras não póde bem conhecer, apesar de raça arabe, o filigranado das inducções da Economia Politica . . .

Imaginou logo destruir a plantação e mesmo toda aquella que apparecesse na redondeza. Suppoz de bom alvitre ir com alguns homens e queimar os coqueiros. O dono, certamente queixar-se-ia ao "caid" e ás autoridades francas; e seria uma complicação. Homem de expedientes, lembrou-se de conseguir do Capitão francez da guarnição, Al-Durand ou Al-Burhant a destruição do plantio rival. Habilmente, fez-se amigo do rumi, encheu-o de presentes, de festas, de bebidas, pois seguia o exemplo de seu pae nesse tocante; e o "cão do christão" se fez afinal seu ami-

go. Um dia, depois de uma festa, o militar, que pisava indignamente a terra onde estavam os ossos do seu pae, após muitas queixas de Ali, apiedado do arabe, apressou-se em ir á plantação do vizinho e castigal-o. Assim fez, com os seus soldados e os ferozes serviçaes de Hussein. Houve queixa; o Capitão foi punido; mas o “saas” (*) de tamaras não subiu nem meio “gourde”.

As suas finanças iam de mal a peor, a casa magnifica ia dando mostras de ruina e os seus moveis e alfaias deterioravam-se com o tempo. Sua mãe não cessava de censurar-lhe pelas faltas que não lhe cabiam. Ella, com aquella arrogancia muito sua e inveja tambem muito sua, reprehendia-o :

— Vês : as tamaras cahem de preço e tu não tomas providencia alguma. Os meus não são assim. . . Mas tens o sangue de teu pae. . . E' verdade que teus tios estão vendendo alfa, oliveiras, gado e laranjas e ganham. . . Se tu não fizeres esforço algum, ficarás como elles, uns macacos a viver em tocas e a dormir em pellegas de carneira. . . Schmed, o teu segundo tio, ganhou duzentas piastras em azeitonas e ficou contente. Queres ser como elle ?

— Que hei-de fazer, mãe ?

— Pensa; e não fiques ahi a chorar como mulher. Saul chorou ? David chorou ? Só o Deus dos christãos chorou. Jehovah não ama o choro. Elle ama a guerra e o combate, até o exterminio. Lê os livros, os que foram os meus e os teus que são tambem agora os meus. Lembra-te de Deborah e de Judith e eram mulheres !

Hussein ben Ali-al-Balek não podia dormir com a impressão das palavras de sua mãe. O “saas” de tamaras continuava a descer de “gourde” em “gourde”; e elle só se lembrava de Ali, de Omar, de todos aquelles de sua raça que a tinham levado em meio seculo, do Ganges ao Ebro. Mas o “saas” de tamaras parecia não temer aquellas sombras augustas e ferozes. Descia sempre.

(*) 48 litros.

Certo dia, appareceu-lhe um homem que queria falar a sua mãe, Salisa. Era o irmão della, Miquéas Habacuc. A irmã e o sobrinho acolheram muito bem tão proximo parente e lhe falaram na baixa das tamaras que os atormentava. Miquéas que era homem esperto em negocios, disse para o sobrinho :

— Filho de minha irmã, tens meu sangue, mas não a minha fé nos livros santos da Synagoga; mas teus avós Isaac, Baruch, Daniel, Azaf, Ethan, Zabulm, Nephetalí e tantos outros mandam que eu te auxilie nesse transe da tua vida que é preciosa a elles e a mim, pois ella é delles e tambem minha. Portanto, tal forem os presentes que tu me fizeres, eu posso purificar-me de ter soccorrido um ente que não é Israel. Dize-o que o Rabbino me perdoará.

Hussein ficou de pensar e, á noite, conferenciou com sua mãe Salisa.

— Filho, dá-lhe alguns sequins turcos e aquellas joias falsas que quasi custaram a morte de teu pae. Porque — ouve bem — o conselho delle pode ser falaz.

Despertando Miquéas, logo Hussein foi ter com elle e propoz-lhe o escambo. O israelita ao ver as joias, nem olhou mais os sequins. Ficou com os olhinhos phosphorescentes de tigre na escuridão. Era tido como se fosse dar um salto de felino. Contou então ao sobrinho, como devia proceder.

— Tu que tens o sangue de minhas avós Micaia, que era da tribu de Jeŕoboão, e de Azarela, que era da casa de Leedan, ouve, comprarás todas as tamaras que houver na redondeza, mesmo antes de amadurecerem, ficando ellas nos pés. Quando fôr a época de colhel-as, colhel-as-ás todas, guardando em surrões nos armazens de tua casa e não venderás senão quando te offerecerem um lucro que dê a fartar para gatares. . .

— Tio amado e sabio : ellas não apodrecerão ?

— Não importa. As poucas “medidas” em que isto acontecer darão prejuizo, mas tu marcarás o lucro de modo que o cubras.

Hussein ben Ali-al-Balek descançou um instante a cabeça.

sobre o peito, depois a ergueu de repente e exclamou:
 — Falas com a sabedoria do propheta, Miquéas Habacuc.
 Que Allah seja contigo !

Miquéas Habacuc, filho de Uriel de Sepethai, não se quiz demorar mais e partiu despedindo-se da irmã Salisa e do sobrinho Hussein ben Ali-al-Balek com lagrimas nos olhos, canastras pesadas com os sequins turcos e as joias falsas com que o sobrinho lhe pagara o seu profundo conselho de economia politica hebraica.

Hussein fez o que lhe foi aconselhado ; e as tamaras começaram a ter mais offerta de preço. Vendeu-as com grande lucro no primeiro anno ; no segundo, se sentia uma certa resistencia na mercado. Elle as reteve em grande parte; mas, no terceiro anno, elle teve que comprar a producção e viu que ia augmentando o "stock" do que se pode chamar de valorisação das tamaras. Viu bem que se continuasse a comprar a producção, ficaria com elle demasiado augmentado, a sua fortuna comprometida e que fez? Cedeu. As tamaras começaram a descer "gourde à gourde". Teve uma idéa que um sargento francez lhe indicou. Vendo que ellas encalhavam nos seus armazens e os pedidos cresciam muito lentamente; vende, pouco a pouco, os seus coquinhos perdendo o valor, alugou alguns gritadores que ber-rassem, nas ruas de Seger á guerreira : Vivam as tamaras ! Não ha cousa melhor que as tamaras de Hussein ben Ali-al-Balek !

Nas gazetas, elle pagava annuncios das suas tamaras, mas não vendia mais que dantes. Deu-as de graça e, como toda a cousa dada de graça, ellas só agradavam desse modo.

Em se tratando de vendel-as, nada ! Os surrões de tamaras augmentavam nos seus armazens, pois teimava em compral-as e guardal-as, empilhal-as, para que ellas não viessem afinal a não valer nada.

O tapete de Smyrna que o pae lhe deixara desfiava-se, empenhou as armas preciosas, tambem a herança do pae, para comprar mais saccas de tamaras. Comprou um tapete falso e umas armas vagabundas de um Kabylla mais vaga-

bundo ainda, para pôr no lugar das antigas preciosidades. Os outros plantadores que se tinham limitado a colher e vender, iam vivendo das suas modestas plantações; elle, Hussein ben Ali-al-Balek, corria para a ruina certa.

Foi por ahi que, novamente, lhe appareceu Miquéas Habacuc, sentiu, homem habil e esperto nos negocios. Hussein ficou espantado, mas o tio lhe disse :

— Rebento da minha querida irmã, pelo Deus de Abrahão, de Israel e de Jacob, não te amedrontes: vendi as joias por bom preço a um grego, com o que ganhei duas cousas: dinheiro e a gloria de ter enganado um cão infiel dessa especie. Mas, pelo Eterno! Esta idéa de pagar-me o conselho em joias falsas não é tua... Isto tem dedo de pessoa inteiramente da minha raça de Mardoch e Malaquias... Isto é de minha irmã! Não foi tua mãe quem...

— Foi. E que fizeste do dinheiro, tio amado da minha alma; soccorro da minha vida?

— Emprestei-o aos turcos com bons juros e quando os cobreí, quasi me esfolaram. Muito tem soffrido a raça de Israel; mas o que soffri delles, nem contar te posso — oh! descendente do grande Al-Balek, companheiro de Musa — conquistador das Hespanhas!

Acabava de dizer estas palavras, quando entra no aposento em que estavam, Salisa, a feroz Judith; a eloquente Debora — que, ao dar com o irmão, se põe em prantos, exclamando :

— Irmão do coração, sabio Miquéas! Tu que descendes como eu de Miceria, da tribu de Jeroboão e de Azarela, que era da casa de Leedan, salva-me pelo nosso Deus de Abrahão, de Israel e de Jacob — salva-me!

E a feroz Judith e eloquente Debora chorou não a sua dor, nem a dos outros, mas o dinheiro que se sumia.

Contou, então, Hussein ao tio, como a ruina se aproximava; como a valorização das tamaras, no começo dando tão bom resultado, viera a acabar, no fim, em desastre completo.

O velho Miquéas, filho de Uriel de Sepethai, coçou as barbas hirsutas; os seus olhinhos luziram naquelle quadro

de pelles cerdas; depois, faiscando-os malignamente, perguntou ao sobrinho :

— Com que dinheiro tu, sobrinho meu; com que dinheiro fizeste a operação ?

Hussein disse-lhe que fôra com o dinheiro delle e o da sua mãe. Miquéas Habacuc, judeu de Salonica, homem esperto e habil em negocios, sorriu com gosto e demora, dizendo após :

— Tolo que és !

— Porque ?

Habacuc assim falou de subito, logo immediatamente á pergunta :

— Que me darás em troca pela explicação ?

— A ultima bolsa de sequins de ouro que me resta.

— E's generoso e grande, sobrinho meu, filho de Salisa, minha irmã, guarda-a. Ganharemos mais. Fizeste mal em empregar o teu dinheiro e o da tua mãe. Devias empregar o dos outros.

— Como, tio Miquéas ?

— Tu não sabes, meu sobrinho, essas operações de cambio e de banco. Eu as sei. Nós agora vamos organizar a defeza das tamaras, isto é, impedir que especuladores reduzam á miseria e á desolação esta rica região do Morghreb, como dizia o teu grande avó, Al-Balek. Vamos pedir dinheiro aos seus habitantes, para que não morram de fome e não pereçam á mingua por falta de trabalho.

— Não me darão, tio.

— Dar-te-ão, sobrinho do meu coração; dar-te-ão. Chama teus tios, irmãos de teu pai, e os filhos, e convence-os que devem dar as economias que teem, em moeda, para poderes lutar com os que querem acabar com as plantações de tamaras do "vilayet". Dize-lhes que se não o fizerem as plantações morrerão, os habitantes fugirão, aqui ficará tudo deserto, sem agua e sem pastagens; e os bens delles nada valerão e serão tambem elles obrigados a fugir, perdendo muito, senão tudo.

— É em troca ?

— Tu lhe darás vales que vencerão juros e pagarás os vales em certo prazo.

— Mas . . .

— Nada objectes; meio do meu sangue de Sepethai, mas meu sobrinho inteiramente. Não sabes o que é a cobiça; não sabes o que é querer ter dinheiro sem trabalhar. Elles acceitarão na certa e, não sendo ricos, em breve precisarão de dinheiro. Eu vou pôr um “bazar” com o sacco de se-
quins d’ouro que te resta e farei saber que desconto esses vales teus, em dinheiro ou em mercadoria. O pouco dinheiro que tens, atrairá o delles; tu comprarás tamaras, mas pagarás em vales que vencerão o juro de 2 %, mas que eu descontarei a 20, 30 e mais por cento.

— Se não quizerem descontar, tio que és sabio como o mais sabio dos ulemas, como ha de ser ?

— Tens o dinheiro dos teus parentes. Em começo, pagarás tudo em dinheiro. Mas teus parentes, precisando de dinheiro, irão como te disse, procurar-me. Eu os attenderei immediatamente. A fama correrá e ninguem temerá receber os teus vales.

— Comprehando. E as tamaras ?

— Irás vendendo a bom preço e guardando o dinheiro, deixando que uma grande parte apodreça. Tu viverás na pompa, na grandeza e um bello dia, em vez, de eu descontar vales, adquiro-os com agio. Toda a gente quererá os teus vales e encheremos as arcas de dinheiro.

— E no fim, no pagamento, como será ?

— Marcarás um praso longo, pela festa do Beiram e daqui até lá teremos tempo de agir.

Hussein Ben Ali-al-Balek, empregou todas às labias que lhe ensinou Miquéas Habacuc. Seus tios e primos entregaram-lhe as economias, pois ficaram muito contentes que elle se lembrasse de defendel-os, de impedir a ser completa a miseria. Tio e sobrinho encheram os simplorios homens de todos os affagos, de todas as blandicias e iniciaram a defesa das tamaras, que era a propria defesa do “vilayet”.

Um unico não quiz entregar as suas economias. Foi o tio que herdara as terras de pastagem. Dissera o velho :

— As tamaras não são do gosto de todo o mundo e as que se colhem, são de sobra para os que gostam dellas. Não de se as vender barato por força, pois são demais.

Hussein Ben Ali-al-Balek, porém, deu início á sua obra de grande efficacia para todo o “vilayet”, ostentando uma riqueza, um luxo e uma magnificencia que reduziram, fascinaram a imaginação do povo do logar e das circumvisinhanças.

O seu palacio foi augmentado; as suas estrebarias ficaram cheias de soberbos ginetes do Hedjaz; nas suas piscinas só corriam aguas perfumadas — tudo ficou sendo um encanto no seu alcazar e dependencias.

A fama de sua riqueza corria por toda a parte e até, em Alger, a branca, a genuina, seu nome era falado. Dizia a bocca do povo :

— Se todos fossem como Hussein Ben Ali-al-Balek conquistaríamos todo o Moghereb, expulsando os “rumis”.

O seu credito ficou sendo tal que todo o dinheiro que havia naquellas terras, entrou para as suas arcas.

As tamaras subiram de preço, de facto; mas pouco. Entretanto, em quanto, vendia um terço, guardava dous. Miquéas Habacuc exultava, com os descontos que fazia e com o dinheiro que era trazido para as mãos do sobrinho. Só a irmã, a feroz Salisa, temia o fim e perguntava ao irmão :

— Como pagaremos tantos vales, se já gastamos o dinheiro delles e temos mais tamaras guardadas que vendidas ?

— Cala-te irmã que és minha, Ahi é que está a minha grande sabedoria.

O dinheiro amoedado desapareceu e os vales de Hussein corriam como moeda. No começo equivaliam ao seu valor em sequins ; mas, bem depressa, para se comprar com elles um «saas» de trigo, tinha-se de gastar o duplo do que se gastava antigamente. O povo começava a desconfiar, quando veiu rebentar a guerra de Abd-el

Kader, emir de Maskara. Andava elle precisando de homens e viveres. O emir, que sabia do prestigio de Hussein naquelle «vilayet», offerece-lhe alguns milhares de libras turcas, para que mandasse homens.

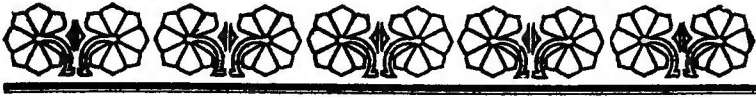
Miquéas, que sabe do caso, intervém, e propõe que o sobrinho accete, comtanto que o emir lhe compre as tamaras. O emir accede, paga as mil libras turcas, compra as tamaras de que não precisava.

E Hussein convence os parentes que devem partir para os «goums». Para isso falou como um santo marabut.

Antes da festa do Beirão, a que era marcada para o vencimento dos vales, fugia, com a mãe, a feroz Salisa, o tio Miquéas Habacuc, homem habil e esperto em negocios — cheios todos de ouro, ricos de apodrecer.

No «vilayet» a população cahiu na miseria, menos aquelle tio de Hussein Ben Ali-al-Balek, que não quiz entrar na defesa das tamaras.

Durante muito tempo, pastoreou as suas ovelhas e tosou os seus carneiros. Os seus netos ainda hoje fazem a mesma cousa naquelle logarejo algerino, onde as innocentes tamareiras se não constituem objecto de maldição, são tidas como simples arvores de adorno.



AGARICUS AUDITÆ

A João Luiz Ferreira

Alexandre Ventura Soares tinha seus vinte e cinco annos, bacharel em sciencias physicas e naturaes, era preparador do Museu de Historia Natural, cargo que, obtido em concurso, lhe dera direito a uma viagem á Europa, nos tempos em que as subvenções para isso largamente se distribuiam, razão pela qual eram equitativa e sabiamente feitas. De volta, por acaso, viera a morar defronte de um homem de idade, veneravel, que vivia, pelo jardim de sua vasta casa, a catar pedrinhas no chão. Curioso com os trejeitos do homem, pôz-se a observal-o, afim de descobrir o que significavam. Visou a Asia e encontrou no caminho a America. *El levante por el poniente*. . . A filha do ancião, muito naturalmente, pouco affeita a curiosidade sobre o seu jardim que não tivesse ella por objecto, suppôz que o doutor estivesse apaixonado por ella. Nêê, era o seu appellido familiar, sabia que o rapaz era dado a cousas de botanica; que pertencia ao Museu; que o tratavam de doutor; logo não se podia tratar senão de um medico.

A nossa mentecapta intelligencia nacional de que não fazem parte só as mulheres, não admittre que tratem de botanica senão os medicos; e de mathematica os engenheiros; quando, em geral, nem uns nem outros se preocupam em taes cousas.

Ella, porém, vivendo em circulo restricto, não tendo estudos especiaes, convivencias outras que não essa da sociedade, fossilizadas de cerebro e com receitas de formulario na cabeça, não podia ter outra opinião que a geral na nossa terra, de cima a baixo. Aquelle moço era por força doutor em medicina ou, no minimo, estudante. Quando soube que não, teve uma ponta de despeito; e custou-lhe a crer que fosse tão formado como outro qualquer doutor. Foi o proprio pai quem a convenceu.

— Oh! filha! filha! Pois não sabias disso? Pois eu estimo muito saber que tenho na vizinhança um sabio.

O desembargador Monteiro, pai da Nêê, estava aposentado e tinha a mania da Mineralogia. Elle mal conhecia o primeiro systema de *christallographia*; mas não lhe deixava a teima. Tinha um laboratorio onde não havia nem uma balança de Jolly, nem um maçarico, nem um bico de Bunsen, nem um reactivo, nem um pedaço de carvão vegetal; mas quando mostrava aos visitantes, exclamava ufano:

— Vejam como tenho livros! Vejam! Tenho o Haüß, as suas duas obras: a *Estructura dos Chrystaes* e a *Mineralogia*, 1^{as}. edições... Olhem aqui o Delafosse! Seis volumes! Hein?

E assim mostrava toda a sua bibliotheca de mineralogia systematica e descriptiva. Chegava a um canto, onde havia uma pequena bigorna de ourives, montada em um forte sócco de páo, tendo a um dos lados um pesado martello de carpinteiro; e observava:

— E' aqui que trabalho ha annos... Ainda não consegui isolar uma granada de granito... No emtanto, eu as vejo em quasi todas as pedras da rua sobre que ponho os pés.

Foi esta mania de procurar *granadas* nas pedras da rua que chamou a attenção do joven naturalista seu visinho. Se Monteiro lobrigava uma granada por menor que fosse, nas pedras soltas do seu caminho, logo apanhava pedregulho, levava-o para casa, e martellava-o naquella bigorna de fazer pulseiras, á cata da pedrinha vermelha-ru-bra; mas, fosse por isso ou por aquillo, a granada se

escafedia e o nosso mineralogista ficava desolado. Só os paralelepipedos do pavimento das ruas, lhes escapavam; mas, assim mesmo quando estivessem ajustados aos outros; se soltos, elle pagava a algum moleque para levar um ou outro á sua casa.

Sua filha, D. Nêê, ficou muito contente; e o joven botanista não teve nenhuma difficuldade em obter a sua mão. O velho desembargador disse-lhe unicamente:

— Bem. Não ha duvida. O doutor tem com certeza um futuro brilhante; mas, ainda não demonstrou para que veio ao mundo. Já escreveu uma «memoria»?

— Não, senhor.

— Faz mal. Na Allemanha, é muito usado... A «memoria» demonstra sagacidade para o novo, para o detalhe inedito, inexplorado, um ponto de vista que houvesse escapado aos sabios e grandes mestres... Eu queria que o meu futuro genro merecesse minha filha dessa maneira, porque, na Allemanha...

Mas o sr. desembargador ha de me permittir uma pergunta?

— Pois não.

— A que sociedade ou academia deveria eu apresentar a minha memoria?

— Não ha negal-o: a sua objecção procede. Não havendo entre nós Academias especiaes ás mesmas sciencias, havia, portanto, embaraço em achar quem julgasse o merito ou desmerito do seu trabalho. As que ha, ou são de uns ignorantes literatos que nunca viram uma granada em uma pedra, ali, da pedreira do Rio Comprido, ou são formadas por uns medicos faladores que têm pretensões a literatos. Mas... acontecé que os senhores não conhecem bem o Brazil, senão saberiam que existe uma Academia respeitavel e egregia, não só pelos varios ramos de sciencias naturaes nella cultivados, como tambem pelo numero de sabios mortos e vivos a ella pertencentes, que mereciam ser conhecidos pelo senhor que governa a sua mocidade nobre pela intelligencia e pelo estudo. Então não conhece o senhor «A Academia dos Esquecidos»?

— Não !

— E' de admirar ! Pois, creia-me, della, além dos actuaes, fizeram e fazem parte ainda : Alexandre Ferreira, Conceição Velloso, Gomes de Souza, o Dr. José Mauricio Nunes Garcia, Domingos Freire, Tito Livio de Castro, Moraes e Valle, José Bonifacio . . .

— José Bonifacio, dos Esquecidos !

— Sim ! Aquelle mineralogista que depois foi politico. E como não ?

— Ah !

— Comprehende-me, agora ?

— Pois bem. Actualmente, presido eu a Academia, disse o desembargador com emphase ; e espero que, como um paladino, offereça á sua noiva a ardua victoria de fazer parte della. Está aqui a minha mão, Nêê . . .

Os tres sabios despediram-se tocantemente; faltou porém, o quarto sabio. Talvez fosse o unico que não levasse n'alma engano cêgo; mas a pequena levou, creio, durante o primeiro anno.

Na rua, monologava Soares : um caso novo, um detalhe original, onde hei de buscar-os ? Fui bom estudante e, talvez, por isso, nunca suppuz que, na sciencia, houvesse novidade. Tudo já estava feito e, quando não estava, quando se queria cousa nova, compravam-se as revistas estrangeiras e lá estava a cousa digiridinha. E— que diabo !— para que havia eu de augmentar a difficuldade dos estudantes ? Não bastavam os europeus, os taes allemães ? Já que era preciso descobrir ou inventar para casar, vá lá ! Mas, não era já sufficiente ser doutor para casar ? Ainda mais esta ! Até o que se havia de pedir para casar bem ? Ora bolas ! Estou quasi desistindo . . . Não ! E' preciso ter-se uma posição decente na sociedade, um bom casamento, senão rico, pelo menos semi-rico . . . Se não descubro, furgico qualquer cousa e a sciencia que se amole . . . A sciencia é um enfeite; é assim como este anel de saphyra . . .

E olhou para a pedra quasi tão dura como o diamante, a

qual não esmaeceu em nada ao seu olhar feróz de cupidéz. .

Resolveu-se Soares a escrever sobre mineralogia : «Rochas metamorphicas do Brazil» ou «O veio de Petro-Silex do Corcovado ; » mas isto, considerava, não é novo e muito menos é meu. O joven sabio foi dormir, julgando ter perdido a menina rica, a importancia de genro do desembargador Monteiro, e a sua entrada na Academia dos Esquecidos.

Buffon affirmou alhures que alguns volumes da sua monumental Historia Natural, elle as devia ao seu criado. Soares deveu a sua «memoria» e a sua felicidade ao seu criado José. Despertou-o este bem cedo, muito a contragosto delle. Leu os jornaes, de principio a fim ; leu a noticia dos rôlos que houvera no Theatro Lyrico, tomou outra chicara de café, fumou e, de subito, sentou-se á meza e escreveu em bastardo :

Agaricus auditæ

Mais em baixo, ao lado direito, pôz á guiza de epigraphe:

Memoria apresentada á Academia dos Esquecidos, secular e vetusta como as demais congeneres, pelo bacharel em sciencias phisicas e naturaes da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro Alexandre Valentim da Costa.

E então começou:

«Srs. Academicos. Seduziu-me desde moço a doutrina darwiniana; e eu, com Lyell, a sorvi em grandes haustos na sua applicação á geologia. Concordei que o mundo actual era resultante e resultado de varias, lentas, pequeninas transformações seriadas cujos termos não tem origem; com Huxley, depois daquella sua celebre demonstração por que tem passado o cavallo atravez das idades (F. Huxley — L'Evolution et L'Origine des Espèces — trad. franceza, 1892, pags. 232

e segs.) — com Huxley, dizia, acreditei que o «*megatherium*» e o «*mamuth*» como plenipotenciarios seres, tivessem acreditado entre nós a horrida preguiça e o informe elephante. Sustentei que, sob o imperio inexoravel da selecção natural e da adaptação ao meio, marchassem nós, pedras e homens, nessa successão de modificações, passo moroso e graduado que vai a variavel, de estadio em estadio, se approximando do limite para nunca attingil-o, como nós para o nosso perfeito destino desconhecido (Hæckel, «*passim*»).

— Bem começado! exclamou o nosso Alexandre. Os periodos se succedem como uma phalange de theoremas e dellas tirarei legiões de corollarios. *Festina lente*... Mas continuemos:

«E, certo nestas idéas, parecia impossivel, e de facto o é, que, em plena vida contemporanea, existissem exemplares da fauna e da flóra dos primordios da Terra. Houve, não obstante ser inconsequente com os verdadeiros principios da sciencia, alguém que pretendeu ter visto fosseis «vivos», mas, se é possivel isto no mundo das intelligencias, fóra do mundo do pensamento, tal como o dos artistas, dos poetas, dos sociologos, dos escriptores, dos architectos, dos jornalistas, dos musicos, tal não permite a evolução em geral.»

«Deveis lembrar-vos, Srs. Academicos, dos “*Ptérodaetylus longistrostris*”, que alguns viajantes, (poetas naturalmente) julgaram lobrigar por entre as florestas ralas da Nova Zelandia, mas que, após visitas de verdadeiros scientistas, foram arrastados para a voragem dos desmentidos da excelsa sciencia.»

Soares não se conteve e exclamou bem alto:

— Muito bem! Excelsa sciencia! Admiravel! Naturalmente o desembargador Monteiro ha de apreciar esta bella phrase: excelsa sciencia!

Não ha duvida! Esta minha memoria traz no seu bojo toda uma synthese das minhas qualidades e das minhas audacias faceis! Assentarei a minha fama de naturalista; entrarei para a Academia dos Esquecidos; demonstrarei o vigôr do meu estylo e, por cima de tudo, uma pequena semi-rica! Arre! Como é bom ter-se um bom curso na

Escola Polytechnica do Rio de Janeiro! Nêê, como te amo! Soccorre-me nesse transe, como me vais soccorrer a vida toda! A mulher foi feita para sustentar o homem. . . Aquelle burro do Comte! Era por isso que elle detestava a geologia, a paleontologia! Burro! Nêê! . . . E não é que estou mesmo parecendo o Paulo, o tal da Virginia? Ora bolas!

Adiante :

«II — Amigo meu e consumado sabio, J. C. Kramer, eximio geologo e professor da mesma cadeira da Haward-University, U. E. A., em conversa commigo, ha dias, no Museu de Historia Natural desta Capital, — conversa amavel de sabios — communicou-me que, ha tempos, por occasião de estudar, no Rio de Janeiro, a «hypothese da glacição do Brazil», de Agassiz, observou vegetando nesta cidade uma assaz extranha casta de tortulhos — a que as crianças chamam «mijo de sapo» e «orelha de burro» que elle julgava, apezar do disparatado dos caractères, exemplares da flora do periodo triassico da epocha secundaria.

«Obvio será dizer-vos, senhores Academicos, que uma tal communicação me encheu de immenso jubilo, patriotico e scientifico».

Cavaqueando commigo o doutor Kramer, da Haward-University, U. E. of A., admirava-se, sorrindo com mofa e desculpando-se amavel, que, vivendo os taes cogumelos tão proximos dos nossos estabelecimentos de sciencia, não houvessemos ainda notado a sua singular estrutura. E bastante applicavel — desculpava-se agora mal — vosso paix é muito novo. E, na continuação da palestra, não se media, ás vezes, de contentamento e satisfação. Deixava sempre transparecer nesses sentimentos a utilidade scientifica da perspicacia e subtiliza do sabio Yankee; e o que parecia accrescer ainda mais a sua maligna satisfação, era que taes «agaricus», fossem além dos nomes das crianças que tinham, tambem conhecidos vulgarmente por «dilettantes» nome que, dado o seu applicavel e previsto mau ouvido para as linguas do sul da Europa; creio tratar-se de «dilettanti».

Nisto, o José chega á porta do gabinete do sabio Alexandre e grita :

— *Seu dôto!* O almoço tá na meza !

— Oh ! Já ?

Olhou o relógio na parede e concordou :

— Você tem razão . . . E' verdade ! Já são dez horas . . . Almoço, vou ao Museu, consulto as notas da besta do Kramer e, antes do fim do mez, tenho a *pequena* e o resto . . . E, se alguns scepticos, pessimistas e despeitados, disserem que a sciencia, no Brazil, não leva longe, não dá fortuna, independencia, eu posso dizer bem alto: aqui estou eu !

E bateu, com força, no peito como se dissesse para a escolta do fuzilamento: atirem que eu não preciso de ficar amarrado, nem vendado. Sei morrer !

No dia seguinte, completamente armado com as notas do famoso geologo yankee, o notavel brasileiro Alexandre Ventura Soares, homem grave e sabio, tanto mais grave e mais sabio por ser joven, continuou a sua memoria casamenteira assim:

III—O «*habitat*» de taes «*orelhas de burro*», como lhes chamam as creanças do Rio de Janeiro, é um barracão humido e quente que fica ao sopé do morro de Santo Antonio, no centro da cidade, e serve as mais das vezes de deposito de jornaes europeus de modas e joias de aluguel que correm em varios corpos, as capitaes de segunda ordem do Globo, exhibindo-as como riquezas proprias.»

—Diabo ! exclamou Soares, compulsando as notas. Este Kramer tem cada idéa ! Isto é impossivel ! Adiante, pois é preciso ! Emfim ponho umas aspas e vae a cousa por conta delle:

«*Convém—e com humildade vos peço, Srs. Academicos—que vos esqueçaes (não fosseis Esquecidos) das mais comensinhas noções de botanica, pois o nosso excêntrico sabio vae desvendar órgãos pouco faceis de acceitar em «mijos de sapo.»*»

Está salva a minha responsabilidade, monologou o notavel preparador do Museu de Historia Natural. Vamos ! E'

preciso não esquecer o teu ideal scientifico! A Nêné está ali! Vamos! Esta «memoria» é a tua sorte grande! E tomando folego, continuou:

«Elles deveriam ser analogos aos cryptogamos que formavam com outros a flora do periodo carbonifero; e, para justificar isto, encontraram-se entre elles, alguns exemplares do «lepido dendron elegans», genero «atanephæ».

Pareceria a pessoas pouco versadas em Geologia e Paleontologia, que taes cryptogamos não alcançassem, nos nossos dias, mais do que alguns centimetros de altura; mas, a vós, que dellas sabeis mais do que eu, não parecerá extranho que affirme tel-os visto com 1,m50 e 1,m80 de altura.

Sob a forte objectiva de um microscopio de Zeiss, encontrou o doutor Kramer, na parte minima do disco superior que possuem taes tortulhos, alguma cousa semelhante ao cerebro humano.

Analysando esse pedacito de cabeça pacientemente, com a paciencia caracteristica de um professor da Haward College, se lhe depararam, ao Dr. Kramer, coroando as suas fatigantes pesquisas, em estado rudimentar, os menos optico, auditivo, olfactivo, gustativo, etc., e, de todos esses, o mais rudimentar e grosseiro, era o auditivo. Usando, então, de um paradoxo facil, o sabio de Cambridge (U. E.) denominou-os cogumelos auditivos («agaricus auditæ».)

Das bossas (o singular Kramer ainda admite a theoria de Gall), só lhes restava a da memoria. As funcções da vida vegetiva tinham nelles um completo e pleno desenvolvimento, tanto assim que, apêzar de agaricos, sabiam comer demasiadamente.

O que torna taes cogumellos dignos de nota, além de outros caractéres — observa o doutor Kramer, é que possuem sexos. Ha-os machos e os ha femeas. Embora fiel aos dictames da sciencia, no entretanto, por honestidade scientifica, julgo-me obrigado a transcrever aqui essa blasphemia. Mas, se ella foi arrogada á sciencia, por um sabio como o distincto professor do Haward-University, claro é que nós não devemos senão acatal-a, embora assim parecendo ser. Se não nos parece ver-

dade inconcussa, partindo de onde parte, nescios como somos, temos o dever de tomal-a como tal».

«Diz o professor americano que ha os exemplares de uma coloração negra, intensamente negra, tendo na parte superior um canudo tambem negro, lustroso, com uma especie de rabo de ave — são os machos; e os outros claros, roseos, cabelludas, semi-nús, cheios de pedrarias—são as femeas».

«Nessas differenças, todas superficiaes, que o extraordinario professor julga traduzirem sexos, no choque dellas, no seu attricto é que reside a agitação, a fermentação daquelle principio vegetal dos «*agaricus auditæ*».

«Tocando isto á sociologia dos «orelhas de burro», em que não sou versado, não me animo a discutir a questão e adio o debate para mais tarde...»

— Que é José ?

— Esta carta da casa do dr. Monteiro.

O criado retirou-se e o sabio, «*apud*» Kramer, abriu o bilhete e leu :

“Meu querido. Já não appareces, não te vejo mais. Deixa essa historia de “memoria”. Papai é maniaco, isto não é preciso. E’ melhor que arranjes um soneto, uns versos, emfim, que talvez façam o mesmo effeito; e, se quizeres, mandal-os-hei fazer por um poeta discreto que anda na precisão de dez mil réis. Queres? Que tal? Responde. Nêê.”

O sabio Alexandre, luzeiro da sciencia brasileira, respondeu :

«*Nêê. Tem fé em mim e na Sciencia. Alexandre.*»

Em seguida, o original cientista Ventura considerou de si para si:

— Bem, por hoje, basta. Amanhã irei determinar a origem e, no sabbado, lerei a memoria ao desembargador; e,

ainda, não foram passados dous mezes! A sciencia brasileira tem os seus lados notaveis e singulares—continuou Alexandre na sua meditação—e um delles é essa presteza nos seus trabalhos. Isto é devido ao facto que, para os outros sabios, o objecto da sciencia está no mundo, exigindo pesquisas, observações e experiencias demoradas; nós, porém, pouco nos importamos com o mundo. Ha livros; fazemos sciencia. Com elles, revistas, memorias dos outros, sem ir directamente á natureza, estudam-se detalhes, architecta-se uma theoria nova que escapou aos grandes mestres das grandes obras. A questão é combinar um com outro, embora antagonicos. . .

Oh! Este Brazil não é um paiz perdido! E' um grande paiz!

Na quinta-feira, tinha o nosso bacharel concluido a sua memoria e fel-o de modo feliz e completo. Eil-o :

«IV — Escusado será dizer que, desde logo procurei motivar e determinar as origens de tão extranha vegetação; e sem nada encontrar, já desesperava, quando o acaso, constante amigo dos sabios auxiliou-me efficazmente, como quando foi ao encontro de Newton, com a maçã, e de Gallileo, com a lampada da cathedral de Pisa.»

«V — Ha um anno pouco mais, andando eu na Italia, em commissão do governo, vi, na praia de Napoles onde flanava, brotando sobre uns andrajos sujos e abandonados de um *lazarone*, uns cogumelos de um chromatismo vario e minusculos. Naturalista, impressionaram-me elles e tive o capricho de trazer a polychromica agglomeração dos pequeninos tortulhos, com os competentes andrajos, para o Rio de Janeiro. Aqui chegado, depusitei-os em um quarto contiguo ao do meu criado José, que, ora tocando em uma flauta de bambú ou em sanfona valsas e polkas mais em vóga; ora, lendo noticias de fitas de cinema, distraía-se, sem esquecer, de quando em quando, de entoar com indecifrável vóz, árias das operas da moda, que elle ouvia trauteadas pelas ruas. Sem que tal saiba bem explicar, a não ser a flauta, o cantochão, as chronicas do José

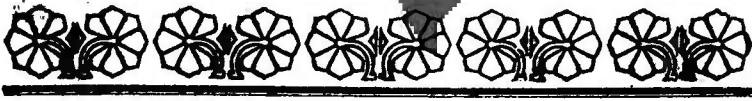
as «orelhas de burro» napolitanas começaram a medrar, a crescer e têm actualmente quasi meio metro de altura »

«VI — Attribuo, portanto, senhores Academicos Esquecidos, aos portentosos *agaricus* do Dr. Kramer as mesmas origens que os meus e o seu desenvolvimento ás mesmas causas que os daquelles trazidos por mim da Italia, tanto mais que perto do *habitat* dos primeiros existe a banda de musica da Brigada Policial e o Theatro Lyrico.»

O doutor Alexandre Ventura Soares, Bacharel em sciencias physicas e naturaes pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, preparador, por concurso, do Museu de Historia Natural do Rio de Janeiro, terminando a memoria, levou-a ao desembargador Monteiro que gastou seis mezes em lê-la e meditar sobre ella. Ao fim dos quaes, mandou chamal-o e, logo que veiu, apresentando-o á filha, assim falou:

— Nêê, é este o teu noivo que, pelo seu talento e pela sua erudição, acaba de penetrar na Academia Brasileira dos Esquecidos. Casados, desejo que vocês continuem o numero delles, para grandeza e fama do Brazil.

Casaram-se e a primeira cousa que fizeram, graças ao dote della, foi comprarem um *chalet* na *curiosa floresta* dos *Agaricus auditæ*.



ADELIA

—A nossa philantropia moderna feita de elegancia e exhibições é das cousas mais inuteis e contraproducentes que se pôde imaginar. Entre todas as pessôass do povo aqui, no Rio de Janeiro, ha uma condemnação geral para as raparigas que se casam, no dia de Santa Isabel, e saem da casa de Expostos. Isto se dá para uma casa semi-religiosa, que só visa, penso eu, não a felicidade terrena, mas o resgate de almas das garras do demonio. Agora, imagina tu o que de transtorno na vida de tantos entes não vão levar esses “dispensarios”, essas “crèches” etc. que lhes amparam os primeiros annos de vida e, depois, os abandonam á sua sorte! . . . Antes a Sala do Banco da Misericordia que receita remedios de uma côr unica e cuja dieta só varia na inversão dos pratos. . . E’ sempre a mesma. . . Essa caridade é espuria e perversa. . . Antes deixar essa pobre gente entregue á sua sorte. . .

— E’s máo. . . E’ impossivel que ella não aproveite muitos.

— Alguns, talvez ; mas muitos, ella estraga e desvia do seu destino, que talvez fosse alto. Nelson legou Lady Hamilton á Inglaterra ; e tu sabes quaes foram os começos della. Chegaria até isso se andasse, em “crèches”, dispensarios ?

— Não sei ; mas não nos devemos guiar por excepções.

— E’ uma phrase ; mas vou contar-te uma historia bem

singela que espero não m'a interromperás. Promettes?

— Prometto.

— Vou contar.

— Conta lá.

O narrador fez uma pausa e encetou vagarosamente:

— Quando a portugueza Gertrudes, que *vivia* com o italiano Giuseppe, um amolador ambulante, apresentou Adelia sua filha, á sublimada competencia do Dr. Castrioto, do Dispensario, a criança era só um olhar. As pernas lhe eram uns palitos, os braços descarnados, esqueleticos, moviam-se nas convulsões de choro sinistramente. Com taes membros e o ventre resequido e a bocca humedecida de uma baba viscosa, a criança parecia premida por todas as forças universaes, physicas e espirituaes. O seu olhar, entretanto, era calmo. Era azul turqueza, e doce, e vago. No meio da desgraça do seu corpo, a placidez de seu olhar tinha um tom zombeteiro. O doutor melhorou-a muito; mas, assim mesmo, até á puberdade, foi-lhe o corpo um frangalho e o olhar sempre o mesmo, a ver caravellas ao longe que a viessem buscar para paizes felizes. Depois de adolescente, porém, no fim das grandes concentrações intimas, o brilho hyalino das pupilas turbava-se, estremecia.

Ninguém descobriu-lhe o olhar, — quem repara no olhar de uma menina de estalagem? Olham-se-lhe as formas, os quadris e os seios; ella não os tinha opulentos, comtudo casou-se. O casamento realizou-se a pé e a garotada assoviou pelo caminho. A noiva com calma estúpida olhou-os. Por que? Casava-se a pé; era ignobil. O padrinho não lhe notou modificação sensível. Não chorara, não soluçara, não tremera; unicamente mudou num instante de olhar que ficou duro e perverso. O primeiro anno de casamento fez-lhe bem. A intensa vida sexual arredondou-lhe as formas, disfarçou as arestas e as anfractuosidades — emprestou-lhe belleza.

Demais, o ocio desse primeiro anno afinou-a, melhorou-a; mas sempre com aquelle olhar fóra do corpo e das cousas reaes e palpaveis. No fim de dois annos de casada, o marido começou a tossir e a escarrar, a escarrar e a tossir.

Não trabalhava mais. Adelia rogou, pediu, chorou. Andou por aqui e por ali. Encontrou alguém amavel que a convidou:

—Vamos até lá, é perto.

—O... Não... «Elle»...

—«Elle»!... Vamos!... «Elle» não sabe; não pôde mais. Vamos.

—Foi, e foi muitas vezes; mas sempre sem pezar, sem comprehender bem o que fazia, mas, á espera das caravelas sonhadas.

Ia e voltava. O marido tossia e tomava remedios.

—Trouxeste ?

—Sim; trouxe.

—Quem te deu ?

—O doutor.

—Como elle é bom.

Aos poucos infiltravam-se-lhe gostos novos. Um sapato de abotoar, um chapéo de plumas, uma luva... Morreu o marido. O enterro foi facil e o luto ficou-lhe bem. O seu olhar vago, fóra dos homens e das cousas, atravessava o véo negro como um firmamento com uma unica estrella no engaste de um céu de borrasca. Um anno depois corria confeitarias, á tarde; mas o seu olhar não pousava nunca nos espelhos e nas armações. Andava longe della, longe daquelles logares.

—Toma «vermouth »?

—Sim.

—E' melhor «cock-tail».

—E'.

—Antes cerveja.

—Vá cerveja.

Não custou a embriagar-se um dia. Metteram-lhe num carro. Estava que nem uma pasta molle e desconjuntada.

—Que tem você ?

—Nada, não vejo.

Você porque não abre mais os olhos ?

—Não posso, não vejo !

—Lá vão os Fenianos... Você não vê ?

—Ouço a musica.

Teve carros. Frequentou theatros e bailes duvidosos, mas seu olhar sempre sahia delles, procurando coisas longinquas e indefinidas. Recebeu joias. Olhava-as. Tudo lhe interessou e nada disso amou. Parecia em viagem, a bordo. A mobilia e a louça do paquete não lhe desagradavam; queria a riqueza, talvez; mas era só. Nada se acorrentava na sua alma. Correu cidades elegantes e as praias.

Hoje, ao Leme.

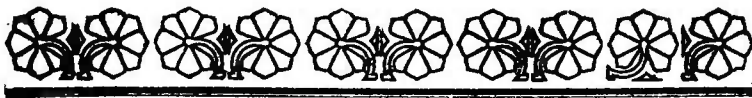
—Sim, ao Leme.

A curva suave da praia e a immensa tristeza do oceano prendiam-n'a. Defronte do mar, animava-se; dizia cousas altas que passavam pelas cabeças das companheiras, cheias de mysterio como o vôo longo de patos selvagens, á hora crepuscular.

Veiu um anno que se examinou. Estava quasi magra, quasi esqualida. Foi-se fanando dahi por diante. Diminuíram-se-lhe as joias e os vestidos. Morreu aos trinta e poucos annos como a criança que se fôra: um frangalho de corpo e um olhar vago e doce, fôra della e das cousas. Que é que adiantou o dispensario?

Calou-se o que narrava, e o outro só soube dizer:

—Vou-me embora. . . Até amanhã.



O FEITICEIRO E O DEPUTADO

Nos arredores do “Posto Agrícola de Cultura Experimental de Plantas Tropicaes”, que, como se sabe, fica no municipio Contra-Almirante Doutor Frederico Antonio da Motta Baptista limitrophe do nosso, havia um habitante singular.

Conheciam-no no logar que, antes do baptismo burocratico, tivera o nome doce e expontaneo de Inhangá, por “feiticeiro”; o mesmo certa vez a activa policia local, em falta do que fazer chamou-o a explicações. Não julguem que fosse negro. Parecia até branco e não fazia feitiços. Comtudo, todo o povo das redondezas teimava em chamal-o de “feiticeiro”.

E’ bem possivel que essa alcunha tivesse tido origem no mysterio de sua chegada e na extravagancia de sua maneira de viver.

Fôra mythico o seu desembarque. Um dia appareceu numa das praias do municipio e ficou, tal e qual Manco-Capac, no Perú, menos a missão civilisadora do pae dos Incas. Comprou, por algumas centenas de mil réis, um pequeno sitio com uma miseravel choça, coberta de sapê, paredes a sopapo; e tratou de cultivar-lhe as terras, vivendo taciturno e sem relações quasi.

A’ meia encosta da collina, o seu casebre crescia como um comoro de cupins; ao redor, os cajueiros, as bananeiras

e as laranjeiras affagavam-no com amor; e cá em baixo; no sopé do marrote, em torno do poço de agua salobre, as couves reverdesciam nos canteiros, aos seus cuidados incessantes e tenazes.

Era moço, não muito. Tinha por ahí uns trinta e poucos annos; e um olhar doce e triste, errante e triste e duro, se fitava qualquer cousa.

Toda a manhã viam-no descer á réga das couves; e, pelo dia em fóra, roçava, plantava e rachava lenha. Se lhe falavam, dizia :

— “Seu” Ernesto tem visto como a secca anda “brava”.

— E’ verdade.

— Neste mez “todo” não temos chuva.

— Não acho. . . Abril, aguas mil.

Se lhe interrogavam sobre o passado, calava-se; ninguem se atrevia a insistir e elle continuava na sua faina horticula, á margem da estrada.

A’ tarde, voltava a regar as couves; e, se era verão, quando as tardes são longas, ainda era visto depois, sentado á porta de sua choupana. A sua bibliotheca tinha só cinco obras: “A Biblia”, o “D. Quixote”, a “Divina Comedia”, o “Robinson” e o “Pensées”, de Pascal. O seu primeiro anno ali devia ter sido de torturas.

A desconfiança geral, as risotas, os dicerios, as indirectas certamente teriam-no feito soffrer muito, tanto mais que já devia ter chegado soffrendo muito profundamente, por certo de amor, pois todo o soffrimento vem delle.

Se se é côxo e parece que se soffre com o aleijão, não é bem este que nos provoca a dôr moral : é a certeza de que elle não nos deixa amar plenamente. . .

Cochichavam que matara, que roubara, que falsificara; mas a palavra do delegado do logar, que indagara dos seus antecedentes, levou a todos confiança no moço, sem que perdesse a alcunha e a suspeita de feiticeiro. Não era um malfeitor; mas entendia de mandingas. A sua bondade natural para tudo e para todos acabou desarmando a população. Continuou, porém, a ser feiticeiro, mas feiticeiro bom.

Um dia sinhá Chica animou-se a consultal-o :

— “Seu” Ernesto : viraram a cabeça de meu filho...
Deu “pa bebê”... “Tá arrelaxando”...

— Minha senhora, que hei de eu fazer ?

— O “sinhô” póde, sim ! “Conversa cum” santo...

O solitario, encontrando-se por acaso, naquelle mesmo dia, com o filho da pobre rapariga, disse-lhe docemente estas simples palavras :

— Não beba, rapaz. E’ feio, estraga — não beba !

E o rapaz pensou que era o Mysterio quem lhe falava e não bebeu mais. Foi um milagre que mais repercutiu com o que contou o Theophilo Candieiro.

Este incorrigivel bebaço, a quem attribuiam a invenção do tratamento das sezões, pelo paraty, dias depois, em um cavaco de venda, narrou que vira, uma tardinha, ahi quasi pela bocca da noite, voar do telhado da casa do “homem”, um passaro branco, grande, maior do que um pato ; e, por baixo do seu vô rasteiro, as arvores todas se abaixavam, como se quizessem beijar a terra.

Com essas e outras, o solitario de Inhangá ficou sendo como um principe encantado, um genio bom, a quem não se devia fazer mal.

Houve mesmo quem o suppuzesse um Christo, um Messias. Era a opinião do Manoel Bitú, o taverneiro, um antigo sachristão, que dava a Deus e a Cesar o que era de um e o que era de outro ; mas o escripturario do Posto, “seu” Almada, contrariava-o, dizendo que se o primeiro Christo não existiu, então um segundo !...

O escripturario era um sabio, e sabio ignorado, que escrevia em orthographia pretenciosa os pallidos officios, remetendo mudas de laranjeiras e abacateiros para o Rio.

A opinião do escripturario era de exegeta, mas o do medico era de psychiatra.

Esse “annelado” ainda hoje é um enfezadinho, muito lido em livros grossos e conhecedor de uma quantidade de nomes de sabios ; e diagnosticou : um puro louco.

Esse “annellado” ainda hoje é uma esperança de sciencia...

O “feiticeiro”, porém, continuava a viver no seu rancho sobranceiro a todos elles. Oppunha ás opiniões autorizadas do doutor e do escripturario, o seu desdem soberano de miseravel independente; e ao estulto julgamento do bondoso Mané Bitú, a doce compaixão de sua alma terna e affeioada . . .

De manhã e a tarde, regava as suas couves ; pelo dia em fóra, plantava, colhia, fazia e rachava lenha, que vendia aos feixes, ao Mané Bitú, para poder comprar as utilidades de que necessitasse. Assim, passou elle cinco annos quasi só naquelle municipio de Inhangá, hoje burocraticamente chamado — “Contra-Almirante Doutor Frederico Antonio da Motta Baptista”.

Um bello dia foi visitar o “Posto” o deputado Braga, um elegante senhor, bem posto, polido e sceptico.

O director não estava, mas o dr. Chupadinho, o sabio escripturario Almada e o vendeiro Bitú, representando o “Capital” da localidade, receberam o parlamentar com todas as honras e não sabiam como agradal-o.

Mostraram-lhe os recantos mais agradaveis e pinturescos, as praias longas e brancas e tambem as estranguladas entre morros sobranceiros ao mar; os horizontes fugidios e scismadores do alto das collinas ; as plantações de batatas doces ; a céva dos porcos . . .

Por fim, ao deputado que já se ia fatigando com aquelles dias, a passar tão cheio de assessores, o dr. Chupadinho convidou :

— Vamos ver, doutor, um degenerado que passa por santo ou feiticeiro aqui. E’ um dementado que se a lei fosse lei, já de ha muito estaria aos cuidados da sciencia, em algum manicomio.

E o escripturario accrescentou :

— Um maniaco religioso, um raro exemplar daquella especie de gente com que as outras idades fabricavam os seus santos.

E o Mané Bitú:

— E’ um rapaz honesto . . . Bom moço — é o que posso dizer delle.

O deputado, sempre sceptico e complacente, concordou em acompanhá-los á morada do feiticeiro. Foi sem curiosidade, antes indifferente, com uma ponta de tristeza no olhar.

O “feiticeiro” trabalhava na horta, que ficava ao redor do poço, na varzea, á beira da estrada.

O deputado olhou-o e o solitario, ao tropel de gente, ergueu o busto que estava inclinado sobre a enxada, voltou-se e fitou os quatro. Encarou mais firmemente o desconhecido e parecia procurar reminiscencias. O legislador fitou-o tambem um instante e, antes que pudesse o “feiticeiro” dizer qualquer cousa, correu até elle e abraçou-o muito e demoradamente.

— E’s tu, Ernesto ?

— E’s tu, Braga ?

Entraram. Chupadinho, Almada e Bitú ficaram á parte e os dois conversaram particularmente.

Quando sahiram, Almada perguntou :

— O doutor conhecia-o ?

— Muito. Foi meu amigo e collega.

E’ formado ? indagou o dr. Chupadinho.

— E’.

— Logo vi, disse o medico. Os seus modos, os seus ares, a maneira com que se porta, fizeram-me crer isso ; o povo, porém . . .

— Eu tambem, observou Almada, sempre tive essa opinião intima ; mas essa gente por ahi leva a dizer . . .

— Cá para mim, disse Bitú, sempre o tive por honesto. Paga sempre as suas contas.

E os quatro voltaram em silencio para a séde do “Posto Agricola de Cultura Experimental de Plantas Tropicaes”.



UMA NOITE NO LYRICO

Poucas vezes, ia ao antigo Pedro II e as poucas em que lá fui, era das galerias que assistia ao espectáculo.

Munido do competente bilhete, ás 8 horas, entrava, subia, procurava o lugar marcado e, nelle, mantinha-me, durante a representação. De fórma que aquella sociedade brilhante que eu via formigar nos camarotes e nas cadeiras, me apparecia distante, collocada muito afastada de mim, em lugar inacessivel, no fundo de cratera de vulcão extinto. Cá do alto, debruçado na grade, eu sorvia o vasio da sala com a volupia de uma attracção de abysmo. As casacas correctas, os uniformes apparatusos, as altas «toilettes» das senhoras, semeadas entre elles, tentavam-me, hypnotisavam-me. Decorava os movimentos, os gestos dos cavalheiros e procurava descobrir a harmonia occulta entre elles e os risos e os ademanes das damas.

Nos intervallos, encostado a uma das columnas que sustentam o tecto, observando os camarotes, apurava o meu estudo do *hors-ligne*, do distincto, com os espectadores que ficavam nas lojas.

Via correrem-se-lhes os reposteiros, e os cavalheiros bem encasacados, juntarem os pés, curvarem ligeiramente o corpo, apertarem ou mesmo beijarem a mão das damas que se mantinham erectas, encostadas a uma das cadeiras, de costas para a sala, com o leque em uma das mãos caidas ao longo do corpo. Quantas vezes não tive impetos de alli

mesmo, com risco de parecer doido ao policia visinho, imitar aquelle cavalheiro?

Quasi tomava notas, desenhava schemas da postura, das maneiras, das mesuras do elegante senhor. . .

Havia naquillo tudo, na singular concordancia dos olhares e gestos, dos ademanes e posturas dos interlocutores, uma relação occulta, uma vaga harmonia, uma deliciosa equivalencia que, mais do que o spectaculo do palco, me interessavam e seduziam. E tal era o ascendente que tudo isso tinha sobre o meu espirito que, ao chegar em casa, antes de deitar, quasi repetia, com o meu velho chapéo de feltro, diante do meu espelho ordinario, as *performances* do cavalheiro.

Quando cheguei ao quinto anno do curso e os meus destinos me impuzeram, resolvi habilitar-me com uma casaca e uma assignatura de cadeira do Lyrico. Fiz con-signações e toda a especie de agiotagem com os meus vencimentos de funcionario publico e para lá fui.

Nas primeiras representações, pouco familiarisado com aquelle mundo, não tive grandes satisfações; mas, por fim, habituei-me.

As criadas não se fazem em instantes duquezas? Eu me fiz logo homem de sociedade.

O meu collega Cardoso, moço rico, cujo pae enriquecera na industria das indemnisações, muito concorreu para isso.

Fôra simples a ascenção do pae á riqueza. Pelo tempo do governo provisorio, o velho Cardoso pedira concessão para installar uns poucos de burgos agricolas, com colonos javanezes, nas nascentes do Purús; mas, não os tendo installado no prazo, o governo seguinte cassou o contracto. Aconteceu, porém, que elle provou ter construido lá um rancho de palha. Foi para os tribunaes que lhe deram ganho de causa, e recebeu de indemnização cerca de quinhentos contos.

Encarregou-se o joven Cardoso de me apresentar ao *mundo*, de me informar sobre toda aquellá gente. Lembrome bem que, certa noite, me levou ao camarote dos Vis-

condes de Jacarépaguá. A viscondessa estava só ; o marido e a filha tinham ido ao "buffet". Era a viscondessa uma senhora idosa, de traços empastados, sem relevo algum, de ventre proeminente, com um "pince-nez" de ouro trepado sobre o pequeno nariz e sempre a agitar o cordão de ouro que prendia um grande leque rococó.

Quando entramos, estava sentada, com as mãos unidas sobre o ventre, tendo o fatal leque entre ellas, o corpo inclinado para traz e a cabeça a repouzar sobre o espaldar da cadeira. Mal desmanchou a posição em que estava, respondeu maternalmente aos cumprimentos, e interrogou o meu amigo sobre a familia.

— Não desceram de Petropolis, este anno ?

— Meu pae, não tem querido... Ha tanta bexiga...

— Que medo tolo ! Não acha, doutor ? dirigindo-se a mim.

Respondi :

— Penso assim tambem, viscondessa.

Ella ajuntou então :

— Olhe, doutor... como é a sua graça ?

— Bastos, Frederico.

— Olhe, dr. Frederico ; lá, em casa, havia uma rapariga... uma negra... boa rapariga...

E, por ahi, desandou a contar a historia vulgar de uma pessoa que trata de outra atacada de molestia contagiosa e não apanha doença, emquanto a que foge, vem a morrer della.

Depois da sua narração, houve um curto silencio; ella, porém, o quebrou :

— Que tal, o tenor ?

— E' bom, disse o meu amigo. Não é de primeira ordem, mas se o póde ouvir...

— Ah ! O Tamagno ! suspirou a viscondessa.

— O cambio está máo, reflecti ; os emprezarios não podem trazer notabilidades.

— Nem tanto, doutor ! Quando estive na Europa, pagava por um camarote quasi a mesma cousa que aqui... Era outra cousa ! Que differença !

Como houvessem anunciado o começo do acto seguinte, despedimo-nos. No corredor, encontramos o visconde e a filha. Cumprimentamo-nos rapidamente e desce-mos para as cadeiras.

Meu companheiro, segundo a praxe elegante e desgra-ciosa, não quiz entrar logo. Era mais *chic* esperar o começo do acto. . . Eu, porém, que era novato, fui tratando de abancar-me. Ao entrar, na sala, dei com o Alfredo Costa, o que me causou grande surpresa, por sabel-o, apesar de rico, o mais feróz inimigo daquella gente toda.

Não foi duravel o meu espanto. Juvenal tinha posto a casaca e cartola, para melhor zombar, satyrisar e estudar aquelle meio.

— De que te admiras ? Venho a este barracão immundo, feio, pechisbeque, que faz todo o Brazil roubar, matar, prevaricar, adulterar, afim de rir-me dessa gente que tem as almas candidatas ao pêz ardente do inferno. Onde estás ?

Disse-lhe eu, ao que elle me couvidou :

Vem para junto de mim. . . Ao meu lado, a cadeira está vazia e o dono não virá. É a do Abrantes que me avisou disso, pois, no fim do primeiro acto, me disse que tinha de estar em certo lugar especial. . . Vem que o lugar é bom para observar.

Acceitei. Não tardou que o acto começasse e a sala se enchesse. . . Elle logo que o viu assim, falou-me :

— Não te dizia que, daqui, tû poderias ver quasi toda a sala.

— É verdade ! Bella casa !

— Cheia, rica ! observou o meu amigo com um accento sarcastico.

— Ha muito que não via tanta gente poderosa e rica reunida.

— E eu ha muito tempo que não via tantos casos nota-veis da nossa triste humanidade. Estamos como que diante de vitrinas de um Museu de casos de pathologia social.

Estivemos calados, ouvindo a musica; mas, ao surgir na bocca de um camarote, á minha direita, já pelo meio do acto, uma mulher, alta, esguia, de grande porte, cuja tez

moreno-claro e as joias rutilantes saiam muito friamente do fundo negro do vestido, discretamente decotado em quadrado, eu perguntei :

— Quem é ?

— Não conheces ? A Pilar, a “Hespanhola”.

— Ah ! Como se consente ?

— E’ um lugar publico... Não ha provas... Demais, todas as “outras” a invejavam... Tem joias caras, carros, palacete...

— Já vens tu...

— Ora ! Queres ver ? Vê o sexto camarote de segunda ordem, contando de lá para cá ! Viste ?

— Vi.

— Conheces a senhora que lá está ?

— Não, respondi.

— E’ a mulher do Aldong, que não tem rendimentos, sem profissão conhecida ou com a vaga de que trata de negocios. Pois bem : ha mais de vinte annos, depois de ter gasto a fortuna da mulher, elle a sustenta como um nababo. Adiante, em baixo, no camarote de primeira ordem, vês aquella moça que está com a familia ?

— Vejo. Quem é ?

— E’ a filha do dr. Silva a quem, certo dia, encontraram, em uma festa campestre, naquella attitude que Anatole France, num dos Bergerets, diz ter alguma cousa de luta e de amor... E os homens não ficam atraz...

— E’s cruel !

— Repara naquelle que está na segunda fila, quarta cadeira, primeira classe. Sabes de que vive ?

— Não.

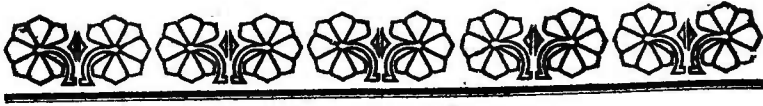
— Nem eu. Mas, ao que corre, é banqueiro de casa de jogo. E aquelle general, acolá ? Quem é ?

— Não sei.

— O nome não vem ao caso; mas sempre ganhou as batalhas... nos jornaes. Aquelle Almirante que tu vês, naquelle camarote, possui todas as bravuras, menos a de afrontar os perigos do mar. Mais além, está o desembargador Genseric...

Costa não poudé acabar. O acto terminava : palmas entrelaçavam-se, bravos soavam. A sala toda era uma vibração unica de enthusiasmo. Saimos para o saguão e eu me puz a ver todos aquelles homens e mulheres tão maldosamente catalogados pelo meu amigo. Notei-lhes as feições transtornadas, o tormento do futuro, a certeza da instabilidade de suas posições. Vi todos elles a arrombar portas, arcas, sofregas, febris, preocupados por não fazer bulha, a correr a menor que fosse . . .

E ali, entre elles, a “Hespanhola”, era a unica que me apparecia calma, segura dos dias a vir, sem pressa, sem querer atropelar os outros, com o brilho extranho da pessoa humana que pode e não se atormenta . . .



UM MUSICO EXTRAORDINARIO

Quando andavamos juntos no collegio, Ezequiel era um franzino menino de quatorze ou quinze annos, triste, retrahido, a quem os folguedos collegiaes não attrahiam. Não era visto nunca jogando “barra, carniça, quadrado, petéca”, ou qualquer outro jogo dentre aquelles velhos brinquedos de internato que hoje não se usam mais. O seu grande prazer era a leitura e, dos livros, os que mais gostava, eram os de Julio Verne. Quando todos nós liamos José de Alencar, Macedo, Aluizio e, sobretudo, o infame Alfredo Gallis, elle lia a “Ilha Mysterosa”, o “Heitor Servadac”, as “Cinco Semanas em balão” e, com mais afinco, as “20 mil leguas submarinas”.

Dir-se-ia que a sua alma anciava por estar só com ella mesma, mergulhada, como o Capitão Nemo do romance vernesco, no seio do mais mysterioso dos elementos da nossa mysteriosa Terra.

Nenhum collega o entendia, mas todos o estimavam, porque era bom, tímido e generoso. E porque ninguem o entendesse nem as suas leituras, elle vivia consigo mesmo; e, quando não estudava as lições de que dava boas contas, lia seu autor predilecto.

Quem poderia pôr na cabeça daquellas crianças futeis pela idade e cheias de aneios de carne para puberdade exigente, o sonho que o celebre autor francez instilla nos cerebros dos meninos que se apaixonam por elle, e o bal-

samo que os seus livros dão aos delicados que prematuramente adivinham a injustiça e a brutalidade da vida ?

O que faz o encanto da meninice, não é que essa idade seja melhor ou peor que as outras. O que a faz encantadora e boa é que, durante esse periodo da existencia, nossa capacidade de sonho é maior e mais força temos em identificar os nossos sonhos com a nossa vida. Penso, hoje, que o meu collega Ezequiel tinha sempre no bolso um canivete, no presupposto de, se viesse a cahir em uma ilha deserta, possuir á mão aquelle instrumento indispensavel para o immediato arranjo de sua vida ; e aquelle meu outro collega Sanches andava sempre com uma nota de dez tostões, para, no caso de arranjar a “sua” namorada, ter logo em seu alcance o dinheiro com que lhe comprasse um ramilhete.

Era, porém, fallar ao Ezequiel, em “Heitor Servadac”, e logo elle se punha entusiasmado e contava toda a novella do mestre de Nantes. Quando acabava, tentava então outra ; mas os collegas fugiam um a um, deixavam-no só com o seu Jules Verne, para irem fumar um cigarro ás escondidas.

Então, elle procurava o mais afastado dos bancos do recreio, e deixava-se ficar lá, só imaginando, talvez, futuras viagens que havia de fazer, para repassar as aventuras de Roberto Grant, de Hatteras, de Passepartout, de Keraban, de Miguel Strogoff, de Cesar Cascavel, de Philéas Fogg e mesmo daquelle curioso Dr. Lindenbrock, que entra pela cratera extincta de Sueffels, na desolada Islandia, e vem á superficie da Terra, num ascensor de lavas, que o Stromboli vomita nas terras risonhas que o Mediterraneo afaga...

Sahimos do Internato quasi ao mesmo tempo e, durante algum, ainda nos vimos; mas, bem depressa, perdemo-nos de vista.

Passaram-se annos e eu já o havia de todo esquecido, quando, no anno passado, vim a encontrá-lo em circumstancias bem singulares.

Foi em um domingo. Tomei um bonde da Jardim, ahi, na Avenida, para visitar um amigo e, com elle, jantar em fa-

milia. Ia ler-me um poema; elle era engenheiro hydraulico.

Como todo o sujeito que é rico ou se suppõe ou quer passar como tal, o meu amigo morava para as bandas de Botafogo.

Ia satisfeito, pois de ha muito não me perdia por aquellas bandas da cidade e me aborrecia com a monotonia dos meus dias, vendo as mesmas paysagens e olhando sempre as mesmas physionomias. Fugiria, assim, por algumas horas, á fadiga visual de contemplar as montanhas desnudadas que marginam á Central, da estação inicial até Cascadura. Morava eu nos suburbios. Fui visitar, portanto, o meu amigo, naquelle Botafogo catita, Méca das ambições dos nortistas, dos sulistas e dos... cariocas.

Sentei-me nos primeiros bancos; e já havíamos passado o Lyrico e entravamos na rua 13 de Maio, quando, no banco atraz do meu, se levantou uma altercação com o conductor, uma dessas vulgares altercações communs nos nossos bondes.

— Ora, veja lá com quem falla! dizia um.

— Faça o favor de pagar a sua passagem, retorquia o recebedor.

— Tome cuidado, acudia o outro. Olhe que não trata com nenhum cafageste! Veja lá!

— Pague a passagem, senão o carro não segue.

E como eu me virasse por esse tempo a ver melhor tão patusco caso, dei com a physionomia do disputador que me pareceu vagamente minha conhecida. Não tive de fazer esforços de memoria. Como uma ducha, elle me interpellou desta forma:

— Vejas tu só, Mascarenhas, como são as cousas! Eu, um artista, uma celebridade, cujos serviços a este paiz são inestimaveis, vejo-me agora maltratado por esse bruta-monte que exige de mim, desafortadamente, a paga de uma quantia infima, como se eu fosse da laia dos que pagam.

A'quella vóz, de subito, pois ainda não sabia bem quem me fallava, reconheci o homem: era o Ezequiel Beiriz. Paguei-lhe a passagem, pois, não sendo celebridade, nem

artista, podia perfeitamente e sem desdouro, pagar quantias infimas; o vehiculo seguiu, pacatamente o seu caminho, levando o meu espanto e a minha admiração pela transformação que se havia dado no temperamento do meu antigo collega de collegio. Pois era aquelle parlapatão, o timido Ezequiel ?

Pois aquelle presumpçoso que não era da laia dos que pagam, era o scismatico Ezequiel do Collegio, sempre a sonhar viagens maravilhosas, á Jules Verne ? Que teria havido nelle ? Elle me pareceu inteiramente são, no momento e para sempre.

Trávamos conversa e mesmo a procurei, para decifrar tão interessante enigma.

— Que diabo, Beiriz ! Onde tens andado ? Creio que ha bem quinze annos que não nos vemos — não é ? Onde andastes ?

— Ora ! Por esse mundo de Christo. A ultima vez que nos encontramos . . . Quando foi mesmo ?

— Quando eu ia embarcar para o interior do Estado do Rio, visitar a familia.

— E' verdade ! Tens boa memoria . . . Despedimo-nos no largo do Paço . . . Ias para Muruhy — não é isso ?

— Exactamente.

— Eu, logo em seguida, parti para o Recife a estudar Direito.

— Estiveste lá este tempo todo ?

— Não. Voltei para aqui, logo de dous annos passados lá.

— Porque ?

— Aborrecia-me aquella "churumella" de direito . . . Aquella vida solta de estudantes de primeira não me agradava . . . São vaidosos . . . A sociedade lhes dá muita importancia, dahi . . .

— Mas, que tinhas com isso ? Fazias vida á parte . . .

— Qual ! Não era bem isso o que eu sentia . . . Estava, era aborrecidissimo com a natureza daquelles estudos . . . Queria outros . . .

— E tentastes ?

— Tentar ! Eu não tento ; eu os faço . . . Voltei para o Rio afim de estudar pintura.

— Como não tentas, naturalmente . . .

— Não acabei. Enfadou-me logo tudo aquillo da Escola de Bellas Artes.

— Porque ?

— Ora ! Deram-me uns bonecos de gesso para copiar . . . Já vistes que tolice ? Copiar bonecos e pedaços de bonecos . . . Eu queria a cousa viva, a vida palpitante . . .

— E' preciso ir aos jornaes, começar pelo começo, disse eu sentenciosamente.

— Qual ! Isto é para toda gente . . . Eu vou de um salto ; se erro, sou como o Tigre diante do caçador — estou morto !

— De fôrma que . . .

— Foi o que me aconteceu com a pintura. Por causa dos taes bonecos, errei o salto e a abandonei. Fiz-me reporter, jornalista, dramaturgo, o diabo ! Mas, em nenhuma dessas profissões dei-me bem . . . Todas ellas me desgostavam . . . Nunca estava contente com o que fazia . . . Pensei, de mim para mim, que nenhuma dellas, era a da minha vocação e a do meu amor ; e, como sou honesto intellectualmente, não tive nenhuma dôr de coração em largal-as e ficar á tôa, vivendo ao Deus dará.

— Isto durante muito tempo ?

— Algum. Conto-te o resto. Já me dispunha a experimentar o funcionalismo, quando, certo dia, descendo as escadas de uma Secretaria, onde fui levar um pistolão, encontrei um parente afastado que as subia. Deu-me elle a noticia da morte do meu tio rico que me pagava collegio e, durante alguns annos, me dera pensão ; mas, ultimamente, a tinha suspendido, devido, dizia elle, a eu não esquentar logar, isto é, andar de escola em escola, de profissão em profissão.

— Era solteiro, esse seu tio ?

— Era, e, como já não tivesse mais pae (elle era irmão de meu pae), ficava sendo o seu unico herdeiro, pois morreu sem testamento. Devido a isso e mais ulteriores

ajustes com a Justiça, fiquei possuidor de cêrca de duas centenas e meia de contos.

— Um nababo! Hein?

— De algum modo. Mas escuta, filho! Possuidor dessa fortuna, larguei-me para a Europa a viajar.

Antes — é preciso que saibas — fundei aqui uma revista litteraria e artistica — “Vilhara” — em que apresentei as minhas idéas budhistas sobre a arte, apezar do que nella publiquei as cousas mais escatologicas possiveis, poemetos ao suicidio, poemas em prosa á “Venus genitrix”, junto com sonetos, cantos, glosas de cousas de livros de missa de meninas do collegio de Sion.

— Tudo isto de tua penna?

— Não. A minha theoria era uma e a da revista outra, mas publicava as cousas mais antagonicas a ella, porque eram dos amigos.

— Durou muito a tua revista?

— Seis numeros e custaram-me muito, pois até trichromias publiquei e has de adivinhar que foram de quadros contrarios ao meu ideal budhico. Imagina tu que até estampeei uma reproducção dos “Horacios” do idiota do David!

— Foi para encher, certamente?

— Qual! A minha orientação nunca dominou a publicação... Bem! Vamos adiante. Embarquei quasi como fugido deste paiz em que a esthetica transcendente da renuncia, do anniquilamento do desejo era tão singularmente traduzidas em versos fesceninos e escatologicos e em quadros apologeticos da força da guerra. Fui-me embora!

— Para onde?

— Pretendia ficar em Lisboa, mas, em caminho, sobreveiu uma tempestade; e deu-me vontade, durante ella, de ir ao piano. Esperava que sahisse o “litú”; mas, qual não foi o meu espanto, quando de sob os meus dedos, surgiu e echoou todo o tremendo phenomeno metereologico, toda a sua musica terrivel!... Ah! Como me senti satisfeito! Tinha encontrado a minha vocação... Eu era musico! Poderia transportar, registrar no papel e reproduzil-os artisticamente, com os instrumentos adequados, todos os sons,

até ali intraduzíveis pela arte, da Natureza. O bramido das grandes cachoeiras, o marulho soluçante das vagas, o garrido dos grandes ventos, o roncar divino do trovão, estalido do raio — todos esses ruidos, todos esses sons não seriam perdidos para a Arte; e, através do meu cérebro, seriam postos em musica, idealizados transcendentemente, a fim de mais fortemente, mais intimamente prender o homem á Natureza, sempre boa e sempre fecunda, varia e ondeante; mas...

— Tu sabias musica?

— Não. Mas, continuei a viagem até Hamburgo, em cujo Conservatorio me matriculei. Não me dei bem nelle, passei para o de Dresde, onde tambem não me dei bem. Procurei o de Munich, que não me agradou. Frequentei o de Paris, o de Milão...

— De modo que deves estar muito profundo em musica?

Calou-se o meu amigo um pouco e logo respondeu:

— Não. Nada sei, porque não encontrei um Conservatorio que prestasse. Logo que o encontre, fica certo que serei um musico extraordinario. Adeus, vou saltar. Adeus! Estimei ver-te.

Saltou e tomou por uma rua transversal que não me pareceu ser a da sua residencia.



A BIBLIOTHECA

A Pereira Da Silva

A' proporção que avançava em annos, mais nitidas lhe vinham as reminiscencias das cousas da casa paterna. Ficava ella lá pelas bandas da rua do Conde, por onde passavam então as estrondosas e fagulhentas "maxambombas" da Tijuca. Era um casarão grande, de dous andares, rez do chão, chacara cheia de fructeiras, rico de salas, quartos, alcovas, povoado de parentes, contra parentes, famulos, escravos; e a escada que servia os dous pavimentos, situada um pouco além da fachada, a desdobrar-se em toda a largura do predio, era illuminada por uma grande e larga claraboia de vidros multicores. Todo elle era assoalhado de peroba de Campos, com vastas taboas largas, quasi da largura da tóra de que nasceram; e as esquadrias, portas, janellas, eram de madeira de lei. Mesmo a cocheira e o albergue da sége eram de boa madeira e tudo coberto de excellentes e pesadas telhas. Que cousas curiosas havia entre os seus moveis e alfaias? Aquella mobilia de jacarandá cabiúna com o seu vasto canapé, de tres espaldares, ovalados e vastos, que mais parecia uma cama que mesmo um movel de sala; aquelles immensos consólos, pesados e ainda mais com aquelles enormes jarrões de porcellana da India que não vemos mais; aquelles desmedidos retratos dos seus ante-

passados, a occupar as paredes de alto a baixo — onde andava tudo aquillo? Não sabia... Vendera elle, aquelles objectos? Alguns; e dera muitos.

Umás cousas, porém, ficaram com o irmão que morrera consul na Inglaterra e lá deixara a prole; outras, com a irmã que se casara para o Pará... Tudo, emfim, desapparecera. O que elle extranhava ter desapparecido, eram as alfaias de prata, as colheres, as facas, o coador de chá... E o expevitador de velas? Como elle se lembrava desse utensilio obsoleto, de prata! Era com ternura que se recordava d'elle, nas mãos de sua mãe, quando, nos longos serões, na sala de jantar, á espera do chá — que chá! — elle o via aparar os morrões das velas do candelabro, emquanto ella, sua mãe, não interrompia a historia do principe Tatù, que estava contando...

A tia Maria Benedicta, muito velha, ao lado, sentada na estreita cadeira de jacarandá, tendo o busto erecto, encostado ao alto espaldar, ficava do lado, com os braços estendidos sobre os da cadeira, o tamborete aos pés, olhando attenta aquella sessão familiar, com o seu agudo olhar de velha e a sua hieratica pôse de estatua thebana tumular... Eram os nhonhós e nanhães, nas cadeiras; e as crias e molcotes acorados no assoalho, a ouvir... Era menino...

O apparelho de chá, o usual, o de todo o dia, como era lindo! Feito de uma louça negra, com ornatos em relevo, e um discreto esmalte muito igual de brilho — donde viera aquillo? Da China, da India?

E a gamella de bacurubú em que a Ignacia, a sua ama, lhe dava banho — onde estava? Ah! As mudanças! Antes nunca tivesse vendido a casa paterna...

A casa é que conserva todas as recordações de familia. Perdida que seja, como que ella se vinga fazendo dispersar as reliquias ramiliares que, de algum modo, conservavam a alma e a essencia das pessoas queridas e mortas... Elle não podia, entretanto, manter o casarão... Foi o tempo, as leis, o progresso...

Todos aquelles trastes, todos aquelles objectos, no seu tempo de menino, sem grande valia, hoje valeriam

muito... Tinha ainda o bule do aparelho de chá, um escumador, um "guéridon" com trabalho de embutido... Se elle tivesse (insistia) conservado a casa, tel-os-ia todos hoje, para poder rever o perfil aquilino, duro e severo do seu pae, tal qual estava ali, no retrato de Agostinho da Motta, professor de Academia; e tambem a figurinha de Sévres que era a sua mãe em moça, mas que os retratistas da terra nunca souberam pôr na tela. Mas não pode conservar a casa... A constituição da familia carioca foi insensivelmente se modificando; e ella era grande de mais para a sua. De resto, o inventario, as partilhas, a diminuição de rendas, tudo isso tirou-a delle. A culpa não era sua, delle era da marcha da sociedade em que vivia...

Essas recordações lhe vinham sempre e cada vez mais fortes, desde os quarenta e cinco annos; estivesse triste ou alegre, ellas lhe acudiam. Seu pae, o conselheiro Fernandes Carregal, tenente-coronel do Corpo de Engenheiros e lente da Escola Central, era filho do sargento-mór de Engenharia e tambem lente da Academia Real Militar que o Conde de Linhares, ministro de D. João VI, fundou em 1810, no Rio de Janeiro, com o fim de se desenvolverem entre nós os estudos de sciencias mathematicas, physicas e naturaes, como lá diz o acto official que a instituiu. Desta academia todos sabem como vieram a surgir a actual Escola Polytechnica e a extincta Escola Militar da Praia Vermelha. O filho de Carregal, porém, não passara por nenhuma dellas; e, apezar de pharmaceutico, nunca se sentira attrahido pela especialidade dos estudos do pae. Este dedicara-se a seu modo e ao nosso geito, á Chimica. Tinha por ella uma grande mania... bibliographica. A sua bibliotheca a esse respeito era completa e valiosa. Possuia verdadeiros "incunabulos", se assim se pôde dizer, da chimica moderna. No original ou em traducção, lá havia preciosidades. De "Lavoisier", encontravam-se quasi todas as memorias, além do seu extraordinario e sagacissimo "Traité élémentaire de Chimie, présentée dans un ordre et d'après les decouvertes modernes".

O velho lente, no dizer do filho, não podia pegar nesse

respeitavel livro que não fosse tomado de uma grande emoção :

— Veja só meu filho, como os homens são máos ! Lavoisier publicou esta maravilhosa obra no inicio da Revolução, a qual elle sinceramente applaudiu . . . Ella o mandou para o cadafalso — sabe você porque ?

— Não papae.

— Porque Lavoisier tinha sido uma especie de collector ou cousa parecida no tempo do Rei. Elle o foi, meu filho, para ter dinheiro com que custeasse as suas experiencias. Veja você como são as cousas e como é preciso ser mais do que homem, para bem servir aos homens . . .

Além desta gemma que era a sua menina dos olhos, o Conselheiro Carregal tinha tambem o Proust “Novo systema de philosophia chimica”; o Priestley, “Experiences sur les differétes espéces d’air”; as obras de Guyton de Morveau ; o “Traité” de Berzelius, traducção de Hoefér e Esslinger ; a “Statique Chimique” do grande Berthollet ; a “Chimica Organica”, de Liebig, traducção de Gerhardt — todos livros antigos e solidos, sendo dentre elles o mais moderno as “Licções de philosophia chimica”, de Würtz, que são de 1864 ; mas, o estado do livro dava a entender que nunca tinham sido consultadas. Havia mesmo algumas obras de alchimia, edições dos primeiros tempos da typographia, enormes, que exigem ser lidas em altas escrevaninhas, o leitor de pé, com um burel de monge ou migromante ; e, entre os desta natureza, lá estava um exemplar do — “Le livre des figures hiéroglyphiques” que a tradição attribue ao alchimista francez Nicoláo Flamel.

Sobravam, porém, além destes, muitos outros livros de diferente natureza, mas tambem preciosos e estimaveis : um exemplar da “Geometria” de Euclides, em latim, impresso em Upsal, na Suecia, nos fins do seculo XVI ; os “Principia” de Newton, não a primeira edição, mas uma de Cambridge muito apreciada ; e as edições “princeps” da “Mecanique Analitique”, de Lagrange, e da “Géométrie descriptive” de Monge.

Era uma bibliotheca rica assim de obras de sciencias

physicas e mathematicas que o filho do Conselheiro Carregal, ha quarenta annos para cincoenta, piedosamente carregava de casa em casa, aos azares das mudanças desde que perdera o pae e vendera o casarão em que ella quietamente tinha vivido durante dezenas de annos, a gosto e á vontade.

Poderão suppor que ella só tivesse obras dessa especialidade; mas tal não acontecia. Havia de outros feitos de espirito. Encontravam-se lá os classicos latinos: a "Voyage au tour du monde" de Bougainville; uma "Nouvelle Heloise", de Rousseau, com gravuras abertas em aço; uma linda edição dos Lusíadas, em caracteres elzevirianos; e um exemplar do "Brasil e a Oceania", de Gonçalves Dias, com uma dedicatória, do proprio punho do autor, ao Conselheiro Carregal.

Fausto Carregal, assim era o nome do filho, até ali nunca se separara da bibliotheca que lhe coubera como herança. Do mais que herdara, tudo dissipara, bem ou mal; mas os livros do Conselheiro, elle os guardara intactos e conservados religiosamente, apesar de não os entender. Estudara alguma cousa, era até pharmaceutico, mas, sempre vivera alheiado do que é verdadeiramente a substancia dos livros — o pensamento e a absorção da pessoa humana nelles.

Logo que poudo, arranjou um emprego publico que nada tinha a ver com o seu diploma, afogou-se no seu officio burocratico, esqueceu-se do pouco que estudara, chegou a chefe de secção, mas não abandonou jámais os livros do pae que sempre o acompanharam, e as suas velhas estantes de vinhatico com incrustação de madreperola.

A sua esperança era que um dos seus filhos os viesse a entender um dia; e todo o seu esforço de pae sempre se encaminhou para isso. O mais velho dos filhos, o Alvaro, conseguiu elle matricular-o no Pedro II; mas logo, no segundo anno, o pequeno metteu-se em calçarias de namoros, deu em noivo e, mal fez dezoito annos, empregou-se nos correios, praticante "pro-rata", casando-se dahi em pouco. Arrastava agora uma vida triste de casal pobre, moço,

cheio de filhos, mais triste era elle ainda porquanto, não havendo alegria naquelle lar, nem por isso havia desharmonia. Marido e mulher puxavam o carro igualmente. . .

O segundo filho não quizera ir além do curso primario. Empregara-se logo em um escriptorio commercial, fizera-se remador de um club de regatas, ganhava bem e andava pelas tolas festas domingueiras de "sport", com umas calças sungadas pelas canellas e um "canotier" muito limpo, tendo na fita uma bandeirinha idiota.

A filha casara-se com um empregado da Camara Municipal de Nictheroy e lá vivia.

Restava-lhe o filho mais moço, o Jayme, tão bom, tão meigo e tão seu amigo, que lhe pareceu quando veio ao mundo, ser aquelle que estava destinado a ser o intelligente, o intellectual da familia, o digno herdeiro do avô e do bisavô. Mas não foi; e elle se lembrava agora como recommendava sempre á mulher, nos primeiros annos de vida do caçula, ao ir para a repartição :

— Irene, cuida bem do Jayme! Elle é que vae ler os papeis do meu pae.

Porque o pequeno, em criança, era tão doentinho, tão mirrado, apesar dos seus olhos muito claros e vivos, que o pae temia fosse com elle a sua ultima esperanza de um herdeiro capaz da bibliotheca do Conselheiro.

Jayme tinha nascido quando o mais velho entrava nos doze annos; e o inesperado daquella concepção alegrava-lhe muito, mas inquietara a mãe.

Pelos seus quatro annos de idade, Fausto Crrregal já tinha podido ver o desenvolvimento dos dous outros seus filhos varões e havia desesperado de ver qualquer um delles entender, quer hoje ou amanhã, os livros do avô e do bisavô, que jaziam limpos, tratados, embalsamados, nos jazigos das prateleiras das estantes de vinhatico, á espera de uma intelligencia, na descendencia dos seus primeiros proprietarios, para de novo fazel-os voltar á completa e total vida do pensamento e da actividade mental fecunda.

Certo dia, lembrando-se de seu pai em face das esperanças que depositava no seu filho temporão, Fausto Carre-

gal considerou que, apesar do amor de seu progenitor á Chimica, nunca elle o vira com "éprouvettes", com copos graduados, com retortas. Eram só livros, que elle procurava. Como os velhos sabios brasileiros, seu pae tinha horror ao laboratorio, á experiencia feita com as suas mãos, elle mesmo. . .

O seu filho, porém, o Jayme, não seria assim. Elle o queria com o maçarico, com o bico de Bunsen, com a baqueta de vidro, com o copo de laboratorio. . .

— Irene tu vaes ver como o Jayme vae além do avô !
Fará descobertas.

Sua mulher, entretanto, filha de um clinico que tivera fama quando moço, não tinha nenhum enthusiasmo por essas cousas. A vida, para ella, se resumia em viver o mais simplesmente possivel. Nada de grandes esforços, ou mesmo de pequenos, para se ir além do commum de todos; nada de escaladas, de ascensões ; tudo terra á terra, muito cá em baixo. . . Viver, e só ! Para que sabedorias ? Para que nomeadas ? Quasi nunca davam dinheiro e quasi sempre desgostos. Por isso, jamais se esforçou para que os seus filhos fossem além do ler, escrever e contar ; e isso mesmo, afim de arranjam um emprego que não fosse braçal, pesado ou servil.

O Jayme cresceu sempre muito meigo, muito docil, muito bom ; mas com venetas estranhas. Implicava com uma vela accesa em cima de um movel porque lhe pareciam os cirios que vira em torno de um defunto, na visinhança ; quando tropejava ficava a um canto calado, temeroso ; o relampago, fazia-o estremecer de medo, e logo após, ria-se de um modo estranho. . . Não era comtudo doente; com o crescimento, até adquirira certa robustez. Havia noites, porém, em que tinha uma especie de ataque, seguido de um choro convulso, uma cousa inexplicavel que passava e voltava sem causa, nem motivo. Quando chegou aos sete annos, logo o pae quiz pôr-lhe na mão a cartilha, porquanto vinha notando com singular satisfação a curiosidade do filho pelos livros, pelos desenhos e figuras, que os jor-

naes e revistas traziam. Elle os contemplava horas e horas, absorvido, fixando nas gravuras os seus olhos castanhos, bons, leaes . . .

Pôz-lhe a cartilha na mão : a, e, i, o, u — diga : a.

O pequeno dizia : a.; o Paê seguia : e; Jayme repetia : e; mas quando chegava a o, parecia que lhe invadia um cansaço mental, enfarava-se subitamente, não queria mais attender, não obedecia mais ao pae e, se este insistia e ralhava, o filho desatava a chorar : não quero mais, papae-sinho ! Não quero mais !

Consultou medicos amigos. Aconselharam-n'o esperar que a creança tivesse mais idade. Aguardou mais um anno, durante o qual, para estimular o filho, não cessava de recommendar :

— Jayme, você precisa aprender a lêr. Quem não sabe lêr, não arranja nada na vida.

Foi em vão. As cousas se vieram a passar como da primeira vez. Aos doze annos, contractou um professor paciente, um velho empregado publico aposentado, no intuito de ver se instillava na intelligencia do filho o minimo de saber lêr e escrever. O professor começou com toda a paciencia e tenacidade; mas, a creança que era incapaz de odio até ali, perdeu a doçura, a meiguice para com o professor.

Era falar-lhe no nome, a menos que o pae estivesse presente, elle desandava em descomposturas, em doestos, em sarcasmos ao physico e ás maneiras do bom velho. Cansado, o antigo burocrata, ao fim de dous annos, despediu-se tendo conseguido que Jayme soletrasse e contasse alguma cousa.

Carregal meditou ainda um remedio, mas não encontrou. Consultou medicos, amigos, conhecidos. Era um caso excepcional ; era um caso morbido, esse de seu filho. Remedio, se um houvesse, não existia aqui; só, na Europa . . . Não podia, o pequeno, aprender bem, nem mesmo lêr, escrever, contar ! . . . Oh ! Meu Deus !

A conclusão lhe chegou sem choque, sem nenhuma

brusca violencia; chegou sorrateiramente, mansamente, pé ante pé, de vagar, como uma conclusão fatal que era...

Tinha o velho Carregal, por habito, ficar na sala em que estavam os livros e as estantes do pae, a lêr, pela manhã, os jornaes do dia. A' proporção que os annos se passavam e os desgostos augmentavam-lhe n'alma, mais religiosamente elle cumpria essa devoção á memoria do pae. Chorava, ás vezes de arrependimento, vendo aquelle pensamento todo, ali sepultado, mas ainda vivo, sem que entretanto, pudesse fecundar outros pensamentos... Porque não estudara?

Dava-se assim, com aquella devoção diaria, a elle mesmo, a illusão de que, se não comprehendia aquelles livros profundos e antigos, os respeitava e amava como a seu pae, esquecido de que para amal-os sinceramente, era preciso comprehendel-os primeiro. São deuses, os livros, que precisam ser analysados, para depois serem adorados; e elles não acceitam a adoração senão dessa fórma...

Naquella manhã, como de costume, fôra para a sala dos livros, ler os jornaes; mas não os poude ler logo.

Pôz-se a contemplar os volumes nas suas molduras de vinhatico. Viu o pae, o casarão, os moleques, as mucamas, as crias, o fardão do seu avô, os retratos... Lembrou-se mais fortemente de seu pae e viu-o lendo, entre aquellas obras, sentado a uma grande mesa, tomando de quando em quando rapé, que elle tirava ás pitadas de uma boceta de tartaruga, espirrar depois, assoar-se num grande lenço de Alcobça, sempre lendo, com o senho carregado, os seus grandes e estimados livros.

As lagrimas vieram aos olhos daquelle velho e avô. Teve de sustel-as logo. O filho mais novo entrava na dependencia da casa em que elle se havia recolhido. Não tinha Jayme, porém, por esse tempo, um olhar de mais curiosidade para aquelles veneraveis volumes avoengos. Cheio dos seus dezesseis annos, muito robusto, não havia nelle nem angustias, nem duvidas. Não era corroido pelas idéas e era bem nutrido pela limitação e estreiteza de sua intelligencia. Foi logo falando, sem mais detença, ao pae:

— Papae, você me dá cinco mil réis, para eu ir hoje ao “foot-ball”.

O velho olhou o filho. Olhou a sua adolescencia estúpida e forte, olhou seu máo feitio de cabeça; olhou bem aquelle ultimo fructo directo de sua carne e de seu sangue; e não se lembrou do pae. Respondeu :

— Dou, meu filho. Dentro em pouco, você terá.

E em seguida como se acudisse alguma cousa deslembrada que aquellas palavras lhe fizeram surgir á tona do pensamento, accrescentou com pausa :

— Diga a sua mãe que me mande buscar na venda, uma lata de kerozene, antes que feche. Não se esqueça, está ouvindo !

Era domingo. Almoçaram. O filho foi para o “foot-ball”; a mulher foi visitar a filha e os netos, em Niteroy; e o velho Fausto Carregal, ficou só em casa, pois a cozinheira teve tambem folga.

Com os seus ainda robustos setenta annos, o velho Fausto Fernandes Carregal, filho do tenente-coronel de Engenharia, Conselheiro Fernandes Carregal, lente da Escola Central, tendo concertado mais uma vez o seu antigo “cavaignac” inteiramente branco e pontegudo, sem tropeço, sem desfallecimento aos dous, aos quatro, aos seis, elle só, sacerdotalmente, ritualmente, foi carregando os livros que tinham sido do pae e do avô, para o quintal da casa. Amontuou-os em varios grupos, aqui e ali, untou de petroleo cada um, muito cuidadosamente, e ateou-lhes fogo successivamente.

No começo a espessa fumaça negra do kerozene não deixava ver bem as chammas brilharem; mas logo que elle se evolou, o clarão dellas, muito amarello, brilhou victoriosamente com a côr que o povo diz ser a do desespero...



LIVIA

E todos os dias quando ella, de manhã cedo, ia, ainda morrinhenta da cama, preparar o café matinal da familia, ia toda envolvida num nevoeiro de sonhos, sonhados durante um demorado dormir de oito horas a fio. Por vezes—lá na cozinha, só, vigiando pacientemente a agua que fervia—ao lhe chegarem as reminiscencias delles em tumulto, juntas, borbulhava-lhe nos labios uma interjectiva qualquer, echo desconexo do muito que lhe fallavam por dentro.

De quando em quando, soffrendo um gesto glorioso de satisfação, dizia—é elle—e isso de leve traduzia a grande caricia que lhe era dado gozar naquelle instante, refazendo aquelle sonho bom—tão bom e acariciador que bem lhe parecia um enebriamento de capitosos perfumes a se evolar do Mysterio vagarosamente, suavemente... Depois, logo que o café se apromptava e, na sala de jantar, todos ao redor da mesa se punham a sorvel-o, mastigando o pão de cada dia—ella, d'olhos parados, presos a uma linha do assoalho, levando compassadamente a chicara aos labios, ficava a um canto a pensar, remoendo a scisma, procurando decifrar naquelles traços nebulosos—tão mal guardados pela memoria—a figura viva daquelle, com quem, em sonhos, se vira indo de braço dado ruas em fóra.

Esforço a esforço, de evocação em evocação, apparecia-lhe aos poucos a sua figura, o seu ar; e, após esse paciente trabalho de reconstrucção, lhe vinha, anunciado por um

sorriso reprimido que lhe encrespava radiosamente o semblante, o seu nome syllaba por syllaba... Go-do-fre-do. Então com volupia, ella, lhe pesava os recursos: ganhava 120, no emprego da Central, talvez, em breve, viesse a ter mais. Quarenta para casa e o resto para o vestuario e alimentos.

Era pouco—convinha—mas servia, pois assim ficaria livre da tyrannia do cunhado, das impertinencias do pae; teria sua casa, seus moveis e, certamente, o marido lhe dando algum dinheiro, ella—quem sabe! — que tão bons sonhos tinha, arriscando no *bicho*, augmentaria a renda do casal; e, quando assim fosse, havia de comprar um corte de fazenda boa, um chapéo, de geito que, sempre, pelo Carnaval, iria melhorsinha á rua do Ouvidor, assistir passarem as sociedades.

O café já se havia acabado; e ella ficara ainda distraida e sentada, quando soou de lá da sala de visitas, a voz vigorosa do cunhado:

—Livia! Traz o meu guarda-sol que ficou atraz da porta do quarto. Depressa!... Anda que faltam só oito minutos para o trem!

E como se demorasse um pouco, o Marques, redobrando de vigor no timbre, gritou:

—Oh! C'os diabos! Você ainda não achou! Safa! Que gente molle!

Humildemente, Livia lá foi aos pulos, como uma corça domesticada, entregar o objecto pedido, para lhe ser arrancado bruscamente das mãos...

Envolvida ainda naquelle sonho que lhe soubera tão bem a manhã, ella, atravez das frinchas da veneziana, viu o cunhado atravessar a rua e se perder por entre o dedalo de casas.

Certificada disso, abriu a janella. O suburbio todo despertava languidamente.

As montanhas, verde-negras, quasi desnudas de vegetação, confusamente surgiam do seio da cerração tenue e esgarçada. As casas listravam de branco e ocre o pardacento

geral, emquanto bocados de neblina, finos, adelgçados, fluctuavam sobre ellas como sombras erradias.

As ruas descalçadas e enlameadas eram atravessadas por alguns transeuntes cabisbaixos, mal vestidos, andando céleres em busca do embarcadouro.

Corria, de resto, como sempre, morosamente o viver diario; e a Livia, sacudida pelo silvo agudo de uma locomotiva, levantou de repente os olhos, até alli fitos na Estação que emergia do ambiente pardo a clarear-se, para prégal-os numa nesga do Ceu que o Sol abria, por entre a nevoa, furiosamente, victoriosamente.

A subitas, sua alma voou, azas abertas, vôo rasgado, para outras bandas, outras regiões. Voou para a cidade de luxo e elegancia que, ao fim daquellas fitas de aço, refulgia e brilhava.

Representaram-se-lhe os theatros de luxo, os bailes do tom, a rua da moda onde triumphavam as bellezas. Ao considerar isso, viu-se alli tambem, ella, sim! ella, que não era feia, tendo o seu porte flexivel e longo, envolvido de rendas, a desprender custosas essencias e aquelles seus dedos de unhas de nacar, ornados de ouro e perolas, escolhido na mais chic loja, *cassas, baptistes, voiles*...

Numa galopada de sonhos, suppoz maiores cousas e—lembrando-se do que lhe contára a madrinha (oh! como era rica!)—imaginou a Europa, aquellas terras soberbas, por onde a *Dindinha* passeava a sua velhice e o seu egoismo.

Doidamente revolvía a alma e as scismas... Calculou-se lá tambem, na alameda de um soberbo jardim, de *landau*, com ricas vestes ao corpo unidas, resaltando dellas o esplendor de suas formas e o esguio patricio de seu corpo. Imaginou que, atravez de um caro chapeo de palhinha branca, se coasse a luz macia do sol da Europa, polvilhando-lhe a tez de ouro, em cujo fundo brilhassem muito os seus olhos vivos, negros e redondos.

—Oh! que bom! Quem me dera!

Quasi exclamou por esse tempo.

De reviravolta, Livia adivinhou outra cousa no sonho.

Não pensara bem; era outro que não o Godofredo, o rapaz que imaginara.

Aquelle nariz grosso, aquella testa alta, o bigode ralo, não eram delle; eram antes do Siqueira, estudante de pharmacia, filho do Agente. Esse poderia lhe dar aquillo— a Pharmacia, o luxo— pois que formado ganharia muito.

Dessa forma—resolvera—*amarraria a lata* no Godofredo e *pegaria* com o Siqueira. E era muito melhor! O Siqueira, afinal, ia formar-se, seria um marido formado, ao braço do qual, se não fosse á Europa, viria a gozar de maior consideração. . .

Demais a Europa era desnecessaria—para quê? Era querer muito. Quem muito quer nada tem; e ella para ter alguma cousa devia querer pouco. Bastava pois que lhe tirassem dalli, fosse esse, fosse aquelle; mas. . . se em todo o caso pudesse ser um mais assim. . . seria muito melhor.

E desde quando vinha ella querendo aquillo? Havia muitos annos; havia dez talvez. Desde os doze que namorava, que *grelava* só para aquelle fim; entretanto, apezar de haver tido mais de quinze namorados, ainda allí estava, ainda allí ficava, sob o mando do cunhado.

Quinze namorados!

Quinze! De que lhe serviram?

Um levava-lhe beijos, outro abraços, outro uma e outra cousa; e sempre, esperando casar-se, isto é libertar-se, ella ia languidamente, passivamente deixando. Passavam um, dous mezes, e os namorados iam-se sem causa. Era feio, diziam; mas que fazer? como casar-se? Por consequencia, como viver? A sua propria mãe não lhe aconselhava? Não lhe dizia—«Filha, anda com isso; preciso ver esta letra vencida»?

De resto, o amor lhe desculparia, pois não é o amor o maximo tyranno? Não é a propria essencia da vida, das cousas mudas, dos seres, emfim?

Porventura ella os amára? Teria ella amado aquella legião de namorados? Amára um, sequer? Não sabia. . .

—O que é amar? interrogava trememente.

Não é escrever cartas doces? Não é corresponder a olha-

res? Não é dar aos namorados as ameaças da sua carne e da sua volúpia?

Se era isso, ella amára a todos, um a um; se não era, a nenhum amára. . .

E o que era amar? Que era então?

Ao lhe chegar essa interrogação metaphysica, para o seu entendimento, ella se perdeu no proprio pensamento; as ideias se baralharam, turbaram-se; e, depois, fatigada, foi passando vagarosamente a mão esquerda pela testa, correu-a pacientemente pela cabeça toda até á nuca.

Por fim, como se fosse um suspiro, concluiu:

—Qual amor! Qual nada! A questão é casar e para casar, namorar aqui, alli, embora por um se seja furtada em beijos, por outro em abraços, por outro. . .

—Oh! Livia! Você hoje não pretende varrer a casa, rapariga! Que fazes ha tanto tempo na janella?!

Obedecendo ao chamado de sua mãe, Livia foi mais uma vez retomar a dura tarefa, da qual, ao seu julgar, só um casamento havia de livral-a para sempre, eternamente. . .



MAGUA QUE RALA

Dos chefes de Estado que tem tido o Brasil, o que mais amou, e muito profundamente, o Rio de Janeiro, foi sem duvida, D. João VI; e a população da cidade e arredores ainda tem na memoria, nos dias contemporaneos, mais de um seculo após á sua chegada a estas plagas, a lembrança do seu nome. Nas freguezias afastadas do antigo Municipio Neutro, que conservam até hoje uma forte feição roceira, a recordação do rei bondoso e bonachão é mais viva e o seu nome é pronunciado pela gente mais humilde de tres lugares, soffrendo uma abreviatura singular—*D. Sexto*. Os que o precederam e nos governaram como Vice-Reis e Governadores Geraes, portaram-se na capital da illimitada colonia portugueza como simples funcionarios, executores de ordens dos Reis, Ministros, Conselhos, Mezas disto e daquillo, sem olhar sequer as arvores, o céu, as scenas que os cercavam e muito menos a gente da terra. Acredito que, com a sua empafia de fidalgos avariados, muitos delles duvidassem da humanidade dessa ultima e se aborrecessem com a natureza local, pullulante e grandiosa. Não se pareciam com as cousas semelhantes de Portugal e não se podiam medir pelo estalão dellas; não prestavam, portanto. A gente, para elles, um pouco mais que animaes, eram uns negros átoas; e a natureza, um flagello de mosquitos e cas-caveis, sem possuir uma proporcionalidade com o homem,

como a de Portugal, que parecia um jardim, feito para o homem.

Mesmo os nossos poetas mais velhos nunca entenderam a nossa vegetação, os nossos mares, os nossos rios; não compreendiam as nossas coisas naturaes e nunca lhes pegaram a alma, o *subtractum*; e se queriam dizer alguma coisa sobre ella cahiam no logar commum amplificado e no encadeamento de adjectivos grandiloquentes, quando não voltavam para a sua arcadiana e livresca floresta de alamos, platanos, myrthos, com vagabundissimas nymphas e faunos idiotas, segundo a rethorica e a poetica didacticas das suas cerebrinas escolas, cheias de pomposos tropos, de rapé, de latim e regras de cathecismo litterario.

Se, nos poetas, o sentimento da natureza era esse de paysagens de poetas latinos, numa diluição já tão exhaustiva que fazia que os autores do decalque se parecessem todos uns com os outros, como se poderia exigir de funcionarios, fidalgos limitados na sua propria prosapia, uma maior força original de sentimento deante dos novos quadros naturaes que a luminosa Guanabara lhes dava, cercando as aguas de mercurio de suas harmoniosas enseadas?

D. João VI, porém, nobre de alta linhagem e principe do seculo de Rousseau, mal enfronhado na litteratura palerma dos arcades, dos desembargadores e repentistas, estava mais apto para sentil-os de primeira mão, directamente. Podia elle, perfeitamente, amar o passaredo alegre na plumagem e triste no canto, a gravidade alpestre de scenarios severos, os morros cobertos de arvores de insondavel verde-escuro, que descem pelas encostas amarradas umas ás outras, pelos cipós e trepadeiras, até o mar fusco que muge ao sopé delles.

O successo de Rousseau entre a alta fidalguia do seu tempo foi um extranho acontecimento que hoje surprehende a todos nós, tanto mais que não se passa uma geração e vem elle a ser amaldiçoado pelos filhos e netos dos que o festejaram, como sendo um dos autores do 89 e do rubro 93.

Antes disso foi elle o *Enfant gaté* da grande nobreza

e da grande burguezia que áquella se assemelhava nos gestos, nos gostos, nos vestuários, em tudo, emfim, até no modo de assignar o nome.

Depois dos seus primeiros successos musicaes e litterarios, mesmo antes com a sua mãe-amante, Mme. de Warens, Jean Jacques foi o mimo, o autor predilecto da alta nobreza e da grande burguezia, que esperavam a guilhotina da Grande Revolução lendo as suas declamações e objurgatorias contra a civilisação. Sempre lido por ellas, sempre por ellas agraciado e soccorrido, ambas sorveram com lagrimas nos olhos as palavras do genebrino, cujas obras deviam inspirar e sustentar o animo do summo pontifice da guilhotina — Robespierre. E' Rousseau, nas festanças e bailes do rico financeiro Dupin, avô ou coisa parecida de George Sand, que, n'uma edição das «Confessions», prefaciada por ella, se confessa fiel ao espirito do commensal de seu avô, naquelle lacustre castello de Chenonceaux, erguido a capricho sobre as aguas do Cher; é Mme. d'Épinay, é a marechala de Luxembourg, é o Marquez de Girardin, é o principe de Conti, é Frederico II, é o marechal, governador de Neuchatel, em nome deste ultimo, e tantos outros magnatas do tempo.

D. João VI devia tel-o lido e, sendo desgraçado tres vezes, como filho, como marido e como rei, havia de encontrar a sua alma bem aberta para lhe receber as lições e comprehender de modo mais amplo a natureza, de modo a ser solicitado para um convivio mais intimo com as arvores, com os regatos, com as cascatas, fossem ellas civilisadas, barbaras ou selvagens.

Fugido do seu reino, trazendo comsigo a mãe louca, que pedia, ao embarcar em Lisbôa andassem mais de vagar, para não parecer que fugiam; obrigado pelo seu nascimento e as condições particulares do seu estado, a supportar uma mulher que perdera toda a conveniencia, todo o pudor e todo o respeito a si propria, nos seus desregramentos sexuaes — o pobre rei, gordo, glotão, tido como estúpido, desconfiado da sua paternidade official, só encontrava

na musica e nos aspectos naturaes derivativos para a sua muito humana necessidade de effusões sentimentaes.

Na sua vida de grandes maguas e profundas dores, o seu desembarque no Rio, com certeza foi para a sua alma uma alleluia. A augusta belleza do scenario natural, a sua originalidade imprevista e grandiosa—sem attingir o incomprehensivel do desmedido e do collossal, a effusão filial de toda uma bizarra população de brancos, indios, negros e mulatos, quasi toda a chorar, provocaram muito naturalmente a sympathy, fizeram-lhe logo brotar no coração uma grande afeição pelo lugar, animaram-no novamente a viver, sentir-se rei de facto—Rei—o chefe acceito voluntariamente, como pae e senhor, por todos aquelles subditos longinquos que o viram pela primeira vez.

D. João, diz Oliveira Lima, caminha sereno, com a melancolia a fundir-se ao calor da sympathy que o estava acolhendo.

Para bem ver a terra, então, elle se esqueceu as quinze mil pessoas que o acompanhavam desde as margens do Tejo, daquelles quinze mil *desembargadores e repentistas, peraltas e secias, frades e freiras, monsenhores e castrados*, — *enxame de parasitas immundos*, como diz Oliveira Martins, que aportava em São Sebastião para esvaír quotidianamente a Ucharia Real e enche-la em troca de zumbidos de intrigas, mexericos e alcovitices.

E o Rei pagou bem o carinho filial com que o Rio de Janeiro o recebeu ; foi grato. Tratou logo de arranjar uma nobreza da terra, que elle mesmo dizia não ser *nobreza*, mas *taffeté* ; protegeu José Mauricio e autorisou que a sua desgraçosa mas sagrada figura de Rei, de nobre da mais alta e pura fidalguia, apesar de filho do Barbadão, fosse pintada na téla por um nobre pintor mulato, José Leandro, que nunca vira a Italia, nem museus, nem academias, e talvez até, nem tivesse mestres.

Mas, não foi só ahi que mostrou a sua gratidão para os affagos recebidos por elle, na sociedade da Guanabara ; não o foi tambem unicamente, nas Instituições de ensino e outras que creou ; foi para a terra que o seu agradecei-

mento se voltou, foi para a sua belleza de que se enamorou, onde quiz deixar as marcas e o penhor do grande amor que ella lhe inspirára.

De facto, não ha lugar no Rio de Janeiro que não tenha uma lembrança do simplorio Rei erysipeloso e gordo. De Santa Cruz á Ilha do Governador, numa distancia de vinte leguas, as ha por toda a parte; da Ilha do Governador á Gavéa, tambem; e, no centro da cidade são innumerables.

Com as más estradas daquelles tempos, talvez pouco peiores que as de hoje, é incrível como esse homem, tido por preguiçoso, indolente, vadio, vencesse tão grandes distancias, andando de um lado para o outro, só para gozar os pinturescos e pittorescos recantos de sua improvisada capital ultramarina.

Hoje, com bondes electricos, automoveis e o mais, os nossos grandes burguezes, alguns, dados todos os descontos, mais ricos do que o Principe Regente, só sabem amontoar-se em Botafogo, em palacetes de um gosto affectado, pedras falsas de architectura, com as taboletas idiotas de *villas* (sic) disto ou daquillo.

E não era só o Rei; a propria Rainha foi-se para Botafogo, hoje *melindroso e encantador*, mas, naquelle tempo, roça perfeita; von Langschoff, consul geral da Russia, tinha uma fazenda na raiz da serra, onde cultivava em larga escala a mandioca; Chamberlain, tambem consul geral, mas da Inglaterra, era proprietario de uma chacara em Santa Thereza, para caçar borboletas e plantar café; um emmigrado politico, o Conde de Hogendrop foi morar como simples roceiro da terra, nas Aguas Ferreas; e o pintor Taunay, membro do Instituto de França, que veio com a missão artistica de Le Breton, foi residir com toda a familia, nas proximidades da cascatinha da Tijuca.

A nossa burguezia actual, porém, é panurgiana e, por isso banalisa tudo em que toca ou de que se utiliza. Darwin, quando passou por aqui, em 1832, habitou durante os bellos mezes cariocas de Maio e Junho uma pequena casa de roça, nas cercanias da Bahia de Botafogo. É' impossivel,

diz elle, sonhar nada mais delicioso do que essa residencia de algumas semanas em paiz tão admiravel. Hoje, se elle visse esse suburbio do Rio de Janeiro, com as suas casas quasi todas iguaes em pacholice; com os seus jardins economicos de terra e, mais do que isso, avaros; com a sua aristocracia de melindrosas desfructaveis e encantadoras com o espirito nas pontas dos dedos, ambos, machos e femeas, esthetas de cinemas; com os seus verdadeiros e falsos ricos, arrogantes e avidos; com os seus lacaios e *bandaids* do luxo de pacotilha que lá impera; como não se recordaria da meiguice primitiva do logar, quando por alli elle caçava *planarias*, classificadas por Cuvier como vermes intestinaes, mas que, por signal, não se encontram nos intestinos de qualquer animal; como lhe dariam saudades a musica vespereal e dissonante iniciada pelas cigarras estridentes, e seguida pelo coaxar de rãs e sapos e pelo chiar dos grillos, com a illuminação instantanea dos pyrilampos? Mas, a nuvem pardo azul, que nos grandes dias de luz funde ao longe as cores e as nuanças, observada pelo sabio inglez, ainda se póde ver naquelle celebre recanto do Rio de Janeiro. Os burguezes não se erguem da terra; não escalam o céo. Isso é coisa para titans... A nossa plutocracia, como a de todos os paizes, perdeu a unica justificação da sua existencia como alta classe, mais ou menos viciosa e privilegiada, que era a de educadora das massas, propulsora do seu alevantamento moral, artistico e social. Nada sabe fazer de accordo com o paiz, nem inspirar que se faça. Ella copia os habitos e opiniões uns dos outros, amontôa-se n'um logar só, e deixa os lindos recantos do Rio de Janeiro abandonados aos carvoeiros ferozes que, afinal, saem della mesma.

Encarando a burguezia actual de todo o genero, os recursos e privilegios de que dispõe, como sendo unicamente meios de alcançar faceis prazeres e baixas satisfações pessoaes, e não se compenetrando ella de ter, para com os outros, deveres de todas as especies falseia a sua missão e provoca a sua morte. Não precisará de guilhotina...

E' bom lembrar, porém, já que falavamos em Darwin,

que elle — e não podia deixar de fazel-o — se refere tambem ao jardim Botânico ; e este recanto do Rio de Janeiro, tão peculiar á cidade que é até um dos seus emblemas, fala ainda de D. João VI. Até bem pouco tempo, era o lugar predilecto para os passeios burguezes e familiares. Era o lugar dos pic-nics ou convescótes ; e, aos domingos e dias de festas, quem lá fosse, encontraria, á sombra das suas veneraveis arvores, familias e convivas, creados e mucamas, namorados e noivos, a comer o leitão assado e o perú recheiado, votivos á bôa harmonia e felicidade dos lares, em dias de sacrificio domestico do nosso culto aos Penates. Foram prohibidos, e o Jardim Botânico só ficou lembrado por causa de uma casa rustica que havia de frente delle, especie de hospedaria disfarçada em que, á noite, se realisavam pandegas alegres de rapazes e raparigas que não tinham o que perder. Assim mesmo, entretanto, elle não se aguentou na memoria dos cariocas passeadores. Como o Sylvestre, a Tijuca e o moderno Sumaré, passou da moda. Hoje é em Copacabana e adjacencias que se realisam as pandegas e se epilagam tragedias ou comedias conjugaes. O Jardim Botânico, porém, ficou socegado, quieto entre o mar bem proximo e a selva verde-negra que cobre os contrafortes do Corcovado ao fundo, polvilhada de prata após as grandes chuvas, lançando sobre os que o abandonaram o desdem de suas palmeiras altivas e títanicamente attraídas para o céo, á espera de que, para as suas alfombras, voltem as familias em festança honesta e os amorosos irregulares em transportes sagrados, afim de abençoar, quer umas, quer outras, de baixo das arcarias gothicas dos seus bambús veneraveis.

Comquanto tenha tido a primazia de nortear, para o seu portão a primeira linha de bondes que se construiu no Rio de Janeiro, de uns tempos a esta parte o Jardim deixou de ser falado nos jornaes, nas chronicas elegantes, não mais foi escolhido para festividades mundanas a estrangeiros de distincção ephemera; e a massa dos cariocas, deshabetuando-se de lhe ouvir o nome, nem vendo a sua alameda senhorial de palmeiras nas notas do Thesouro, es-

queceu-se daquelle pedaço da cidade, que é bem e só elle mesmo, elle unicamente, sem semelhança com outro.

Um bello dia de annos passados, porém, nas primeiras horas da manhã, logo após o café, abrindo os jornaes, deram os cariocas com a primeira pagina de quasi todos os quotidianos occupada com uma longa noticia, entremeiada de gravuras macabras e physionomias satisfeitas de policiaes em diligencia.

Cada qual das gazetas tinha mais titulos e sub-titulos e cada qual destes era mais campanudo e inexplicavel. Leram a noticia e, em summa, tratava-se do seguinte: tendo fechado o jardim, os guardas, conforme mandava o regulamento, passaram revista a todo elle. Davam-na por acabada, quando um delles encontrou, na borda de um gramado, um punhal exquisito, «esquinado», dizia elle, com uma inscripção na face da lamina. Era simples e em hespanhol o motte: «Soy io!». O achado intrigou-o, esquadrinhou melhor os arredores e veio a dar, dissimulado em uma moita, com o cadaver de uma mulher com o rosto arroxeadado e congestionado, inteiramente vestida, só com chapéo fóra do lugar, mas, posto por outra mão ao lado della. Parecia estrangeira. De subito e de forma tão tetrica, foi arrancado do esquecimento a lembrança do velho jardim real; e elle surgiu a todos da cidade com uma aureola de martyrio, feita da ingratição de toda uma população a cujos paes e avós, sem nada lhes pedir, elle soubera dar tantos instantes de alegria e amor.

Os jornaes lembraram a sua historia, a sua fundação pelo rei D. João VI, os beneficios que havia prestado com fornecimentos de sementes de plantas uteis ou «mudas» de variedades de canna de assucar; lembraram a plantação de chá que lá houvera, sem esquecer de louvar as esguias e magestosas palmeiras, uma das quaes, plantada pelas proprias mãos do rei, estava morrendo de velha.

O inquerito veio a correr, ou melhor, a arrastar-se sem esperança de resultado; e a inscripção em hespanhol, no punhal, fazia que as autoridades policiaes prendessem, não só todos os subditos do rei de Hespanha que encontravam

á mão, como também colombianos, argentinos, chilenos, e até um philippino azeitonado foi preso, apesar de ser um simples e inoffensivo malaio vagabundo e cabeludo, que vivia a catar hervas medicinaes para vendel-as aos herbanarios da rua Larga e aos chefes de macumbas e *candomblés* dos suburbios longinquos. Tudo em pura perda.

A victima foi identificada. Era uma criada allemã, arrumadeira de um grande hotel de luxo do Silvestre ou de Santa Thereza, que, nos seus dias de folga ou licença, gostava de passear pelos arredores da cidade e beber cerveja em toda a parte. Todos os frequentadores de casas de «chopps» conheciam aquella pequena allemã, de Baden, rechonchudinha, polpuda que nem um repolho, com os mallares sempre rosados, possuidora de um perfeito aspecto de boneca allemã de carregação, que bebia mais do que os patricios, rindo curto e estalando as palavras no duro e guttural allemão, cuja familia diziam ser de camponezes de um logarejo do grão-ducado. Os seus papeis eram cartas dos paes, de irmãos e parentes, além de lembranças de uns e outros, como retratos, sem mais outro traço sentimental que não este da familia ; e sobre o seu cadaver foram encontradas as joias que a sua modesta condição permittia possuir : um annel de pouco preço, umas bichas de ouro e brilhantes mas de valor pouco consideravel, um par de pulseiras, algum dinheiro e mais nada.

II

O dr. Mattos Garção era quem conduzia o inquerito ; mas esse moço, feito delegado de policia, por empenhos de politicos do interior e sendo elle mesmo de S. Sebastião de Passa Quatro, peccava por inteiro desconhecimento do Rio de Janeiro, de fórma que, apesar de ter alguma intelligencia, andou dando por paus e por pedras, cégo, tonto, numa descontinuidade de esforços de causar riso e pena.

Houve até uma diligencia que inspirada por elle, parecia encaminhal-o para a descoberta do assassino da pequena Graüben Hunderbrok; mas que elle não a soube aproveitar. Tendo observado que muitos desses immigrants expontaneous chegam ao Rio de Janeiro, com passagem por Buenos Ayres, conseguiu obter da policia argentina informações a respeito da allemãinha assassinada. De lá, noticiaram que ella estivera naquella cidade do Prata, havia já quatro annos, quando, tendo vinte e tres de idade, viera de França, de Paris, acompanhando uma familia rica argentina, como criada. Mezes depois, poucos, quatro, se tanto, despedira-se bruscamente e subitamente embarcara para a Guanabara. Era o que informaram as pessoas da familia Avendaña, com a qual aportara em Buenos Ayres. Um casal de allemães, cujo marido tinha um emprego secundario nas officinas da cervejaria Brahma, sem ser sollicitado, depôz perante o delegado. O que havia de importante, no depoimento delle, era que Graüben tinha na sua companhia um filho de quatro annos, a que déra a luz alguns mezes após a sua chegada de Buenos Ayres. O exame medico-legal tinha já indicado essa maternidade que ella parecia querer occultar.

O punhal foi bem examinado; mas apesar de parecer a todos uma arma de luxo e antiga, cabo de prata lavrada, guarda de aço com arabescos tauxiados e a tal inscripção sybillina — «SOY YO I», na lamina tambem tauxiada de arabescos, nenhum dos armeiros, chamados para quesitos, se animavam a dizel-o authentico, hesitavam na determinação de sua procedencia, uns queriam-na toledana, outros italiana das primitivas armas da Renascença e alguns mesmo chegaram a pensar em uma imitação, para *engazopar* os colleccionadores *rastas* da America do Sul. A bainha não foi encontrada; a adaga estava immaculada de sangue, pois a morte se déra por estrangulamento, tendo o assassino simplesmente esganado a rapariga com ambas as mãos.

Ja assim o inquerito, cansando todos: delegado, escrivão, commissarios, guardas, agentes, policias de

farda, «encostados», jornalistas e o publico; e já o dr. Mattos, de S. Sebastião de Passa Quatro, se resolvera a fechar a semana «hespanhola» e inaugurar a «germanica» com a detenção de muitos allemães, quando a 22 de Junho, isto dias depois do assassinio, surge na Delegacia um rapaz de vinte e poucos annos de idade, bôa apparencia, que se accusa como autor do homicidio do Jardim.

Chamava-se elle Lourenço da Motta Orestes e era empregado nos Telegraphos, em um modesto lugar, sendo muito estimado pelos chefes, superiores e collegas, pela sua reserva, sua assiduidade e obediencia. Fôra, antes, empregado no commercio, onde seu pai era tambem muito estimado e considerado, pela sua honestidade e rigor no cumprimento das suas obrigações. Tinha este um grande «bazar» muito apregoado, pelas bandas do Estacio de Sá, onde commerciava com toda a lisura, não tendo por isso grande fortuna, empregando quasi toda a renda da loja nas suas despezas de familia.

Lourenço, ao entardecer daquelle humido dia de Junho de ***, chegou á Delegacia e disse precisar falar ao Delegado sobre o assassinio da allemãinha. Estava já a auto-ridade muito enfarada com o caso e demorou razoavelmente em recebê-lo. Devido á insistencia do rapaz, veiu a a ser ouvido duas horas depois de sua chegada. Logo que se aproximou do dr. Mattos, disse-lhe sem mais detença que confessava ser elle o matador de Graüben. O joven bacharel de S. Sebastião de Passa Quatro estremeceu na ampla cadeira, levantou-se como se fosse impellido por uma móla, e, acompanhando a falla com um olhar desvaivado, perguntou ao rapaz, para quem tinha a mão direita estendida, apontando-o dramaticamente, com o dedo indicador :

— Foste tu, então ?

— Fui, doutor ; disse o rapaz serenamente.

Tocou o delegado a campainha, chamou os seus auxiliares, aos quaes disse em tom de grande satisfação :

— Está ali (*apontou*) quem matou a allemã no Jardim.

Todos exclamaram a um só tempo :

— Este !

O delegado, de novo apontando para o rapaz, confirmou :

— Sim ; é este !

Perguntou em seguida ao Lourenço :

— Não foste tu ?

— Fui, doutor.

Determinou, então, o Dr. Mattos Garção que o mettessem no xadrez ; que o vigiassem muito e não deixassem conversar com ninguém. Logo que o rapaz se encaminhou para a prisão da Delegacia, onde estavam os xadrezes, ordenou ao promptidão que telegraphasse ao chefe, aos auxiliares, á Associação de Imprensa, a todos os jornaes, convidando todos para assistir á confissão do criminoso.

Com tal noticia, a cidade teve um contentamento de alívio ; e alguns curiosos de vêr o assassino e talvez ouvir-lhe a confissão que a nova estampada á porta dos jornaes tinha feito encaminharem-se para o posto policial longinquo, tiveram que esperar até quasi ás 11 horas da noite o momento de serem satisfeitos e delle saíram, nas immedições da madrugada.

O chefe e os policias graúdos chegaram ás nove horas, os reporters dos principaes jornaes pouco depois, mas faltava o do *O Arauto do Povo* um jornal ainda novo, mas de grande venda, que chegou pelas proximidades das onze horas e foi esperado devido ás ordens do chefe, pois *O Arauto* fazia-lhe uma opposição cega e queria elle provar á sua redacção o quanto eram infundados os seus artigos.

Tendo chegado, afinal, o reporter, seguido de photographo como alguns outros, o criminoso foi introduzido.

Antes, tinham os jornalistas tirado aspectos da «meza», com chefe de policia, auxiliares, delegados, escrivão, sentados, e, de pé, ás costas destes, inspectores, guardas, policias, etc.

O moço entrou e puzeram-no em uma cadeira proxima ao delegado districtal que esperou, para tomar por termo a confissão, que os photographos *batessem* a chapa á luz da explosão do magnésio.

No começo, correu tudo em ordem e o accusado, com voz firme, articulando distintamente palavra por palavra, disse o seu nome, a sua filiação, ter vinte cinco annos de idade, etc., etc. Narrou como se dera o crime. Tendo, todos os annos, quando podia gozar ferias, ahi pelo mez de Junho, o habito de vir passar os quinze dias dellas, em casa de seu amigo Leopoldo Martins Barroca, nos arredores da praia do Pinto, da lagôa Rodrigo de Freitas, viera como de costume naquelle anno. Gostava de passal-os ahi, pois, com a sua familia, até aos quatorze annos, antes de esrabelecer-se seu pai, ao deixar de ser feitor do Jardim, elle residira naquellas redondezas das quaes guardava as mais suaves recordações. Naquelle dia, 14 de Junho de***, o do assassinio, tendo almoçado com a mulher e os filhos do seu amigo, sem elle, pois o fazia mais cedo para não perder o seu ponto no Arsenal de Marinha, onde era escrevente, saiu e foi lêr o «Jornal do Commercio», na venda do seu Eduardo, que ficava justamente na praia, fazendo esquina com a rua do Páo, em que estava a casa do seu hospedeiro amigo.

Lera a folha vagarosamente e dera-lhe vontade de ir ao Jardim passeiar. Assim fizera e, vagando pelas alamedas, naquelle dia de semana, silenciosas e desertas, encontrara com aquella allemã que, só agora, pela leitura dos jornaes, soube chamar-se Graüben. Travara, a proposito não se lembra de que, conversa com ella. Ria-se muito a moça, com um riso estreito e de pouca duração, com proposito ou não, e pareceu-lhe, por diversos gestos ter-se ella apaixonado por elle. Em um dado momento, quiz beijal-a, ella o repelliu, mas continuou a conversar com elle como se nada tivesse havido, no seu máo portuguez.

Chegando a um lugar mais sombrio, repetiu a tentativa de abraçal-a e beijal-a e repetiu com mais força e decisão. Ella, a allemã, se enfureceu e arrancou não sabia de que dobra do vestido, o punhal que foi encontrado, tentando feril-o. Foi por esse tempo que, desvairado pela luxuria, pelo despeito, pelo medo — tudo isto misturado e multiplicado levou-o a agarrar a rapariga pelo pescoço, com

ambas as mãos, cheio de frenesi apertou-o loucamente, cegamente e, quando poudo reflectir, viu que ella estava morta. Vendo-a assim, occultou o cadaver em uma moita e saiu muito naturalmente, ahi pelas tres horas da tarde. Foi para a casa de que era hospede e, ao dia seguinte, no nocturno, embarcava para S. Paulo, onde estivera até á vespera daquelle dia 22.

Essa parte principal do depoimento correu bem, mas logo que o accusado deu por finda a accusação que fazia a si mesmo, todos começaram a interrogal-o, quasi a um só tempo — chefe, delegados, commissarios, jornalistas, homens do povo e até policias.

Apezar da barafunda, a todos respondia com calma e precisão, mesmo porque, em geral, as perguntas eram as mais idiotas possiveis ou não tinham relação alguma com o torpe crime do Jardim Botânico.

No dia seguinte, os jornaes, pejados de retratos e outras gravuras, traziam longas noticias, com os commentarios do costume e alguns elogiavam o chefe, outros calavam-se a tal respeito; mas, todos eram accordes em taxar de revoltante o criminoso, typo verdadeiramente lombrosiano, pelas feições e pela cynica calma dos delinquentes natos.

A não ser a calma, não havia nada de verdade nisso. O rapaz era bem parecido e conformado de corpo e rosto, mais alto que baixo, branco sem jaça, robusto mais do que a media; e tinha um olhar agudo, por vezes agudissimo, mas sempre meigo e triste, onde havia muito de vago e de melancolia.

No dia seguinte, começaram a interrogar as pessoas alludidas na confissão pelo criminoso. Dous guardas do Jardim reconheceram-no; um, porém, dizia que o vira entrar na vespera do crime, no dia de Santo Antonio; entretanto, o outro jurava que elle estivera no Jardim, a 14, por signal que o avistara, nas proximidades do chafariz, quando ia o visitante dobrar a alameda á esquerda e perpendicular á principal da entrada.

Este depoimento, se bem que fosse confirmado, mais tarde e em acareação com o protagonista da tragedia, esta-

va em contradicção com muitos outros. D. Zilda, a mulher do amigo em cuja casa Lourenço estivera hospedado, depôz dizendo que, no dia do crime, o seu hospede lhe chegara á casa, ahi pelas tres horas e pelos fundos, pois era seu habito, depois de ler o «Jornal» na venda, descer a praia, embrenhar-se na restinga, chupar cambuim, pitangas, fructas de cardo, pexerica, qualquer fructa sylvestre e voltar para a casa pelos fundos que davam para a restinga do Leblon. Perguntada se era costume d'elle ir ao «Jardim», disse que sim, parecendo-lhe até que, no dia de Santo Antonio, lá fôra.

O proprietario da venda, o sr. Eduardo Silveira, mais ou menos confirmou o depoimento de D. Zilda. Disse que, deixando o Sr. Lourenço de lêr o «Commercio», pelas duas horas, o vira descer á praia, como era do seu habito, procurar um atalho que levava á restinga; e não acreditava que tivesse ido ao «Jardim», naquelle dia, por aquellas horas, pois estava sem collarinho nem gravata, não se entrando, como é sabido, naquelle logradouro publico sem esses complementos do vestuario.

O marido de D. Zilda, o amigo de Lourenço, pouco sabia, mas asseverava que elle fôra ao «Jardim», em 13, de Santo Antonio, pois, tendo ficado em casa para remendar uma cerca e concertar o gallinheiro, o vira sair completamente vestido, convidando-o, a elle, depoente, a acompanhal-o o que não fez, e com isso desculpou-se, por ter de executar aquelles servicinhos caseiros.

Reinquerido, á vista do depoimento do vendeiro, a respeito de como tinha podido entrar no «jardim», sem collarinho, nem gravata, explicou Lourenço que obtivera esses dous objectos no caminho de Jorge Turco, nas Tres-Vendas, e os collocara no pescoço, nos fundos do botequim do canto da estrada de D. Castorina.

Jorge Turco, convidado a depôr, affirmou nunca ter vendido um alfinete ao rapaz, que conhecia, entretanto, por lhe passar pela porta do negocio em companhia do seu Leopoldo da rua do Páo, um dos seus bons freguezes e a mulher tambem.

O dono do botequim dissera que, de facto, um dia destes da semana passada, tinha consentido que elle fosse aos fundos do seu negocio, mas não sabia ao certo o dia e não podia garantir que, para lá entrasse sem collarinho e gravata. Com elles, sahíu ; disso, tinha memoria.

Apezar de toda essa confusão de depoimentos que resultava em mostrar não ter elle coparticipação nem ser autor do crime, Lourenço continuava a affirmar com a mais convincente das firmezas que era autor do assassinio ; que fôra só elle quem matara a allemã ; que merecia castigo e ajuntava detalhes elucidativos da sua luta com a allemã que dizia ter morto, nas condições do seu primitivo depoimento.

Vindo a saber-se que os dias que medeiarã entre o do crime e o da confissão, não estivera elle em S. Paulo, mas, na Barra da Guaratiba, em casa de uns antigos serviçães de seu pae, muito chegados á familia, sendo elle até padrinho de um dos filhos delles — vindo a saber-se disso, explicava a falsidade, do seu primeiro depoimento nessa parte, como tendo por fito não querer comprometter aquelles pobres pretos aos quaes muito estimava e amava.

Toda a sua confissão ia assim se desmoronando com as informações que traziam as pessoas conceituadas no seu meio peculiar, e indicadas tacita ou explicitamente nos depoimentos do accusado, as quaes procuradas para elucidar os passos dados por elle naquelle sinistro pomeridio de 14 de Junho de . . . , vinham todas ellas mostrar a inverossimilhança de suas affirmações, fazendo-o claramente innocente. Não se sabia o que pensar de tão exquisito caso . . .

O pai, como informante, depoz longamente sobre o caracter e os habitos do filho. O seu depoimento foi tocante e longo. Era um velho portuguez forte e firme, com um olhar ladino, mas bondoso, inspirando toda a sua pessoa, rectidão, energia e franqueza. Contou elle que, desde uns cinco ou seis annos para cá, o genio do seu filho se transformára. Até aos vinte annos, era alegre, até folgazão, gostava de regatas, de festas, de vestuario e atavios. Logo, aos dezeseis annos, pedira-lhe que o empregasse, porque

não tinha propensão para os estudos. Elle, pois, se entristecera, porquanto o julgava, como todos os seus mestres, intelligente e applicado. Fazendo-lhe a vontade, apesar de isso desgostal-o e tambem á mulher, empregara-o em uma casa commercial, por atacado, onde fez carreira, sendo de anno para anno augmentado de vencimentos. Deu em morar fóra da casa paterna, sob o pretexto de ficar mais perto do club de regatas de que era socio, e não precisar acordar-se tão cedo para comparecer aos «ensaios». Não se oppôz, já por julgal-o ajuizado, já por apreciar o seu desenvolvimento physico e o ar de saude que ia ganhando.

Aos dezenove annos para os vinte, sem explicação alguma (ahi a sua voz tremeu), soube que o seu filho tinha abandonado o emprego e fugira não sabia para onde. Fóra ao patrão, pagou-lhe uns pequenos adiantamentos que fizera a casa ao rapaz e, quasi dois annos depois, veiu a saber que o filho estava na maior miseria em S. Paulo, exercendo os duros e humildes officios de varredor e carregador de uma venda de arrabalde. A instancias de sua mulher, partiu para aquella capital, trouxe-o e, um anno inteiro, Lourenço lhe ficou em casa, trocando raras palavras com elle e os irmãos, só se expandindo mais longamente com a mãe. Não atinava com a magoa do filho e temia que se matasse. Vivia a ler livros de religião e espiritas, cujos titulos elle, o pai, não sabia repetir. Não queria ver jornaes, nem revistas. Seus cuidados com a integridade mental do filho eram grandes, tanto mais que, varias vezes, lhe dissera a mulher que, quasi sempre, quando ia ao quarto do filho, o encontrava a chorar ou com a physionomia de quem tinha acabado de fazer isso. Por intermedio della, sempre lhe fornecia dinheiro, para as suas pequenas necessidades; e, longe de empregal-o comsigo, seu filho dava a maior parte aos criados da casa, ás crianças da vizinha, só reservando uma pequena e diminuta quantia para a compra de cigarros ordinarissimos e phosphoros. Quizeram-o mandar para a Europa, e elle não acceitára, dizendo á mãe que tinha medo do oceano. Preferia que lhe arranjassem um pequeno emprego publico modesto; com as suas rela-

ções, conseguira elle, o pai, obter ; e, desde que o exercia, como que tinha melhorado de estado de espirito. Quanto ao crime, não sabia nada ; mas não julgava seu filho capaz de tanta maldade, antes o suppunha louco, com a mania do martyrio e, em tempo, havia requerido o competente exame de sanidade mental.

A parte do depoimento do pai que alludia á fuga do filho para S. Paulo, impressionou o reporter d'«O Arauto», que, daqui e dalli, veio a saber e publicou o motivo della. Elle abalára para lá, devido a ter dado um desfalque na casa em que era empregado, no valor de dois ou tres contos, que foram pagos pelo pai.

A policia que já estava disposta a não acreditar na sua confissão, á vista de tal precedente, voltou á carga, encerrou o inquerito e remetteu-o ao juiz competente. As contradicções e incongruencias entre a confissão do réo e os depoimentos de testemunhas e informantes continuaram a encher de mysterio o caso.

O juiz summariante ficou completamente atrapalhado, doido até, com tal crime e tal criminoso. Não havia uma hypothese a fazer, quasi todos os depoimentos levavam á convicção de que a confissão de Lourenço era falsa ; elle, porém, confessava com tanta firmeza! Que havia de pensar?

Quem sabe se elle não queria depistar a policia, mas com que interesse ? Os seus amigos do peito eram poucos e todos elles podiam dar numerosas testemunhas como tinham passado todo o dia 14, quasi todo, nas suas repartições. Por dinheiro ? Era absurdo.

O advogado, chamado pelo pai, disse-lhe logo :

— Aceito, mas o meu maior adversario é seu filho . . . Não cessa de confessar que foi elle e justificar mais ou menos bem os desmentidos ás suas affirmacões. Olhe como se sahio daquella *potóca* de S. Paulo . . . Perfeitamente accetavel . . . E' o diabo ! Mas . . . aceito !

O advogado, em desespero de causa, pediu exame de sanidade mental para o seu cliente. O juiz com muito contentamento deferiu o pedido. Lourenço foi para o hospicio, onde esteve internado dois mezes. Da commissão, fazia

parte o dr. Juliano Moreira que empregou todo o seu saber e toda a sua quente sympathia, para decifrar aquelle angustioso enigma psychologico.

Observado cuidadosamente, virado o seu espirito pelo avesso, interrogado dessa e daquella fórma, escrevendo e fallando, Lourenço não revelou qualquer perturbação nas suas faculdades mentaes. Era o homem commum, o medio, sem nenhuma degenerescencia ou psychose, inferior ou superior, accentuada.

Foi pronunciado ; mas, antes que entrasse em jury, uma pequena revista lembrou um caso muito semelhante acontecido na Allemanha, em Essen, e contado em um livro do sr. Hugo Fridlaender e resumido, no «Le Temps» por Th. de Wyzewa. Tratava-se de um tal Alfred Land que, tendo praticado uma pequena falcatrua, em furto domestico, se sentiu tão angustiado, tão cheio de magoa, de relação intima a lhe pedir expiação da falta, que não trepidou em accusar-se como autor de um assassinio myste-rioso, o qual elle estava materialmente impossibilitado de executar.

Citando Wyzewa, o autor do artigo dizia que, em Lourenço, a consciencia de ter deshonorado o seu nome, de ter commettido um crime vil e covarde, de ter injuriado, maculado a honra dos paes e da familia, era o que o roia interiormente, o desassocegava, o ralava dia e noite, silenciosamente, sem que elle avaliasse bem a tenção desse estado d'alma, até o dia em que a noticia do assassinio da pequena allemã, num recanto afastado do «Jardim Botanico», suggeriu-lhe a idéa de resgatar o seu erro de rapazola com uma condemnação por assassinio.

Levava-o a jury uma especie de necessidade de resgatar a sua falta de um modo «heroico, romanesco e mystico» da honestidade; uma premente determinação de expiação do seu crime de furto, determinação que invadira aos poucos, insidiosamente, a sua vontade, no silencio de suas meditações e nas horas angustiosas do remorso e do arrependimento.

Ninguem aqui, como aquelle juiz de instrucção do

«Crime e Castigo», se abalança a ler as pequenas revistas de rapazes, para estar a par da psychologia morbida dos criminosos cerebraes e inexplicaveis; e, por isso, muito naturalmente, não houve quem interpretasse de modo natural a attitude daquelle rapaz que parecia desejar com volupia uma condemnação por crime hediondo e execrando.

Foi a jury e não foi difficil absolvel-o. Ninguem acreditava na sua criminalidade, nem o promotor, nem jurados, nem juiz, ninguem ! Quando, porém, o juiz, á vista das respostas do jury, mandou-o pôr em liberdade, se por *al* não estivesse preso, conforme a linguagem forense, Lourenço se levantou, pediu *venia* ao juiz, e, perante este e os jurados, protestou contra a sua absolvição, nos seguintes termos :

— Sr. juiz e senhores jurados, eu protesto contra a minha absolvição que é iniqua e injusta, em face da minha consciencia. Sou um criminoso, ninguem melhor do que eu pôde affirmar-o; quero soffrer, para resgatar-me e poder, então, viver outra vez com alegria e satisfação, no convívio dos meus semelhantes. Nenhuma justiça, nenhum homem tem o direito de se oppôr a esse meu sincero desejo... Protesto, portanto !

Sentou-se; mas, o promotor não appellou.



CLARA DOS ANJOS

A Andrade Muricy

O carteiro Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas, mas gostava de violão e de modinhas. Elle mesmo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado, não o sendo tanto actualmente como outr'ora. Acreditava-se até musico, pois compunha valsas, tangos e acompanhamentos para modinhas.

Aprendera a «artinha» musical na terra de seu nascimento, nos arredores de Diamantina, e a sabia de cor e salteado; mas não sahira dahi.

Pouco ambicioso em musica, elle o era tambem nas demais manifestações de sua vida. Empregado de um advogado famoso, sempre quizera obter um modesto emprego publico que lhe desse direito á aposentadoria e ao montepio, para a mulher e a filha. Consequira aquelle de carteiro, havia quinze para vinte annos, com o qual estava muito contente, apezar de ser trabalhoso e o ordenado ser exiguo.

Logo que foi nomeado, tratou de vender as terras que tinha no local de seu nascimento e adquirir aquella casita de suburbio, por preço modico, mas, mesmo assim, o dinheiro não chegara e o resto pagou elle em prestações. Agora, e mesmo ha varios annos, estava de plena posse della. Era simples a casa. Tinha dois quartos, um que dava

para a sala de visitas e outro, para a de jantar. Correspondendo a um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito que era a cosinha. Fóra do corpo da casa um barracão para banheiro, tanque, etc. ; e o quintal era de superficie razoavel, onde cresciam goiabeiras maltratadas e um grande tamarineiro copado.

A rua desenvolvia-se no plano e, quando chovia, enxarcava que nem um pantano; entretanto, era povoada e della se descortinava um lindo panorama de montanhas que pareciam cercal-a de todos os lados, embora a grande distancia. Tinha boas casas a rua. Havia até uma grande chacara de outros tempos com aquella casa caracteristica de velhas chacaras de longa fachada, de tecto acaçapado, forrada de azulejos até á metade do pé direito, um tanto feia, é factó, sem garradice, mas casando-se perfeitamente com as annosas mangueiras, com as robustas jaqueiras e com todas aquellas grandes e velhas arvores que, talvez, os que as plantaram, não tivessem visto fructificar.

Por aquelles tempos, nessa chacara, se haviam estabelecido os «biblias». Os seus canticos, aos sabbados, quasi de hora em hora, enchiam a redondeza. O povo não os via com hostilidade, mesmo alguns humildes homens e pobres raparigas sympathizavam com elles, porque, justificavam, não eram como os padres que, para tudo, querem dinheiro.

Chefiava os protestantes, um americano, Mr. Sharp, homem tenaz e cheio de uma eloquencia biblica que devia ser magnifica em inglez ; mas que no seu duvidoso portuguez, se fazia simplesmente pittoresca. Era Sharp daquela raça curiosa de *yankees* que, de quando em quando, á luz da interpretação de um ou mais versiculos da Biblia, fundam seitas christãs, propagam-nas, encontram adeptos logo, os quaes não sabem bem porque foram para a nova e qual a differença que ha entre esta e a de que vieram.

Fazia proselytos e, quando se tratava de iniciar uma turma, os noviços dormiam em barracas de campanha, erguidas no eirado da chacara ou entre as suas velhas arvores maltratadas e desprezadas. As cerimonias preparatorias

duravam uma semana, cheia de canticos divinos; e a velha propriedade, com as suas barracas e psalmodias, adquiria um aspecto exquisito de convento ao ar livre de mistura com um certo ar de acampamento militar.

Da redondeza, poucos eram os adeptos orthodoxos; entretanto, muitos lá iam por mera curiosidade ou para deliciar-se com a oratoria de Mister Sharp.

Iam sem nenhuma repugnancia, pois é proprio do nosso pequeno povo fazer um extravagante amalgama de religiões e crenças de toda a sorte, e socorrer-se desta ou daquella, conforme os transe de sua existencia. Se se trata de affastar atrazos de vida, appella para a feitiçaria; se se trata de curar uma molestia tenaz e resistente, procura o espirita; mas não falem á nossa gente humilde em deixar de baptisar o filho pelo sacerdote catholico, porque não ha quem não se zangue: meu filho ficar pagão! Deus me defenda!

Joaquim não fazia excepção desta regra e sua mulher, a Engracia, ainda menos.

Eram casados ha quasi vinte annos, mas só tinham uma filha, a Clara. O carteiro era pardo claro, mas com cabello ruim, como se diz; a mulher, porém, apezar de mais escura, tinha o cabello liso.

Na tez, a filha puxava o pae; e no cabello, á mãe. Na estatura, ficara entre os dois. Joaquim era alto, bem alto, acima da media, hombros quadrados; a mãe não sendo muito baixa, não alcançava a media, possuindo uma phisionomia miuda, mas regular, o que não acontecia com o marido que tinha o nariz grosso, quasi chato. A filha, a Glara, tinha ficado em tudo entre os dois; media delles, era bem a filha de ambos. Habituada ás musicatas do pae, crescera cheia de vapores das modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre com os dengues e a melancolia dos descantes e cantarólas.

Com dezeseite annos, tanto o pae como a mãe tinham por ella grandes desvelos e cuidados. Mais depressa ia Engracia á venda de *seu* Nascimento, buscar isto, ou aquillo do que ella. Não que a venda de *seu* Nascimento fosse lugar de badernás; ao contrario: as pessoas que lá faziam «ponto», eram de todo o respeito.

O Alipio, uma dellas, era um typo curioso de rapaz, que, comquanto pobre, não deixava de ser respeitador e bem comportado. Tinha um aspecto de gallo de briga; entretanto, estava longe de possuir a ferocidade repugnante desses gallos malaios de apostas, não possuindo—é preciso saber—nenhuma.

Um outro que apparecia sempre lá, era um inglez, Mr. Persons, desenhista de uma grande officina mechanica das immedições. Quando sahia do trabalho, passava na venda, lá se sentava naquelles caracteristicos tamboretos de abrir e fechar, e deixava-se ficar até ao anoitecer bebericando ou lendo os jornaes do Sr. Nascimento. Silencioso, quasi taciturno, pouco conversava e implicava muito com quem o tratava por *seu mister*.

Havia lá tambem o philosopho Menezes, um velho hydropico, que se tinha na conta de sabio, mas que não passava de um simples dentista clandestino e dizia tolices sobre todas as cousas. Era um velho branco, sympathico com um todo de imperador romano, barbas alvas e abundantes.

Apparecia, ás vezes, o J. Amarante, um poeta, verdadeiramente poeta, que tivera o seu momento de celebridade em todo o Brazil, se ainda não a tem; mas que, naquella epocha, devido ao alcool e a desgostos intimos, era uma triste ruina de homem, apezar dos seus dez volumes de versos, dez successos, com os quaes todos ganharam dinheiro menos elle. Amnesico, semi-imbecilizado, não seguia uma conversa com tino e falava desconnexamente. O suburbio não sabia bem quem elle era; chamava-o muito simplesmente — o poeta.

Um outro frequentador da venda era o velho Valentim, um portuguez dos seus sessenta annos e pouco, que tinha o corpo curvado para deante, devido ao habito contrahido no seu officio de chacareiro que já devia exercer ha mais de quarenta. Contava «casos» e anedotas de sua terra, pontilhando tudo de rifões portuguezes do mais saboroso pittoresco.

Apesar de ser assim decente, Clara não ia á venda ; mas o pae, em alguns domingos, permittia que fosse com as amigas ao cinema do Meyer ou Engenho de Dentro, emquanto elle e alguns amigos ficavam em casa tocando violão, cantando modinhas e bebericando paraty.

Pela manhã, logo nas primeiras horas, os companheiros appareciam, tomavam café, iam em seguida para o quintal, para debaixo do tamarineiro, jogar a bisca, com o litro de cachaça ao lado; e ahí sem dar uma vista d'olhos sobre as montanhas circumdantes, nuas e empedrouçadas, deixavam-se ficar até á hora do «ajantarado» que a mulher e a filha preparavam.

Só depois deste, é que as cantorias começavam.

Certo dia, um dos companheiros dominicaes do Joaquim pediu-lhe licença para trazer, no dia do anniversario delle, que estava proximo, um rapaz de sua amizade, o Julio Costa, que era um eximio cantor de modinhas. Acce-deu. Veio o dia da resta e o famoso trovador appareceu. Branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo, não tinha as taes melenas denunciadoras, nem outro qualquer traço de capadocio. Vestia-se seriamente com um apuro muito suburbano, sob a thezoura de alfaiate de quarta ordem. A unica pelintragem adequada ao seu mister que apresentava, consistia em trazer o cabello repartido no alto da cabeça, dividido muito exactamento pelo meio. Acompanhava-o o violão. A sua entrada foi um successo.

Todas as moças das mais differentes cores que, ahí, a pobreza harmonizava e esbatia, logo o admiraram. Nem Cezar Borgia, entrando mascarado, num baile á fantasia dado por seu pae, no Vaticano, causaria tanta emoção.

Affirmavam umas para as outras :

— E' elle ! E' elle, sim !

Os rapazes, porém, não ficaram muito contentes com isto ; e, entre elles, puzeram-se a contar historias escabrosas da vida galante do cantor de modinhas.

Apresentado aos donos da casa e á filha, ninguem notou o olhar guloso que deitou para os seios empinados de Clara.

O baile começou com a musica de um «terno» de flauta, cavaquinho e violão. A polka era a dança preferida e quasi todos a dançavam com requebros proprios de samba.

Num intervallo Joaquim convidou :

— Porque não canta, *seu* Julio ?

— Estou sem voz, respondeu elle.

Até ali, elle tinha tomado parte no «terno»; e, repinicando as cordas, não deixava de devorar com os olhos os bamboleios de quadris de Clarinha, quando dançava. Vendo que seu pae convidara o rapaz, animou-se a fazel-o tambem :

— Porque não canta, *seu* Julio ? Dizem que o senhor canta tão bem . . .

Esse — *tão bem* — foi alongado maciamente. O cantor accudiu logo :

— Qual, minha senhora ! São bondades dos camaradas . . .

Concertou a «pastinha» com as duas mãos, enquanto Clara dizia :

— Cante ! Vá !

— Já que a senhora manda, disse elle, vou cantar.

Com todo o dengue, agarrou o violão, fez estalar as cordas e annunciou :

— Amor e sonho.

E começou com uma voz muito alta, quasi berrando, a modinha, para depois arrastal-a num tom mais baixo, cheio de magoa e languor, sibilando os *ss*, carregando os *rr*, das metaphoras horrendas de que estava cheia a cantoria. A cousa era, porem, sincera ; e mesmo as comparações estramboticas levantavam nos singelos cerebros das ouvintes largas perspectivas de sonhos, erguiam desejos, despertavam anceios e visões douradas. Acabou. Os applausos foram entusiasticos e só Clarinha não applaudiu, porque, tendo sonhado durante toda a modinha, ficara ainda embevecida quando ella acabou . . .

Dias depois, vindo a janella por acaso — era de tarde — sem grande surpresa, como se já o esperasse, Clara recebeu o cumprimento do cantor magoado. Não poz malicia

na cousa, tanto assim que disse candidamente á mãe :

— Mamãe, sabe quem passou ahi ?

— Quem ?

— Seu Julio.

— Que Julio ?

— Aquelle que cantou nos «annos» de papai.

A vida da casa, após a festança de anniversario do Joaquim, continuou a ser a mesma. Nos domingos, aquellas partidas de bisca com o Eleuterio, servente da Bibliotheca, e com o Augusto, guarda municipal, acompanhadas de copitos de cachaça, e o violão, á tarde. Não tardou que se viesse aggregar um novo commensal : era o Julio Costa, o famoso modinheiro suburbano, amigo intimo do Augusto e seu professor de trovas.

Julio quasi nunca jantava, pois tinha sempre convites em todos os quatro pontos cardeaes daquellas paragens. Tomava parte nas partidas de bisca, de parceirada, e pouco bebia. Apezar de não demorar-se pela tarde a dentro, poudo ir cercando a rapariga, a Clara, cujos seios empinados, volumosos e redondos fascinavam-lhe extraordinariamente e excitavam a sua gula carnal insaciavel. Em começo foram só olhares que a moça, com os seus humidos olhos negros, grandes, quasi cobrindo toda a esclerotica, correspondia a furto e com medo; depois, foram pequenas phrases, galanteios, trocados ás escondidas, para, afinal, vir a fatidica carta.

Ella a recebeu, metteu-a no seio e, ao deitar-se, leu-a, sob a luz da vela, medrosa e palpitante. A carta era a cousa mais fantastica, no que diz respeito á orthographia e á syntaxe, que se pode imaginar; tinha porém, uma virtude : não era copiada do «Secretario dos Amantes», era original. Comtudo a missiva fez estremecer toda a natureza virgem de Clara que, com a sua leitura, sentiu haver nella surgido alguma cousa de novo, de extranho, até ahi nunca sentida. Dormiu mal. Não sabia bem o que fazer : se responder, se devolver. Viu o olhar severo do pae ; as recriminações da mãe. Ella, porém, precisava casar-se. Não havia de ser toda a vida assim como um cão sem dono . . .

Os paes viriam a morrer e ella não podia ficar pelo mundo desamparada. . . Uma duvida lhe veiu : elle era branco ; ella, mulata. . . Mas que tinha isso ? Tinham-se visto tantos casos. . . Lembrou-se de alguns. . . Porque não havia de ser ? Elle falava com tanta paixão. . . Offegava, suspirava, chorava ; e os seus seios duros estouravam de virgindade e de anciedade de amar. . . Responderia ; e assim fez, no dia seguinte. As visitas de Costa tornaram-se mais demoradas e as cartas mais constantes. A mãe desconfiou e perguntou á filha :

— Você está namorando *seu* Julio, Clarinha ?

— Eu, mamãe ! Nem penso nisso. . .

— Está, sim ! Então não vejo ?

A menina poz-se a chorar ; a mãe não falou mais nisso ; e Clara, logo que poudo, mandou pelo Aristides, um molecote da visinhança, uma carta ao modinheiro, relatando o facto.

Julio morava na estação proxima e a situação de sua familia era bem superior a da sua namorada. O seu pai tinha um emprego regular na Prefeitura e era, em tudo, diferente do filho. Sizudo, grave, serio, ia até a imponencia grotesca do bom funcçionario ; e não seria capaz de admitir que a namorada do filho dansasse na sua sala. Sua mulher não tinha o ar solemne do marido, era, porém, relaxada de modos e habitos. Comia com a mão, andava descalça, catava intrigas e « novidades » da visinhança ; mas tinha, apesar disso, uma pretensão intima de ser grande cousa, de uma grande familia.

Além do Julio, tinha tres filhas, uma das quaes já era adjuncta municipal ; e, das outras duas, uma estava na Escola Normal e a mais moça cursava o Instituto de Musica.

Tiravam muito ao pae, no genio sobranceiro, no orgulho fofo da familia ; e tinham ambição de casamentos doutoraes. Mercedes, Adelaide e Maria Eugenia, eram esses os seus nomes, não supportariam de nenhuma forma Clara, como cunhada, embora desprezassem soberanamente o irmão pelos seus máos costumes, pelo seu violão, pelos seus plebeus gallos de briga e pela sua ignorancia crassa.

Pequenas burguezas, sem nenhuma fortuna, mas, devido á situação do pai e o terem frequentado escolas de certa importancia, ellas não admittiriam para Clara, senão um destino : o de criada de servir.

Entretanto, Clara era doce e meiga; innocente e boa, podia-se dizer que era muito superior ao irmão dellas pelo sentimento, ficando talvez acima delle, pela instrucção, comquanto fosse rudimentar, como não podia deixar de ser, dada a sua condição de rapariga pobrissima. Julio era quasi analfabeto e não tinha poder de attenção sufficiente, para lêr o entrecho de uma fita de cinematographo. Muito estúpido, a sua vida mental se cifrava na composição de modinhas delambidas, recheiadas das mais extranhas imagens que a sua imaginação erotica, suffocada pelas conveniencias, creava, tendo sempre perante seus olhos o acto sexual.

Mais de uma vez, elle se vira a braços com a policia por causa de defloramentos e seducções de menores.

O pai, desde a segunda, recusara intervir; mas a mãe, D. Ignez, a custo de rogos, de choro, de appello — para a pureza de sangue da familia, conseguira que o marido, o Capitão Bandeira, procurasse influenciar, afim de evitar que o filho casasse com uma negrinha de dezeseis annos, a quem o Julio *tinha feito mal*.

Apezar de não ser totalmente má, os seus preconceitos junto á estreiteza da sua intelligencia, não permittiram ao seu coração que agasalhasse ou protegesse o seu infeliz neto. Sem nenhum remorso, deixou-o por ahí, á toa, pelo mundo . . .

O pai desgostoso com o filho, largara-o de mão; e quasi não se viam. Julio vivia no porão da casa ou nos fundos da chacara onde tinha gaiolas de gallos de briga, o bicho mais hediondo, mais repugnantemente feroz que é dado a olhos humanos ver. Era a sua industria e o seu commercio, esse negocio de gallos e as suas brigas em rinhadeiros. Barganhava-os, vendia-os, chocava as gallinhas, apostava nas rinhãs; e com o resultado disso e com alguns cobres que a mãe lhe dava, vivia e obtinha dinheiro para vestir-se. Era

o typo completo do vagabundo domestico, como ha milhares nos suburbios e em outros bairros do Rio de Janeiro.

A mãe, sempre temendo que se repetissem os seus ajustes de contas com a policia, esforçava-se sempre por estar ao corrente dos seus amores. Veio a saber do seu ultimo com Clara e reprehendeu-o nos termos mais desabridos. Ouviu-a o filho respeitosaente, sem dizer uma palavra; mas, julgou de boa politica relatar, a seu modo, por carta, tudo á namorada. Assim escreveu: *«Queridinha confesço-te que ontem quando recebi a tua carta minha mãe viu e fiquei tão louco que confescei tudo a mamãe que lhe amava muito e fazia por voce as maiores violencias; ficaram todos contra mim e a razão porque previno-te que não ligués ao que lhe disserem, por isso pesso-te que preze bem o meu soffrimento.*

Pense bem e veja se estás resolvida a fazer o que lhe pedi na ultima cartinha.

Saudades e mais saudades deste infeliz que tanto lhe adora e não é correspondido. O teu Julio».

Clara já estava habituada com a redacção e orthographia do seu namorado, mas, apezar de escrever muito melhor, a sua instrucção era insufficiente para desprezar um galanteador tão analfabeto. Ainda por cima, a sua fascinação pelo modinheiro e a sua obsessão pelo casamento, lhe tiravam toda a capacidade critica que podesse ter. A carta produziu o effeito esperado por Julio. Choro, palpitações, aneios vagos, esperanças nevoentas, vislumbres de ceus desconhecidos e encantados — tudo isso aquella carta lhe trouxe, alem do halo de dedicação e amor por ella com que Clara fez resplandecer, na imaginação, as pastinhas do violeiro. Dahi a dias, fez o promettido, isto é, deixou a janella do quarto aberta para que elle entrasse no aposento. Repetiu a façanha quasi todas as noites seguintes, sem que elle se demorasse muito no quarto.

Nos domingos, apparecia, cantava e semelhava que entre ambos não havia nada. Um bello dia, Clara sentiu alguma cousa de extranho no ventre. Communicou ao namorado. Qual ! Não era nada, disse elle. Era, sim; era o filho. Ella

chorou, elle acalmou-a, promettendo casamento. O ventre crescia, crescia . . .

O cantor de modinhas foi fugindo, deixou de apparecer a meudo; e Clara chorava. Ainda não lhe tinham percebido a gravidez. A mãe, porém, com auxilio de certas intimidades proprias de mãe para filha, desconfiou e pol-a em confissão. Clara não poudes esconder, disse tudo; e aquellas duas humildes mulheres choraram abraçadas deante do irremediavel. . . A filha teve uma idéa :

— Mamãe, antes da senhora dizer a papae, deixa-me ir até á casa delle, para falar com a sua mãe ?

A velha meditou e acceitou o alvitre :

— Vae !

Clara vestiu-se rapidamente e foi. Recebida com altaneira por uma das filhas, disse que queria fallar a mãe de Julio. Recebeu-a esta rispivamente; mas a rapariga, com toda a coragem e com sangue frio difficil de crer, confessou-lhe tudo, o seu erro e a sua desdita.

— Mas o que é que você quer que eu faça ?

— Que elle se case commigo, fez Clara num só hausto.

— Ora, esta ! Voce não se enxerga ! Voce não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você ! Elle não amarrou você, elle não amordaçou você. . . Vá-se embora, rapariga ! Ora já se viu ! Vá !

Clara saiu sem dizer nada, reprimindo as lagrimas, para que na rua não lhe descobrisse a vergonha. Então, ella ? Então ella não se podia casar com aquelle calaceiro, sem nenhum titulo, sem nenhuma qualidade superior ? Porque ?

Viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar a cousa mais simples que todas as moças aspiram. Para que seriam aquelles cuidados todos de seus paes ? Foram inuteis e contraproducentes, pois evitaram que ella conhecesse bem justamente a sua condição e os limites das suas aspirações

sentimentaes . . . Voltou para casa depressa. Chegou ; o pai ainda não viera.

Foi ao encontro da mãe. Não lhe disse nada ; abraçou-a, chorando. A mãe também chorou e, quando Clara parou de falar, entre soluços, disse :

— Mamãe, eu não sou nada nesta vida.



UMA VAQABUNDA

— E' um caso bem curioso o que te vou contar e que me parece digno de registro. Para muitos parecerá fantastico; mas, como tu sabes, já houve quem dissesse que a realidade é mais fantastica do que imaginamos.

— Dostoïevsky ?

— Sim; creio que foi elle, embora não afiance que fosse com essas palavras. Sabes bem como são as palavras d'elle ?

— Não; mas estou certo que não lhe trahes o pensamento... Emfim ! Isso não vem ao caso. Conta lá a historia.

— Conto-a a ti com todos os detalhes, para que possas tirar della todo o profundo sentido que tem. Se se tratasse de outro, havia de abrevial-a, transformal-a-ia, em ane-cdota; mas, tratando-se de ti, não ha nada que seja prolixo para a comprehensão de semelhante facto.

Elles estavam no Campo de Sant'Anna e aquellas cotias sempre ariscas e aquellas saracuras de gallinheiro, apezar de tudo, não deixavam de dar um toque selvagem naquelle jardim educado.

O narrador continuou :

— Foi isto ha alguns annos passados. Bebia eu muito nesse tempo, muito mesmo porque tinha por divisa ou tudo ou nada. Além disso adoptara uma phrase não sei de que autor, como complemento da divisa.

— Qual é ? perguntou o outro.

— «O burguez bebe champanha ; o heroe bebe aguardente».

— Essas duas sentenças combinadas deviam dar resultados surprehendentes.

— Deram como tu sabes, mas eu te quero contar uma que tu não sabes.

— Duvido.

— Pois vaes ver.

— Não acredito, pois sei todas as tuas proezas desse tempo.

— Essa proeza, porém, não é minha; é de outro ou de outra.

— Que outra ?

— Conheceste a Alzira ?

— Sim ! Aquella vagabunda que ia á casa do «Guaco», na rua do Carmo.

— E' isso mesmo : aquella vagabunda que ia á casa do «Guaco», na rua do Carmo. E' isso.

— Homem ! Pelo modo porque falas, parece que tiveste paixão por ella . . .

— Não tive paixão, mas sou-lhe grato.

— Porque ?

— Lembras-te bem que ella bebia comnosco calistos de «Guaco».

— Lembro-me bem.

— E que ella tivera um passado de lustre, de opulencia, no alto mundanismo ?

— Perfeitamente. Comtudo, Frederico, eu penso que ella exaggerava um pouco.

— E' verdade. Aquelle caso que ella nos contou de ter perdido uma noite, não sei em que jogo, em S. Paulo, oitenta contos, não me parece verosimil ; entretanto . . .

— Não é só isso. Todas as summidades da Republica haviam sido seus amantes. Ora, isso não é possivel, porquanto muitas dellas, quando começaram, eram pobresões que não podiam aspirar a semelhante «objecto de luxo».

— Tens razão ; mas . . .

— Uma cousa : quando me recordo da Alzira, só me vem á mente o seu famoso chapéo de chuva de alpaca, com que, ás vezes, quando embriagada, desancava um qualquer e ia parar no xadrez.

— Eu, quando me vem ella á lembrança, com a sua physionomia triste, fanada, é com o seu orgulho de ter tido muito dinheiro, por meios tão baixos . . .

— A observação é boa. Ella não parecia ter dôr em recordar os bellos dias passados; parecia antes ter prazer . . . Afinal, que tem ella com a tua historia ?

— Estavas fóra, lá, para Alagôas. Continuei a frequentar o «Guaco», onde ia todas as tardes encontrar os companheiros. Occasionalmente topava com Alzira e pagava-lhe um calice. As nossas relações eram as mais amistosas possíveis. Ella me contava as historias de aventuras passadas, quer as de jogo, quer as de amor; e eu as ouvia para aprender a vida com aquella mulher batida pela sorte, pelo infortunio e pela maldade dos homens. Gostava até da emoção que ella sentia, narrando o seu triumpho, quando, trepada no alto dos carros de Carnaval, era acclamada pelas familias, nas ruas apinhadas por onde passava. Pelo modo que ella me contava esses episodios, julguei que Alzira nesses dias se suppunha resgatada. Talvez tivesse razão . . .

— Coitada ! fez o outro.

— Bem. Como te contava, ia sempre ao «Guaco» e, em certo dia do pagamento, lá fui. Tinha os vencimentos quasi intactos na algibeira. Encontrei-a, sentei-me e pedi cerveja. Ella não quiz, ficou no seu calice habitual. Em dado momento, ao passar o proprietario, o Martins — tu te lembras delle ?

— Pois não.

— Disse-lhe : Martins vê quanto te devo. Elle respondeu e, logo que elle se afastou, Alzira perguntou-me : «Frederico tens dinheiro ? » Disse-lhe que sim ; e ella me pediu : «Podes-me «passar» cinco mil réis ? » Não me fiz esperar e dei-lhe uma nota de cinco mil reis que tinha na algibeira do collete. Ella guardou e continuou a conversar.

Veio a hora de sair e de pagar a despeza actual e as passadas. Martins fez a somma e tirei da algibeira da calça o grosso do dinheiro, dando-lhe uma nota que satisfizesse a conta. Logo que o Martins se dirigiu ao balcão, ella me disse ao ouvido: «Tu não me podes dar mais cinco mil reis?» Disse-lhe peremptoriamente: não! Não teve um momento de hesitação: levantou-se e atirou-me a nota na cara. Foi sahindo e descompondo-me baixamente.

— Era muito malcriada.

— Pensei isso e o Martins aconselhou-me a evital-a, por isso. Um acontecimento posterior, porém, fez-me julgal-a melhor.

— E' dahi que. . .

— Vaes ouvir: Passaram-se mezes e, para publicar um livro, metti-me em transacções. Se o livro deu dinheiro eu não sei, porque só o perdi com elle; entretanto fez um successosinho; mas, cai de roupas, etc., etc. Uma noite estava sentado entre desanimados, como eu, num banco do Largo da Carioca, considerando aquelles automoveis vasio, que lhe levam algum encanto. Apesar disso, não pude deixar de comparar aquelle rodar de automoveis, rodar em torno da praça, como que para dar illusão de movimento, aos figurantes de theatro que entram por um lado e saem pelo outro, para fingir multidão; e como que me pareceu que aquillo era um «truc» do Rio de Janeiro para se dar ares de grande capital movimentada. . . Estava assim, quando me bateram ao hombro: «Oh! Frederiquinho!»

— Quem era?

— Era a Alzira.

— Queria ella alguma cousa?

— Queria dar-me. Nada mais.

— O que?

— A passagem do bonde.

— Tu não a tinhas?

— Tinha. Disse-lhe isso até; mas o meu aspecto era da mais completa miseria. Minha roupa estava sêbosa, meu chapéo de palha muito sujo, cabelludo, barba velha; e, além de tudo, sobreviera-me uma fraqueza de palpebras, que me

obrigava-a usar uns sinistros oculos escuros de mendigo semi-cégo. Apesar da minha recusa, ella insistiu de tal modo, de forma tão cheia de piedade e ternura, que me pareceu uma cruel des feita não lhe aceitar o cruzado.

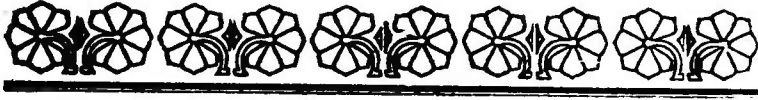
— Acceitaste ?

— Acceitei.

— Curioso !

— Está ahí a vagabunda do «Guaco», meu caro Chaves.

Levantaram-se, saíram do jardim e o advento da noite mysteriosa e profunda, era annunciado pelo accender dos lampeões de gaz e o piscar dos globos de luz electrica, naquelle magnifico fim de crepusculo.



A BARGANHA

E o «turco», desde muito cedo, andava pelos suburbios a mercar aquelles coloridos registos de santos. Havia um S. João Baptista, com a sua tanga, o seu bordão de pastor e o seu innocente carneiro que olhava doce tudo o que via fóra da estampa; havia um Christo com o coração muito rubro á mostra, coroadado de espinhos, e os olhos revirados para o Céu que naquelle dia estava lindo, de um profundo azul çobalto; havia uma «Ceia» em que Jesus presidia, mansueto e resignado, apesar de se saber trahido; e havia muitos outros santos e santas que o «turco» levava, alguns enrolados, mas outros diante do seu peito arquejante das suas caminhadas de humilde bufarinheiro, daquellas modestas paragens da cidade.

E elle ia :

— Compra, senhor ! muita bonita !

Das casas, ás vezes, lá saia uma mulher ou outra, de côres as mais variadas, e indagava com desprezo:

— Olá ! O que é que você leva ahí ?

Miguel José parava, approximava-se da porteira e respondia :

— Santa, sinhóra ! Muita bonita !

— Que santos tem ?

— Muitas, sinhóra. Tuda bonita.

Desenrolava os registos e a rapariga começava a examinar. De repente, á vista de uma daquellas oleogravuras, ella gritava :

— Leocadia ! Leocadia !

Lá do interior da casa respondiam :

— Que é ?

A outra acudia :

— Vem cá. Vem ver uma cousa.

Vinha uma outra rapariga e a que estava, recommendava, mostrando um dos quadros do «turco» :

— Vê só como é lindo este Menino Jesus.

A outra examinava e concordava. O «turco» se animava e perguntava :

— Não quer compra elle ?

Uma dellas ia ao encontro da pergunta do bufarinheiro :

— Quanto é ?

— Barata, sinhora.

— Quanto ?

— Dois mil reis.

— Chi, meu Deus ! E' caro, muito mesmo.

O pobre ambulante não fazia negocio algum; e continuava com a sua carga sagrada a palmilhar aquellas ruas que são mais propriamente veredas.

Ainda se houvesse arvores, sombra que amaciasse aquella manhã quente, embora linda e chrystalina, o seu officio seria supportavel; mas não as havia. Tudo era descampado e as ruas eram batidas pelo sol em chapa. Lá ia elle. As calças ficavam-lhe pelos tornozellos; o chapéo era de feltro, mas não se sabia se era preto, azul, cinzento. Tinha todas as cores proprias a chapéos dessa especie. Em um pé calçava uma botina amarella; em outro, um sapato preto.

— Cumpra, sinhór ! Coisa bonita de Deus ! Cumpra.

Foi dizendo isto a um petulante crioulo, muito preto, de um preto fosco e desagradavel, cabelleira grande, gordurosa, repartida ao alto, e o chapéo a dansar-lhe em cima della; foi dizendo isto a elle que lhe ia acontecendo uma grande desgraça naquella manhã. O negro, ao ouvil-o, che-

çou-se muito junto ao «turco» e indagou com um ar autoritario :

— Que é que você está dizendo ?

O humilde armenio pensou logo que tratava com um soldado de policia a paisana, pois lhe parecia que, na terra em que estava, todos os pretos são soldados e podem prender todos os armenios.

— Com essa convicção, Miguel José respondeu cheio de respeito e acatamento.

— Dizia, senhor : cumpra santo muita bonita :

O negro perfilou-se todo, tomou uns ares judiciais ou policiaes, chegou o chapéu de palha para a testa e disse :

— Você parece que não é civilisado.

— Cumo, senhor ?

— Sim ; você é hereje, inimigo de Nosso Senhor.

— Não, senhor.

O preto desarmou-se um pouco de seus ares judiciais ou policiaes, tornou-se mais suave, quiz se fazer de penetrante e sagaz. Perguntou :

— Você come carne de porco ?

E Miguel José olhou as montanhas pedregosas que elle via lá, longe, esbatidas no azul profundo da manhã, ressaltando quasi inteiramente na ambiencia translucida do dia, e lembrou-se da sua aldeia armenia, das suas cabras, das suas ovelhas, dos seus porcos.

A sua phisionomia dura contrahiu-se um pouco e os seus olhos de carneiro quizeram chorar de recordação, de soffrimento e de magua. Elle se encheu todo de uma pezada tristeza; mas poudé responder :

— Sim senhor, eu coma.

— Então você é christão ? insistiu o preto.

— Sim senhor; diga a senhor sou christão.

— Admira.

— Porque, senhor ?

— Porque você diz *vender, comprar* santos.

— Cuma se diz então ?

— Troca-se. Aprenda — está ouvindo ! E' falta de re-

speito, é sacrilegio dizer comprar ou vender santos. Aprendeu?

— Sim, senhor. Obrigada senhor.

E o crioulo se foi, deixando o pobre armenio arrazado por mais aquelle despota que passava sobre a sua pobre raça; mas mesmo assim, continuou na sua mercancia.

Lá se foi elle por aquellas ruas de tão caprichoso nivelamento que permite as carroças que por lá se arriscam, andarem no ar com burros e tudo. Lá ia elle :

— Cumpra, senhor! Muita bonita.

Subia, descia ladeiras; parava nas portas; mas não fazia negocio algum.

Num pequeno campo, encontrou uma porção de crianças a empinar papagaios. Parou um pouco para ver aquelle divertimento interessante que as crianças da sua terra não conheciam. Veiu um pequenote :

— O' Zé! O que é que você leva ahi?

— Santo, menina. Pede mamãe compra uma.

— Ora, esta! Lá em casa tem tanto santo—para que mais um? Vende ali, aos «biblias».

Miguel José percebeu bem a malicia da criança, pois de uma feita caíra na tolice de offerecer um registro a essa especie de religiosos e se vira atrapalhado. Não que o tivessem maltratado, mas um delles, baixinho, com um pince-nez muito puro de vidros chrystallinos, o levara para o interior da casa, lêra-lhe uma porção de cousas de um livro e depois quizera que elle se ajoelhasse e abandonasse os registros. Noutra não cahiria elle...

Continuou o caminho, mas estava cansado. Anceiava por uma sombra, onde repousasse um pouco. Havia muitas arvores, mas todas no interior das casas, nas chacaras, nos quintaes ou nos jardins. Uma assim publica, na margem da rua, em terreno abandonado que o abrigasse ahi, ahi, por uns dez minutos, elle não encontrava.

É seria tão bom descançar assim, fazendo o seu mingado almoço, para continuar até á tarde a sua faina, vendo se ganhava pelo menos uns dez ou cinco tostões de commissão com a venda daquellas cousas sagradas.

E continuou o seu caminho, tendo sempre exposta diante do peito, a imagem de Christo, coroado de espinhos, a mostrar o coração muito rubro, com os seus misericordiosos olhos a procurar o Céu, naquella manhã muito linda, de um profundo azul cobalto...

Afinal, achou uma mangueira, maltratada, cheia de ervas parasitas, a crescer na borda do caminho, num terreno desoccupado. Sentou-se, tirou da algibeira um naco de pão dormido, uma cebola e pôz-se a comer, olhando as montanhas pedroucentas que assomavam ao longe e lhe faziam lembrar a terra natal. Elle não tinha nenhum nitido pensamento sobre a vida, a natureza e a sociedade...

Não tardou que se lhe viesse juntar um companheiro. Era tambem um «volante» como elle; mas a sua mercancia era outra, menos espiritual. Vendia sardinhas, de que trazia um cesto cheio. Era um portuguez, cheio de saude, de força, de audacia. Vinha suado, mais do que o armenio; entretanto, não dava mostras de ter resentimentos nem do sol nem da dureza do seu officio. O armenio olhou-o com inveja e pensou de si para si :

— Como é que esse homem pode ser alegre, pode ter esperanças ?

O portuguez, sem auxilio, arriou o grande cesto na sombra e sentou-se tambem cheio de confiança e desembaraço. Foi logo dizendo :

— Bons dias, patricio.

Miguel José fez uma voz sumida :

— Bom dia, senhor.

O portuguez, sem mais aquella, observou :

— Qual senhor ! Qual nada ! Cá entre nós, é você p'ra baixo. Isto de senhor é lá p'ros doutores, não é para nós que andamos aqui aos tombos.

E emendou communicativo :

— Que diabo — oh patricio ! — que tu comes p'ra ahi ?

O «turco» disse-lhe e o Manoel da Silva considerou :

Lá na minha terra, ha quem goste disto ; mas eu nunca me acostumei. Cebola p'ra mim, só na comida. Numa bacalhôada, ah !...

Miguel José continuava a mastigar sua cebola com pão, enquanto Manoel da Silva contava a feria. Contada que ella foi, disse bem alto :

— Pela hora que é, as cousas não vão mal. Até ao meio dia vendo tudo . . .

Guardou o dinheiro na bolsa que tinha a tiracóllo e perguntou subitamente ao companheiro de accaso :

— Você já vendeu muito hoje, patricio ?

— Nada, senhor.

— Está você a dar com o tal de senhor !

Pergunto se você já vendeu alguma cousa hoje, homem?

— Nada.

— O que é que você vende ?

— Santo, senhor.

— Santo ?

— Sim ; santo.

— Deixa ver isto, como é ? fez o portuguez curioso.

O armenio passou-lhe os registos coloridos e o vendedor de sardinhas pôz-se a olhal-as com espanto e deslumbramento artistico de aldeão simplorio. Achou tudo aquillo bonito: aquelle Jesus, mostrando o coração; S. João, com o carneirinho ; o Menino Jesus — tudo muito lindo aos seus olhos maravilhados de camponez candido e enfeitado pelas cousas do sr. Vigario.

Reflectiu de si para si : «coisas tão bonitas, se não as vendeu, é porque este «turco» é mesmo burro. Commigo, já as tinha vendido, ganhado dinheiro e ficado com algumas, p'ra pôr lá no quarto».

Veiu-lhe uma idéa :

— Patricio ! Você quer fazer um negocio ?

Os olhos de carneiro do armenio luziram mais forte e com mais esperança.

— Qual é ? perguntou elle.

— Tenho ali na cesta cerca de vinte mil reis de sardinhas, vendidas a duas por um vintem. Se você vendel-as a vintem, ganha o dobro. Quer você trocar estes santos pelo cesto de sardinhas ?

Miguel José rapidamente pezou os prós e contras da operação commercial. Sabia bem por experiencia propria, que a população, até as crianças, se mostrava refractaria á mercadoria espiritual de que elle era portador ; e, pelo que lhe vira ainda agora nas mãos, a do seu companheiro não se portava da mesma forma.

Em se tratando de sardinhas, as cousas não corriam da mesma maneira como no tocante a santos. Considerou bem e logo respondeu :

— Tá feita senhor.

— Os dous se despediram e trocaram de carga. Miguel José voltou a passar pelos mesmos logares em que offerecera os registos, sem nenhum resultado ; mas, quando apregoou sardinhas, não teve mãos a medir. Vendeu-as a vintem, fez então escambos de compensação e, de tal forma correram-lhe as cousas que, dentro de tres horas, tinha vendido tudo, podia pagar os registos á loja e lucrava cinco mil e tanto.

Manoel da Silva; o alegre portuguez das sardinhas, saiu muito ancho com os seus registos; mas não foi logo vendel-os.

A frugalidade do «turco» tinha-lhe dado uma fome extraordinaria. Procurou uma casa de pasto e comeu a faltar, acompanhado de um bom martello de verdasco.

Bem alimentado, satisfeito, dispoz-se a «trocar» o S. João Baptista, o Menino Jesus, correndo a sua freguezia de peixes e crustaceos.

Batia as portas :

— Mamãe, dizia uma criança, esta ahi seu Manoel.

A mãe perguntava lá de dentro :

— Elle traz camarão ?

— Não, mamãe ; quer vender santos.

— Para que deu agora, seu Manoel ! Ora, vejam só !
Vender santos. Diga a elle que não quero.

Dessa e de outras maneiras, elle foi precorrendo em vão a sua freguezia das sardinhas, sem mercar uma unica estampa religiosa.

A sua alegria matinal se ia e todo o seu desgosto se voltava terrível contra elle mesmo. Não fôra o «turco» que o embrulhara; fôra elle mesmo que propuzera aquelle negocio. Era castigo. Ia tao bem com as sardinhas, para que fizera aquella barganha?

Andou até quasi a noitinha e nada vendeu. Ao recolher-se, ainda quiz ver as oleogravuras que o haviam deslumbrado.

Mirou uma, mirou outra e olhando-as firmemente, reflectiu:

— Se não fosse por faltar o respeito devido a N. S. Jesus Christo, que ahi está, eu havia de dizer que tudo isso são cousas do diabo que aquelle «turco» me impingiu. Nunca mais! T'arrenego!



A MATHEMATICA NÃO FALHA

Embora ainda não esteja aposentado de todo, já me julgo completamente desligado do emprego publico que exerci, na Secretaria da Guerra, durante quinze annos.

A vida de cada um de nós, que é feita e guiada mais pelos outros do que por nós mesmos, mais pelos acontecimentos fortuitos do que por qualquer plano traçado de antemão, arrasta-nos, ás vezes, nos seus ponta-pés e repelões, até onde nunca julgariamos chegar.

Jamais imaginei, em dia algum da minha vida, ter de ir parar naquelle casarão do Campo de Sant'Anna e testemunhar as sabias e pressurosas medidas que os Presidentes da Republica e os Ministros da Guerra põem em pratica para a efficaz defeza armada do Brasil.

Mas, successos imprevistos da minha vida, com dolorosas desgraças domesticas, num instante de necessidade e angustia, levaram-me até ali, fizeram-me ver bem profundamente, de excellente logar na platéa, uma das partes mais curiosas da administração republicana.

Não me despedi ainda do logar, mas, de qualquer modo, hei de fazel-o; e, quando de todo o fizer, penso bem que o farei sem saudades.

E não é propriamente por ser elle; fosse outro, creio, que se daria o mesmo.

Neste como naquella, nesta ou naquella profissão, tenham-se as melhores ou piores aptidões, o que se nos pede nessa sociedade burgueza e burocratica, é muita abdicção de nós mesmos, é um apagamento da nossa individualidade particular, é um enriquecimento de idéas e sentimentos communs e vulgares, é um falso respeito pelos chamados superiores e uma ausencia de escrupulos proprios, de modo a fazer os timidos e delicados de consciencia não supportar sem os mais atrozes soffrimentos moraes a dura obrigação de viver, respirar a atmosphera deleteria de covardia moral, de panurgismo, de bajulação, de pusillaniedade, de falsidade, que é a que envolve este ou aquelle grupo social e traz o socego dos seus phariseus e saduceus, um socego de morte da consciencia.

Os delicados de alma, nos nossos dias, mais do que, em outros quaesquer, estão fatalmente condemnados a errar por toda a parte. A grosseiria dos processos, a *embromação* mutua, a hypocrisia e a bajulação, a dependencia canina, é o que pede a nossa época para dar felicidade ao geito burguez.

E' a época dos registos e dos tabelliães, mas é o tempo das maiores falsificações; é a época dos codigos, sendo tambem o tempo das mais vastas ladroeiras; é a época das policias aperfeçoadas, apesar de que é o tempo dos crimes monstruosos e immanes; é o tempo dos fiadores, endossantes, etc., verificando-se nelle os maiores 'calotes'; é a época dos diplomas e das cartas, entretanto, sobretudo, entre nós — é o tempo da mediocridade triumphante, da ignorancia arrogante escondida atraz de diplomas de saber; etc., etc.

Quem fez nas primeiras edades uma representação da vida cheia de jussia, de respeito religioso pelos direitos dos outros, de deveres moraes, de supremacia do saber, de independencia de pensar e agir — tudo isto de accordo com as lições dos mestres e dos livros; e choca-se com a brutalidade do nosso viver actual, não pode deixar de soffrer até o mais profundo do seu ser e ficar abalado com esse traumatismo para toda a vida, desconjunctado, desarticulado,

vivendo aos trambolhões, sem norte, sem rumo e sem esperança.

Um espirito que creou, para si um ideal de vida muito differente de que a nossa actual de facto apresenta, conclue que tanto vale ter isto ou aquillo; que os homens são insupportaveis, tolos, injustos e que devemos vel-os, ricos ou generaes, doutores ou curandeiros, carvoeiros ou almirantes, ministros e os seus sabios secretarios, na sua hypocrisia de tartufos, na sua miseria moral, na sua abjecção necessaria, como actores de uma comedia que nos deve fazer rir, sem esquecer de ter pena delles, pois os seus esgares, as suas «pinturas», as suas roupagens brilhantes de reis, de principes, de papas ou os trapos de mendigos que os vestem, a sua «caracterisação», emfim, tem por destino ganhar dinheiro, afim de que não morram de fome.

Sem que me attribua qualidades excepçoes, detesto a hypocrisia e por isso digo que deixo o emprego sem saudades.

Nunca o amei, jamais o prezei. No começo, se tivessem respeitado justamente a dignidade do meu juramento, o meu trabalho e as qualidades de burocrata que eu tinha como todos os outros, talvez, mudasse de sentimento e, mesmo, como todos os outros, me tivesse deixado annullar commodamente no ramerrão burocratic.

Não quizeram assim, revoltei-me; e, desde essa revolta, que sei que os meus desastres são devidos muito a mim e um pouco aos outros. D'ahi para cá, todo o meu esforço tem sido livrar-me de tal logar, que é para a minha consciencia um fóco de apprehensões, transformando-se elle em um inquisitorial apparelho de torturas espirituas que me impede de pensar tão sómente no esplendor do mysterio e rir-me á vontade desses bonecos sarapintados de titulos e distincções que, não sem pena, me fazem gargarhar interiormente para mais perfeitamente gosar a bronca estulticia delles.

A minha sociedade agora não será mais a dos simuladores do talento, do trabalho, da honestidade, da tempe-

rança; será a dos *défroqués*, dos *toqués*, dos *ratés* de todas as profissões e situações, mas que sabem perfeitamente que falta confessada é *meia falta*, e também que Sardanapalo poderoso mandou pôr como seu epitaphio as seguintes e eloquentes palavras : *Fundei Tarso e Anchiãle, entretanto, estou aqui morto.*

Antes, porém, de esquecer totalmente os episodios desses meus quinze annos de vida que deviam ser os melhores della, mas que me foram os de maiores angustias quero registrar algumas passagens curiosas que observei, e também curiosas figuras que conheci, durante elles.

Todo o mundo está disposto, a accusar os burocratas desta ou daquella cousa feia : mas poucos se lembram das «partes» de certa especie que são de pôr um christão doido. Ha algumas que são verdadeiramente importunas, insupportaveis e de desafiar a paciencia de Job.

No meu tempo de Secretaria, havia por lá muitas, e de renitente especie. Lembro-me de um preto de quasi setenta annos, forte ainda, que, em um mez, fez entrar mais de dez requerimentos, pedindo a mesma cousa.

Chamava-se elle Agostinho Petra de Bittencourt e tinha sido músico de um batalhão de Voluntarios da Patria, que estivera no Paraguay. Dizia-se filho de um padre Petra que morrera ha mais de cincoenta annos, deixando uma incalculavel fortuna, em barras de ouro e pedras preciosas, em moedas de ouro e prata, que se achava depositada no The-souro. Era seu herdeiro, como seu filho; e, quando bem interrogado, Agostinho dizia que o padre era branco. Entretanto, não seriam precisos grandes conhecimentos anthropologicos para dizer-se, á primeira vista, que o herdeiro de fortuna tão grande não tinha nem uma gotta de sangue caucasico. Um jornal daqui chegou a tratar do caso; mas annos se passaram e só elle não deixou de falar na famosa herança...

A sua demanda com o Ministerio da Guerra, porém, era de outra natureza, e muito mais prosaica. Tendo vindo a lei que dava vitaliciamente aos Voluntarios da Patria, sobreviventes, o soldo dos postos e gradações com que

foram dispensados, ao terminar a guerra, Agostinho requereu lhe fosse concedida semelhante pensão como mestre de musica.

A Contabilidade da Guerra, consultando os documentos originaes da época, as folhas de pagamento, denominadas na linguagem militar —relações de mostra, só encontrou o nome de Petra como musico de 1.^a classe. O velho não se conformou e, daqui e dali, arranjou uma bibliotheca de Ordens do dia da guerra contra Lopes, que elle sobraçava dia e noite, onde o seu nome figurava como mestre de banda.

Armado com ellas, Agostinho foi a Ministros, a secretarios de S. Ex., a ajudantes de ordens de S. Ex., a todo o pessoal majestoso que recebe luz de S. Ex., queixar-se da imaginaria injustiça de que vinha sendo victima. Não havia nenhuma, mas Petra attribuia aos empregados da Contabilidade má fé, dolo, falsidade administrativa, quando elles tinham cumprido o seu dever.

Como, em geral, todos os requerentes, o pobre musico de batalhão só se queixava dos pequenos; e os grandes, ao receberem as suas queixas, aconselhavam que requeresse. E elle requeria sem dó nem piedade; e annos e annos levou elle pelos corredores do Quartel General, sobraçando a sua bibliotheca bellicosa, requeirando, resmungando, reclamando; e num mez até deu entrada a mais de dez requerimentos no sentido da sua modesta pretensão. . .

A' vista desse exemplo e de outros mais significativos, talvez, mas pouco pittorescos, é de crer que o Imperio e a litteratura patriotica da occasião tenham posto no espirito dos Voluntarios do Paraguay grandiosas esperanças de toda ordem. E' mesmo vezo de todos os governos, quando precisam de soldados para as suas guerras, isso fazerem. O nosso não podia fugir da regra e, ao ver-se a braços com o *El-Supremo* do Paraguay, se não disse francamente aos Voluntarios que, se voltassem, não teriam mais que trabalhar para viver, prometeu com certeza grandes cousas, pois todos com que tratei, estavam possuidos de uma forte convicção dos deveres do Estado para com elles.

Foi, naturalmente, esse sentimento multiplicado, quadruplicado, decuplicado, centuplicado e tambem deformado no espirito simples, primitivo e vaidoso de um ingenuo e ignorante preto que levou o major honorario do Exército, voluntario da patria, José Carlos Vital, ao mais completo desastre que se pode imaginar.

Vital foi, ha annos, uma figura popular do Rio de Janeiro. Todos devem lembrar-se de um pretinho muito baixo, meudo, feio, com feições de pequeno simio, malares salientes, labios moles, sempre humidos de saliva, babados mesmo, que era visto passar pelas ruas principaes, fardado de major honorario, com uma banda obsoleta na cintura, um espadagão antidiluviano, com o collarinho extremamente sujo e botas cambaias. . . Hão de se lembrar, por força ! Pois essa figura pouco marcial era o major José Carlos Vital.

Para obedecer á justiça, diga-se que todos o olhavam com respeito. Aos poucos, envaideceu-se com isto e não perdoava continência, brados d'armas e outras cerimoniaes militares devidas a seu posto. Ficou irritante e cavava assim a sua ruina. A vaidade matou-o como veremos.

Nos seus tempos aureos de «major», era Vital um simples servente do Arsenal de Guerra; e, quando deixava as suas humildes funcções, envergando solemnemente a farda e sobraçando com o braço esquerdo o espadagão, não era raro que, na primeira tasca, acceitasse um copo de paraty e contasse, encostado ao balcão da venda, á gente humilde e tresmalhada daquellas paragens, as suas proezas guerreiras. O Arsenal era naquelle tempo logar escolhido quasi sempre, para embarque ou desembarque de figurões de toda ordem e nacionalidade; e, quando isso se dava, o Major julgava-se obrigado a comparecer com o seu fardão, o seu espadagão, o seu collarinho sujo, as suas botas cambaias e o seu charuto de tostão. A's vezes mesmo, com tal toilette, apresentava-se no palacio do Cattete, para cumprimentar o Presidente da Republica, em dias festivos. . .

E' facil de imaginar como a presença de semelhante heróe quebrava a harmonia de tão solemnes e graves ceri-

monias por demais obedientes ao protocollo e ás regras de precedencia. Mas o Major, «Voluntario da Patria» que era, nunca quiz convencer-se de que o seu heroismo ficava mal em taes logares e devia somente brilhar no largo da Sé, no do Moura e em outras molduras dessa natureza que lhe eram adequadas e proprias. Um bello dia apparece um outro José Carlos Vital, Major como elle, Voluntario da Patria como elle, mas branco e modestamente vivendo em Pernambuco, recebendo tambem etapa de asylado lá como o seu homonymo preto recebia aqui. Abre-se inquerito; cada um dos José Carlos Vitaes apresenta as suas provas de identidade; a indagação da verdade é feita com o maximo criterio e imparcialidade, acabando-se por concluir que o de Pernambuco é o authenticico, embora o daqui não tenha procedido de má fé. O festejado heróe do largo do Moura, do becco da Batalha, o orgulho das ultimas pretas-minas que conheceram o Principe Ubá, perde as honras, o emprego, a etapa de asylado, enuiuva do fardão, para sumir-se dentro de um velho fraque de paisano vulgar.

E aquella satisfação de ser Major, com as suas honras, privilegios, garantias, e isenções esvae-se, some-se, foga da sua triste vida de filho sem pae e que da mãe não tem a mais vaga lembrança; essa satisfação infantil que lhe resgata os padecimentos de creança desvalida e levada em tenra idade, como se verificou, para os campos de batalha — essa satisfação se anniquila completamente como se o destino não lhe quizesse dar, nos seus ultimos dias de vida, essa vã e pueril consolação, — como não se lhe quizesse dar a minima illusão de felicidade, a elle que passará toda a existencia, esmagado, humilhado, sem prazeres, sem alegrias, talvez, mesmo as mais vulgares!... Ah! A Vaidade...

Chamei de vã e pueril a consolação que podem dar as honras que envaideciam o «Major». Será verdade? Vi tanta gente disputal-as; vi tantos homens de condições de riqueza e instrucção mais variadas, requestal-as que estou disposto a crer que errei quando assim as classifiquei.

Não poderei citar muitos casos de pedidos dellas, porque

quasi todos, por communs de argumentação e motivos, me escaparam da memoria; mas um, por ser sobremodo grotesco, viveu-me sempre na minha lembrança e, ainda hoje, quando d'elle me recordo, causa-me riso. Conto-o. Um Voluntario da Patria chamou em seu auxilio ou tentou chamar, a arithmetica para obter o justo agaloamento a que se julgava com direito. O sr. José Dias de Oliveira, porteiro addido do extincto Hospital de Andarahy, vivo ainda, como o são tambem os outros dous seus collegas a que alludi, era um velho pesadão curto de membros e de corpo, com umas abundantes e longas barbas mosaicas, ventre proeminente e accentuado na sua redondeza, voz cava, que, de quando em quando, apparecia na Secretaria, afim de procurar com um seu amigo funcionario della «o livro dos Voluntarios da Patria». Só elle conhecia esse livro e elle o pedia com a maxima insistencia. A sua voz cava não permittia grandes gritos; mas assim mesmo, nos dias de reclamação, conseguia encher os corredores e as salas com o seu rouco vozeiro. Quem o visse, nesse transe, poderia apreciar o gesticular desenfreado com que acompanhava a sua abafada gritaria e o cuidado constante que tinha, para não lhe cairem as calças pernas abaixo: Movia todas as partes do corpo que permittiam movimento: os braços, as pernas, a cabeça, o pescoço; e falava, falava, semi-gritando.

Queria o tal «livro» para resolver ou justificar os seus direitos, que tinham o apoio da mathematica. Era, argumentava, tenente honorario e fôra tenente da policia do Paraná. Ora $2+2$ são quatro. Logo, elle possuia quatro galões, o que equivale a dizer que era Major e, como tal, tinha direito á patente desse posto. De alguma fôrma, penso eu agora, o sr. José Dias de Oliveira tem razão. Se o esoterismo positivista da geometria e do calculo tanto correu para o 15 de Novembro, não é de mais que a kabala da taboada de sommar auxiliasse a pretensão do porteiro addido do antigo Hospital do Andarahy: $2 + 2 = 4$. Elle é, portanto, Major. A mathematica não falha. . .



UMA CONVERSA VULGAR

O meu conhecimento com aquelle veneravel velho *neto* viera devido ás relações que mantive com um seu neto, que fôra meu collega de collegio. Isto que se passou comigo e elle, e conto agora, deu-se ha annos.

Tinha eu totalmente, por aquella epocha, abandonado os estudos, o neto já havia fallecido; e, abandonando os estudos, como se diz, procurara e já occupava um emprego publico. Apesar da irremediavel falta do meu antigo collega, continuava a frequentar a casa do velho Florencio, cujas conversas muito apreciava. A sua residencia era fóra da cidade, em um sitio lá pelas bandas de Campo Grande, bem tratado, com muita laranja, capados, gallinhas, perús; e a casa de moradia era vasta e tinha muitos commodos.

Elle morava com a filha, mãe do meu antigo collega, uma mocetona, irmã deste, e um seu irmão, que poderia ter ahi os seus cincoenta e poucos annos, um typo acabado de pequeno proprietario rural das nossas terras.

Este irmão, o mais moço dos quatro, sendo que dois já eram mortos, tinha tido uma mocidade accidentada; e, aos quarenta e poucos annos, socegára, fazendo-se o mais plácido roceiro que se póde imaginar.

Aposentando-se Florencio no lugar de escrivão do almoxarifado da Marinha, viera elle morar com o irmão ali, acompanhado da filha, viuva com dois filhos, um dos

quaes, o homem, como já disse, fôra meu collega no internato secundario.

Quando scismava, sem mesmo me annunciar, ia aos sabbados para lá, dormia e todo o domingo, fosse a cavallo pelos arredores, fosse jogando o sólo, nós tres — elle, o irmão e eu — passava-o eu na maior satisfação.

Não era lugar bonito, mas era são, e toda a gente do velho Fulgencio era de uma meiguice para mim de me encher de saudades quando sahia de manhã, segunda-feira, para vir para a morrinha da repartição.

Calhou aquella segunda-feira cahir em dia que era do recebimento da sua aposentadoria no Thesouro. Fulgencio disse-me logo, pela manhã, na segunda-feira :

— Você, Bandeira, acompanha-me até o Thesouro, que quero ir com você até ao Pão de Assucar, no tal bonde aereo.

Sendo os primeiros dias do mez e eu não tendo faltado até ali, podia bem acompanhá-lo no passeio que premeditava.

Florencio contava perto de setenta annos mas ainda era forte, pisava com liberdade e segurança e a sua conversação tinha o pittoresco e o encanto singular de ser como as «memorias» vivas do Rio de Janeiro.

Muito observador, com uma memoria muito fiel para datas e physionomias, tendo vivido em certas rodas de algum destaque, podia-se, conversando com elle, saber a vida anecdotica do Rio de Janeiro, quasi desde a coroação e sagração de Pedro II, em 1841, até os nossos dias.

Apreciava-o muito por isso, e, sem precisar provocal-o, bastava um incidente qualquer, uma velha casa avistada, em qualquer parte, um encontro, um sobrenome, para elle me contar historias pittorescas da vida social, politica, sentimental ou escandalosa do segundo reinado.

Sahimos do Thesouro logo que recebeu o seu dinheiro, e fomos em demanda do Largo de S. Francisco.

Notei que elle olhava para um lado e outro, como procurando alguém. Quasi no meio da praça, quando a atravessamos, em direitura á rua do Ouvidor, veio a seu en-

contro um homem, não muito velho, orçando ahi pelos quarenta e poucos, mas avelhantado, sujo mesmo, barba por fazer. Era mulato claro, de feições regulares. Logo que se apertaram as mãos, Florencio disse ao outro :

— Você não foi ao Thesouro !

— Atrazei-me...

E gaguejou, sem encontrar desculpa.

O velho meu amigo não esperou que elle a encontrasse e foi dizendo :

— Você não toma juizo... Onde você está morando ?

— No mesmo quarto, «seu» Florencio.

— Por que não vae lá para casa descansar um pouco ?

— «Seu» Florencio, é longe... Aqui sempre faço os meus biscates...

— Bem. Tome lá Ernesto.

E puxou uma nota de dez mil reis e deu-lh'a.

Senti no olhar do Ernesto uma doida vontade de ir-se, logo que sentiu o dinheiro na algibeira.

Afinal deixámos o rapaz e reencetámos o caminho da rua Ouvidor. Eram quasi duas horas da tarde e o largo de S. Francisco, se bem que decahido do antigo movimento, quando todas as linhas dos bondes de S. Christovão e Tijuca nelle paravam, tinha alguma agitação.

Emparelhávamos com a estatua, quando o velho Florencio me disse :

— Você conhece esse homem ?

— Não.

— E' filho do visconde de Castanhal.

— Como ? O capitalista ?

— Sim ; o capitalista.

— Não se acredita.

— Vou contar a você como elle o é. Quando Castanhal chegou aqui era simplesmente José da Silva. Homem tenaz, abriu, onde hoje é a luxuosa rua Gonçalves Dias, antiga dos Latoeiros, uma casa para vender leite em copos, em garrafas e lacticínios. Não havia dessas casas na cidade e logo foi a delle se afreguezando. Silva attendia á freguezia na sala; e no interior, para encher as garrafas, lavar os co-

pos, cozinhar para elle e tratar da sua roupa, tinha uma preta com quem vivia amasiado.

Na rua Gonçalves Dias, canto da do Ouvidor, naquella época, vinham parar os bondes da Jardim Botânico, cujo titulo era então em inglez. José da Silva lembrou-se de gelar o leite, isto é, pôr certo numero de garrafas mergulhadas no gelo, que vinha da America do Norte, nos porões dos navios, pois ainda não se havia descoberto o processo de fabrical-o artificialmente.

O leite gelado «pegou», como se diz; e sendo o logar frequêntado, em breve José da Silva viu-se obrigado a augmentar a casa que até ahi só tinha duas portas. Um outro seu patricio invejou-lhe a sorte e Silva, finorio que era, tratou logo de passar o estabelecimento adiante com grande lucro. Mas... eu não contei a você uma coisa:

— Qual é?

— O Silva e a creoula tiveram um filho e o mulatinho cresceu até aos cinco ou seis annos, na leiteria de Silva, conhecido dos freguezes como filho d'elle. Assim o conheci.

Passaram-se cinco ou seis annos sem que eu soubesse do Silva, creoula e filho, quando, indo a Catumby e passando na porta de uma estalagem, vejo approximar-se de mim uma creoula que me tratava pelo nome. Disse-me que era a rapariga de José da Silva, em cuja casa de lacticínios me conheceu. Ha tres annos — é ella a fallar — elle, o Silva, a abandonara, para casar-se convenientemente. Nada déra a ella nem ao filho; e a sua vida, com o pequeno Ernesto, havia sido até aquelle dia um tormento de angústia e de miserias. Mandei que me procurasse em casa. Morava por esse tempo com minha mãe e irmãos na rua do Senado, numa casa de altos e baixos, com uma chacara que dava para o morro já desaparecido. Falei a minha mãe que a admittisse em casa ao que ella accedeu; e, por minha vez eu, que já estava na Marinha, conseguí collocar o molecote no Arsenal como aprendiz. Minha mãe morreu, etc., etc...

O pequeno prosperou, aprendeu a ler, fez-se em breve official; e, quando acabámos com a casa paterna, elle pôde

armar a sua e sustentar a mãe. Parecia marchar muito bem e Ernesto nunca me deixou de procurar. Gostei sempre delle, pois era bom filho, honesto, zeloso, e digno de toda a protecção.

Ha não sei que desgosto recalcado nessa gente, não sei que ponto fraco, que rachadura, que elles acabam sempre arrebrandando de alguma fórma. Este Ernesto depois da morte da mãe deu em beber. Perdeu o emprego e vive agora como você vê. Tenho muita pena delle, dou-lhe dinheiro, sabendo mesmo que é para beber; mas não sei que coisa me diz, que tenho alguma culpa nas carraspanas que transformaram esse rapaz ou na razão da transformação que o levou a bebedeiras contínuas, que me apiedo delle, do seu vício e lhe dou dinheiro.

— Que pae !

— Não ha muito que censural-o. Hoje, não sei; mas, naquelle tempo, essas ligações preliminares, introito e prefacio do veneravel casamento com benção sacerdotal e sacramental da igreja, eram admittidas; e as suas rupturas simples, inflexiveis, assim como a do Silva com a mãe do Ernesto, não vexavam ninguem.

Os futuros sogros, para dar o «sim» aos futuros genros, só admittiam uma coisa: é que ellas, as rupturas, se realizassem e os seus genros futuros nunca mais procurassem, não só as raparigas, o que era justo, mas o filho ou filhos tambem . . .

Nós tinhamos chegado á Avenida Central. A moderna via publica tinha o movimento do costume: os mesmos «mirones», os mesmos estafermos com as mesmas caras idiotas para as mulheres e moças que passavam. Subitamente, Florencio, pega-me pelo braço e, apontando, diz:

— Você sabe quem é aquella moça que vae ali ?

— Onde ?

— Com aquellas duas senhoras ?

— Quem é ?

— É a filha mais moça do Castanhal; é irmã do Ernesto que acabámos de deixar.

Ainda me demorei olhando pelas costas a moçoila que seguia em direitura á rua do Ouvidor; e considerei bem o seu vestuario caro, na moda, de cujo corpete surgia o pescoço bem modelado e de uma linda tinta moreno claro.

INDICE

INDICE

	PAOS-
Amplius! (prefacio)	7
O moleque	13
Sua Excellencia.....	27
Harakashy e as Escolas de Java.....	30
Congresso Pan-Planetario.....	42
Cló.....	47
Hussein Ben Ali-Al-Balek e Miquêas Habacuc.	60
Agaricus auditeæ.....	73
Adelia.....	85
O Feiticeiro e o Deputado.....	89
Uma noite no Lyrico.....	94
Um musico extraordinario.....	100
A Bibliotheca.....	107
Livia.....	117
Magua que rala.....	122
Clara dos Anjos.....	142
Uma vagabunda.....	154
A barganha.....	159
A mathematica não falha.....	167
Uma conversa vulgar.....	175

ERRATA

Durante a impressão deste livro, por motivos totalmente íntimos, foram atormentadas as condições de vida, tanto da do autor como da do seu amigo que se encarregou da revisão das respectivas provas. Não foi possível, por isso, que o primeiro seguisse esse trabalho enfadonho, como era do seu dever, e que o segundo puzesse toda a sua atenção na ingrata tarefa a que se havia imposto com a máxima boa vontade.

Dessa forma, a modesta obra sahiu impressa cheia de «gatos», alguns, por insignificantes, capazes de serem immediatamente corrigidos pelo leitor de bôa fé, como sejam: a troca de *a* por *o* e vice-versa, a omissão de certas palavras, algumas faltas na pontuação, etc; entretanto ha outros descuidos mais graves que precisam ser indicados e emendados. Como são, relativamente, muitos, a errata que se segue, sai um pouco longa. O editor e o autor pedem ao leitor mil desculpas por esse defeito do livro, que, embora pequeno, os acabrunha immensamente; mas são obrigados a fazel-o, no proprio interesse do leitor.

Eis a errata :

Pags.	linhas	Onde se lê :	Leia-se :
7	13	quer	quiz
15	11	religião	reliquia
16	10	trancos	tranca
17	1	esquecel-a soturnamente e a luz do sol	esquecel-as soturnamente; e pensa-se isto sob a luz do sol
17	3	como se vê	tal como se vê
17	8	manacás	maricás
17	9	tocavam-no	tôcavam-se
18	25	provocação	provação

Pags. línhas	Onde se lê :	Leia-se :
21	3	vive
21	4	vive
22	15	aborreciam-no
23	14	estar matando-se
24	19	Diz
32	12	felicidade
33	26	complicação
34	25	meio
35	20	olhos
35	26	escreve
38	25	palacete
41	21	javanéz
47	1	Clo
49	18	attencões
55	4	ensinar-lhe
59	3	tudo que
61	5	da
61	6	procurou,
61	15	desponderadamente
61	15	que não o
61	23	E assim que
62	10	boches
62	37	a joia era inteiramente
63	3	falsa
63	14	Salira
65	19	imbecis
66	23	pellegas de carneira
67	22	Era tido como
67	24	vende
68	6	Seger, á guerreira
71	16	sentin
72	11	a genuina
75	25	do Beirão, a que
75	27	ás mesmas
78	2	desmerito
78	6	seres
81	20	graduado que
103	30	menos
103	37	primeira
111	8	E tentastes ?
122	9	Havia-as
123	11	tres
123	30	rethorica
125	31	fresco
126	32	de filho
128	29	nobre
		quer outras
		vive
		vive
		aborrecia-o
		estar se matando
		Dize
		facilidade
		compilações
		mão
		obras
		escreveu
		planeta
		javanéza
		Clo
		attracções
		ensinar-lhes
		tudo o que
		na
		procuram,
		despudoradamente
		que não ha no
		E assim foi que
		bôbos
		as joias eram inteira-
		mente falsas
		Salisa
		infieis
		pellegos de carneiro
		Era como
		vendo
		Alger, a guerreira
		sen tio
		a guerreira
		do Beirão, epocha que
		a semelhantes
		demerito
		seus
		graduado com que
		nervos
		provincia
		E tentaste ?
		Havia-as
		taes
		rhetorica
		fosco
		da filha
		pobre
		quer outros

OBSERVAÇÃO

Quando a impressão deste livro ia já pela metade, occorreu o fallecimento de Prudencio Cotegipe Milanez, a quem é elle dedicado. Milanez foi meu chefe de secção na Secretaria de Estado da Guerra; mais do que isso, porém, foi um meu amigo bondoso e paternal.

Não fôra elle e alguns outros companheiros, não me lembraria mais de que havia passado pelas catacumbas do Quartel General, onde se guardam, com o maximo cuidado, nos seus ataúdes, adornados de bellos dourados e pinturas, tantas mumias que nem hieroglyphos enigmaticos possuem nos seus caixões mortuarios, afim de permittir ao curioso, com esforço e sagacidade, decifrar-lhes os nomes o que foram e o que fizeram de util e grande na vida.

Milanez morreu, como já foi dito; e a dedicatória devia ser em outros termos: á memoria, etc., etc., etc. Tem de ficar como está, fazendo crêr ao desprevenido que elle ainda é deste mundo. Não havia inconveniente algum nisso, pois, para mim, talvez seja essa a fórmula exacta e justa de homenagear o meu generoso amigo, tanto elle é vivo na minha saudade e na minha gratidão. Era preciso, entretanto, explicar isto ao leitor; e é o que estas breves linhas pretendem.

Rio, 8 de Dezembro de 1920.

L. B.

Juízos criticos formados em torno da personalidade de Lima Barreto, através dos seus livros e do seu formoso temperamento de romancista, por escriptores e jornalistas laureados do nosso meio :

MEDEIROS E ALBUQUERQUE :

«O Triste Fim de Polycarpo Quaresma — prova mais uma vez que o sr. Lima Barreto é um admiravel romancista. O livro tem os melhores caracteristicos dos bons romances : sucinta, de principio a fim, o maior interesse e dezenha rigorosamente tipos, que a nossa imaginação evoca com inteira nitidez.»

ANTONIO TORRES :

«O unico romancista de valor, o unico romancista verdadeiro e que é um dos grandes homens deste paiz, não faz parte da Academia : é Lima Barreto.»

OLIVEIRA LIMA :

«O sr. Lima Barreto é no romance brasileiro o que Hogarth foi na pintura ingleza. Ambos pintam os ridiculos e as faltas da sociedade em que se movem. Ninguem hoje, no Brasil, cultiva o genero litterario do romance com tanto talento e tanta felicidade quanto esse ironista sem rebuços nem artificios.»

CONDE AFFONSO CELSO :

«Em Lima Barreto, se a ironia é, de ordinario, mais directa, mais accentuada, mais mordaz, suavisa-se, não raro, em maviosas notas de piedade e commiseração.

Como quer que seja, — Triste Fim de Polycarpo Quaresma representa uma das mais suggestivas e commoventes obras de ficção ainda publicada em nosso idioma.»

JUIZOS CRITICOS

JOSÉ OITICICA :

«Lima Barreto conseguiu dar-nos o admiravel quadro vivo desta sociedade onde impera o cafagestismo.

Fel-o com as raras qualidades de romancista eximio que sobredeiram a Machado de Assis.»

ADOASTO DE GODOY :

«Polycarpo Quaresma — é obra de um ironista, de um «blaguer», de um pessimista, mas, sobretudo, isso — de um artista com raros dons de observador, com um sentimento muito exacto da realidade, agudo, simples, claro.

JACKSON DE FIGUEIREDO :

«Um livro de Lima Barreto é, hoje em dia, um livro de mestre, porque, incontestavelmente, no romance social contemporaneo, Lima Barreto é dos que estão na primeira fila, sendo mesmo o primeiro da sua geração».

MIGUEL MELLO :

«Na Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, Lima Barreto é o mesmo admiravel escriptor de sempre.

Chamo a attenção para esse trabalho de um escriptor que, pelo seu talento e pela sua originalidade, bem merece a predileção do publico».

VICTOR VIANA :

«O sr. Lima Barreto é como o sr. Machado Assis, um humorista de genero inglez, e que se assemelha também a humoristas francezs como o sr. Anatole France.

O sr. Lima Barreto já produziu obra que ficará, e ninguém como elle penetrou em muitos dos segredos da alma da cidade.

Ha, na Vida e Morte de Gonzaga de Sá, paginaç magistraes de observação mordaz e de analyse psychologica e onde accrescenta a série já característica de typos, figuras, e boutades do sr. Lima Barreto, muitos outros traços que ora fazem sorrir, ora fazem pensar...

JUIZOS CRITICOS

GASTÃO FRANCA AMARAL :

«Lima Barreto já é um escriptor consagrado.

Dentre as qualidades do auctor da *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, destacam-se : o poder de observação e a naturalidade do estylo.

Os seus typos são perfeitos exemplares de humanidade e realidade, nada tendo de artificiaes e convencionaes; suas paisagens, marinhas e quadros exprimem uma visão cosmica verdadeira.

O estylo da *Vida e Morte de Gonzaga de Sá* merece a qualidade de *quasi sem rhetorica*, dada por Albalat aos estylos sobrios e athenienses de Renan e Anatole France».

MONTEIRO LOBATO :

«De Lima Barreto não é exagero dizer que lançou entre nós uma fórmula nova de romance. O romance de critica social sem doutrinarismo dogmatico.

Conjuga equilibradamente duas cousas : o desenho dos typos e a pintura do scenario. É um revoltado, mas um revoltado em periodo manso de revolta. Em vez de colera, ironia; em vez de diatribe, essa *nonchalance* filosofante de quem vê a vida sentado n'um café, amolentado por um dia de calor...

JOÃO RIBEIRO:

«*Vida de M. Gonzaga de Sá*, romance de admiravel *humour*, de fina graça, na especie das novellas o livro de maior consideração e de mais alto merecimento na bibliographia deste anno (1919).

Varios romances temos lido actualmente e em nenhum delles, alguns excellentes, achamos o deleitoso frescor, a limpida fragancia de simplicidade e profundeza deste livro.

Lima Barreto é certamente um dos espiritos mais notaveis da nova geração de escriptores.

Arte, cultura, graça e amena simplicidade de estylo casam-se aos dons de harmonia architectonica das suas obras.»

TRISTÃO DE ATHAYDE:

«Humorista, caricaturista, com uma visão dolorosa dos males e ridiculos sociaes, temperada pelo pudor de soffrer, Lima Barreto procura esquecer o quotidiano — *vinum laetificat cor hominis*.

Creou typos impereciveis e perpetuou os nossos meios urbanos de mais character: a imprensa, a politica, a repartição —, fixando

JUIZOS CRITICOS

a paisagem familiar do Rio. Què o mal de viver não emmudeça esse raro e doloroso artista, que conhece o segredo da arte literaria —, escrever nas entrelinhas.

FABIO LUZ:

«Nenhuma lição de moral pratica é mais efficaz do que a cortante ironia, satyrisante e cruel, do revoltado Lima Barreto, mixto de Heine e Max — Twain — que ninguém sabe como tem vagares para escrever paginas de tão perfeita observação, no apparente desregramento de sua vida, despreoccupado das conveniencias sociaes, perambulando constantemente pela cidade, parecendo indifferente ao mundo, que o cêrca, e armazenando, como em placas photographicas, todos os variados aspectos da vida social carioca, principalmente carioca, representação sublimada da vida brasileira.»

PEDRO COUTO:

«Lima Barreto faz do romance não uma obra de ficção em que o mundo real só entre como modelo imprescindivel aos exageros que a arte impõe, mas sim, um meio de critica social, um processo de analyse intenso e por vezes doloroso, tal a sua verdade, dos costumes e dos homens de seu tempo.»

JOSÉ SATURNINO BRITTO:

«No romance de Lima Barreto ha mais a considerar a maneira com que a principal personagem (*Isaias Caminha*) ganha vulto de pagina em pagina, pungida de uma nobre magua que, ao envez de abatela, ergue-a solemne, philosophicamente, movida pela mola do genio, não sem provocar-lhe nos nervos revoltas capazes de esbordoar villões, ora a torna-a perplexa, presa a nm máo estar que lhe ameaça de aniquilar a acção, diante do gratuito insulto social, do ignobil desproposito entre os individuos d'uma terra onde o criterio é incerto, perante a humanidade que não soffre consequencias moraes da raça, porém que só depende da luz d'um espirito que é o mesmo debaixo de todos os céos.»

JAYME ADOUR DA CAMARA:

«No seu recente livro *O Romance no Brasil*, Paulo de Gardenia, classificou Lima Barreto — espirito irmão — mordacidade discreta, ao lado de Anatole France; e se assim o fez, o critico não obedeceu senão a um criterio verdadeiro, pelo menos mostrou

JUIZOS CRITICOS

que comprehendeu o escriptor, traduzindo o seu sentimento, sem se atolar no inevitavel, muita vez, das comparações campanudas e confrontos imbecis.»

HUMBERTO DE CAMPOS :

«Lima Barreto conquistou nas letras brasileiras, desde a publicação das «*Memorias de Isaias Caminha*», um lugar de relevo entre os nossos romancistas de costume.»

LUIZ DE MORAES :

«Apezar das hostilidades surdas do ambiente, apezar da indiferença publica pelas coisas intellectuaes, Lima Barreto dedicou-se, com toda a sua alma e com todo o fulgor do seu espirito. ás suas novellas.

Todo o publico do Brazil que lê, conhece e admira essas paginas repletas de «*humour*» e de observações amargas e ironicas. «*Clichés*» magnificamente nitidos da vida carioca, onde todos nós reconhecemos os typos preciosos da nossa pequena e pedante burguezia, com os seus ridiculos ingenuos e as suas virtudes, os romances de Lima Barreto são bem e, eminentemente, brasileiros.»

MURILLO ARAÚJO :

«Euclides da Cunha ameaçou os malvados combatentes de Canudos com a Historia e por meio della vingou-se delles; o admiravel escriptor do «*Isaias Caminha*» fez o mesmo com os combatentes floriantistas. Agora Euclides era o nevrotico de nobre estylo, escrevendo em cachoeira — torrente em febre, impetuoso amantecantando ou antes urgindo; Lima Barreto tem a expressão de uma agua immota, mais clara, mais serena, ás vezes mais profunda, espelhando as cousas exactamente como são.»

NESTOR VICTOR, de um trecho de carta :

«Teu livro faz inveja a um homem, meu Lima Barreto. E' do^s que os vindouros hão de por força procurarem para conhecerem, sorrindo commovidos, o que já se passou. Lembra lagos candidos, mas profundos, reflectindo paisagens e céos.

Tu, Lima, és bem irmão dos teus irmãos fluminenses, dos Manoel de Almeida, dos Joaquim M. de Macedo, dos Machado de Assis.»

Numa e a Nympha

de LIMA BARRETO

(Romance da vida contemporanea).

LIMA BARRETO é o romancista typo do nosso tempo, no desenhar figuras, scenas e lances.

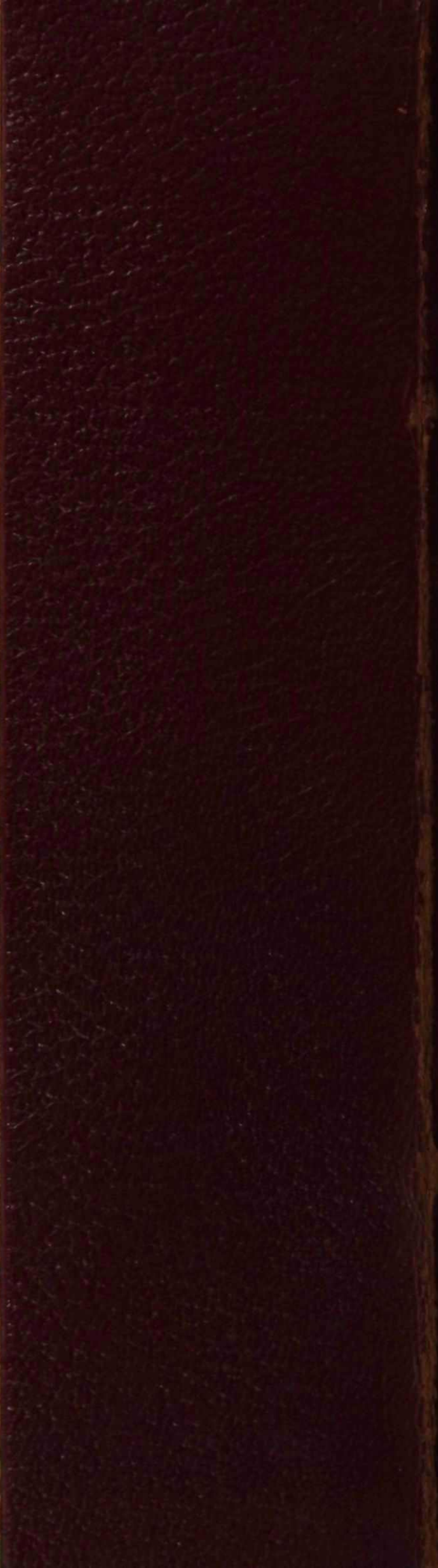
Nada melhor dirá deste seu trabalho, do que citar os seguintes trechos que caracterisam a obra :

.....
A noite se fez totalmente. Numa dormiu profundamente as primeiras horas. Tinha os nervos fatigados, todo elle gra cansaço e pedia repouso. Dormiu; mas, pelo meio da noite, despertou. Procurou a mulher ao lado. Não a encontrou. Recostou-se. Lembrou-se, porém, da combinação que tinham feito. Teve amor pela mulher, sentiu-a boa e o seu sentimento por ella se separava agora de todo e qualquer interesse, de toda e qualquer ambição.
.....

.....
Pensou em ir ver a mulher; em ir agradecer-lha com um abraço o trabalho que estava tendo por elle. Calçou as chinellas e dirigiu-se vagarosamente, pé ante pé, até ao aposento onde ella estava. Seria uma surpresa. As lampadas dos corredores não tinham sido apagadas. Foi. Ao approximar-se, ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se immediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo...
.....

1 Vol. com bonita capa illustrada . . . 1\$000

— A' venda nesta Livraria. —



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).